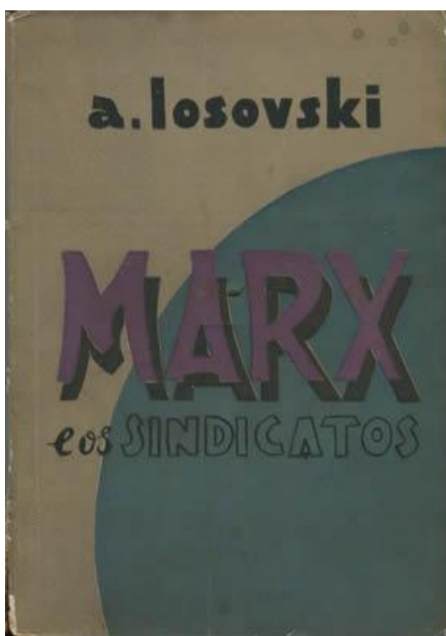


MARX E OS SINDICATOS

O Marxismo Revolucionário e o Movimento Sindical

A. Losovski

Índice



Capítulo I — A posição dos sindicatos na luta geral de classes do proletariado

Capítulo II — Marx contra o proudhonismo e o bakuninismo

Capítulo III — A luta contra o lassallismo e todas as variedades do oportunismo alemão

Capítulo IV — Marx e o movimento sindical na Inglaterra

Capítulo V — Marx e o movimento proletário francês

Capítulo VI — Marx no outro lado do Atlântico

Capítulo VII — Marx e as lutas pelas reivindicações parciais da classe proletária

Capítulo VIII — Marx e o movimento grevista

Capítulo IX — Os pseudo-marxistas e os críticos sindicais de Marx

Capítulo X — Marx, organizador da classe proletária

Capítulo XI — Pelo marxismo-leninismo no movimento sindical

Capítulo I

A Posição dos Sindicatos na Luta Geral de Classes do Proletariado

Marx começou a pensar como político, justamente quando os sindicatos acabavam de nascer, e tornou-se comunista, quando em alguns países os sindicatos ainda se encontravam nos primórdios de sua cristalização. Estes vinham surgindo do seio de diversas formas de mutualidades (França), enquanto que em outros países (Inglaterra), fomentavam greves econômicas e incitavam à luta pelo direito de sufrágio. Estendiam-se ante os olhos de Marx formas embrionárias de organizações sumamente primitivas, ideologias e convênios coloridos com todos os sinais reveladores de sua origem.

E a grandeza de Marx consiste precisamente em ter pressentido que este embriões nada mais eram que **vagidos infantis** da classe proletária, e que por isso, estas formas primitivas do movimento não poderiam servir de base para um julgamento do papel histórico destas organizações, nem das causas do seu desenvolvimento.

Marx via nos sindicatos, antes de tudo, **centros organizadores**, focos de agrupamento das forças proletárias, organizações destinadas a dar-lhes sua primeira educação de classe. O fato dos **proletários dispersos e em concorrência mútua, começarem a atuar conjuntamente**, parecia-lhe de importância fundamental. Via aí a garantia da transformação



Losovski

da classe proletária em uma força independente. Engels e ele insistem frequentemente na doutrina de que os sindicatos são escolas de solidariedade, escolas de socialismo. Sua correspondência nos proporciona, a este respeito, abundante material. Suas cartas expõem aberta e brutalmente uma série de questões que, tendo em conta o nível do movimento, não podiam ser expostas na imprensa socialista internacional.

Os sindicatos são escolas de socialismo. Marx, porém, não se limita a enunciar fórmulas. Desenvolve seu pensamento, abordando a questão dos sindicatos em seus aspectos distintos. É ele o autor da resolução adotada no Congresso da I Internacional, celebrada em 1866 em Genebra, sobre “O passado, presente e futuro dos sindicatos”. Qual foi, então o passado dos sindicatos?

“O capital é poder social concentrado, enquanto que o proletariado dispõe unicamente de sua força de trabalho. O ajuste entre o capital e o trabalho não pode, pois, apoiar-se em condições legítimas. Sofre da mesma desproporção o próprio sentido de justiça de uma sociedade que coloca a posse dos meios materiais de vida e de produção de um lado, e a força produtiva vivente, de outro.

A única força social do lado do proletário, é a sua massa. Mas a força da massa dissolve-se quando há desunião. A separação entre os proletários é o produto e o resultado da inevitável concorrência entre eles próprios. Os sindicatos nascem precisamente do impulso espontâneo dos operários, tendendo a eliminar, ou pelo menos reduzir esta concorrência, a fim de que possam conseguir, nos contratos, condições que os coloquem um pouco acima da situação de simples escravos.

O fim imediato dos sindicatos concentra-se nas exigências diárias, nos meios de resistência às incessantes investidas do capital, em uma palavra, na questão do salário e da jornada. Esta atividade não só se justifica, como é necessária.

É imprescindível enquanto perdurar o modo atual de produção. É preciso difundi-la, fundando e organizando sindicatos em todos os países.

Por outro lado, os sindicatos, sem pressenti-lo, tornaram-se o eixo da organização da classe proletária, assim como as municipalidades e as paróquias medievais o foram para a burguesia. Se os sindicatos são indispensáveis às guerrilhas quotidianas entre o capital e o trabalho, não o são menos importantes como um **meio organizado para a abolição do próprio sistema do trabalho assalariado.**⁽¹⁾



Através da leitura desta resolução, nossa atenção é particularmente atraída pelos problemas da **origem e significação dos sindicatos**. Marx destaca que os sindicatos, sem o pressentir, serviram como centros de organização da classe proletária assim como as municipalidades e paróquias da Idade Média o foram para a burguesia”. Esta comparação prova que ele não via nos sindicatos somente organizações puramente econômicas, já que as municipalidades e paróquias medievais serviram à burguesia como instrumento de luta contra o feudalismo, e arma de luta política contra o sistema medieval. Não se restringe, porém, a esta comparação. Já nesta parte da resolução declara que os **sindicatos assumem maior importância como fatores de organização para a supressão do próprio sistema do trabalho assalariado**. Isto confirma que ele atribuiu **grande importância política** aos sindicatos, e que não os encarava, de modo algum, como organizações apolíticas e neutras. Toda vez que os sindicatos enclaustravam-se nas estreitas fronteiras do corporativismo, Marx intervinha para açoitá-los com veemência.

O próprio Congresso de Genebra, da I Internacional, traçou uma característica do movimento sindical da época. Na segunda parte da mesma resolução, lemos sob o título “Condições atuais”:

“Até o presente, os sindicatos atenderam com demasiada exclusividade às lutas locais e imediatas contra o capital. Todavia, não se compenetraram totalmente de sua força para atacar o sistema de escravidão do salariado e o modo de produção atual. Nesse caso, mantiveram-se demasiadamente afastados dos movimentos gerais sociais e políticos. Sem dúvida, nestes últimos tempos, mostram terem-se apropriado, relativamente, da consciência de sua grande tarefa histórica. É o que se pode deduzir dos exemplos da sua participação nos recentes movimentos políticos da Inglaterra, da mais elevada concepção de seus desígnios nos Estados Unidos, e da resolução adotada pela última grande conferência de delegados das trade-unionistas em Sheffield. A resolução assim reza:

“Esta conferência reconhece todo o valor dos esforços da Associação Internacional, para unir os operários de todos os países numa fraternal união comum, e recomenda com todo interesse às diferentes organizações representadas na conferência, que se filiem à Associação, porque está convicta de que esta é necessária ao progresso e bem-estar de todo o proletariado”⁽²⁾.

Já nesta parte da resolução, encontramos uma severa crítica aos sindicatos que se afastam da política, e vimos, aí mesmo, sublinhada e destacada claramente, a importância dos sindicatos que começavam a compreender **sua grande missão histórica**.

Considerando o nível do movimento sindical da 7.ª década do século passado, é que poderemos compreender sua grande missão histórica.

Ponderando que os sindicatos ainda se encontravam em sua infância, Marx considerava impossível qualquer concessão política. Reservava-lhes não só empreendimentos econômicos, como também problemas gerais de classe. Mas não se limita somente a definir o passado e o presente dos sindicatos. Eis abaixo o que se pronunciou nessa resolução, concernente ao seu futuro:

“Além de seus fins primitivos, os sindicatos devem aprender desde já a atuar de maneira mais consciente, como eixos da organização da classe proletária, pelo interesse superior de sua emancipação total. Deverão apoiar todo movimento político ou social que se encaminhe diretamente a este fim. Conquanto se considerem como vanguarda e representação de todo o proletariado, e ajam de acordo com esta significação, devem procurar atrair os que se encontram fora dos sindicatos. Devem ocupar-se cuidadosamente das classes trabalhadoras mal remuneradas, os trabalhadores agrícolas, por exemplo, a quem circunstâncias particularmente desfavoráveis privaram de suas forças de resistência. Devem levar ao mundo a convicção de que seus esforços, longe de serem egoístas e ambiciosos, alcançarão finalmente a emancipação das massas oprimidas.”

É necessário chamar aqui novamente a atenção sobre o ponto que Marx torna a destacar, isto é, a importância dos sindicatos como **centros organizadores da classe proletária**. É de suma importância para os sindicatos, empreender a luta pela emancipação **completa** desta classe, e não menos importante é a tarefa de apoiar **qualquer movimento social e político** e congregar todos os trabalhadores em suas fileiras. Já no ano de 1866, Marx assinala a importância que tem para os sindicatos, zelarem pelos interesses dos trabalhadores das indústrias mal recompensadas, como por exemplo, os trabalhadores agrícolas. Exige dos sindicatos que não sejam “ínfimos e egoístas”, que “seu trabalho destine-se à emancipação dos milhões de oprimidos”.

Esta resolução foi escrita há 68 anos. Poder-se-á dizer que haja envelhecido, que estas missões não se coadunem com os sindicatos dos países capitalistas de nosso tempo? De modo algum. Aí encontramos expostas, com a força de concisão e clareza que lhe eram peculiares, as tarefas básicas dos sindicatos dos países capitalistas. Marx, porém, avança mais.

O problema das relações recíprocas entre a economia e a política, surgia sempre ante Marx e a I Internacional, por ele dirigida. Via-se então na contingência de defender seu ponto de vista sobre este problema, contra os bakuninistas, lassallianos, trade-unionistas, etc... Intervém por isso com frequência nesta questão. É muito característica e instrutiva a resolução a este respeito, por ele escrita, “Sobre as tarefas políticas da classe proletária”. Nesta resolução aprovada pela Conferência de Londres, da Associação Internacional de Trabalhadores (17-23 de setembro de 1871), lemos o seguinte:

“Considerando que a Internacional se encontra em face duma reação desenfreada, que perturba cinicamente todo o esforço emancipador dos trabalhadores, pretendendo manter através da força bruta a divisão em classe e o domínio político das classes exploradoras resultantes desta divisão;

que em oposição ao poder coletivo das classes exploradoras, o proletariado pode atuar como classe, constituindo-se unicamente como **partido político, oposto a todos os antigos partidos criados pelas classes dominantes;**

que esta constituição do proletariado como partido político é indispensável para assegurar a vitória da revolução social e de seu objetivo final, **a supressão das classes;**

que a unificação das forças trabalhadoras já alcançada pelas lutas econômicas, deve servir também como alavanca em sua luta contra o poder político dos exploradores;

a conferência faz notar a todos os membros da Internacional, que na **classe proletária militante, o movimento econômico e a atividade política estão indissolavelmente ligados.**” (Sublinhado pelo autor deste livro).

Esta resolução pertence, por sua precisão e clareza, ao número das joias clássicas da herança da literatura política de Marx. Nela encontramos novamente a ideia de que os sindicatos devem servir de alavanca poderosa à classe proletária, em sua luta contra o sistema de exploração. Contra os bakuninistas, cujas intenções tendiam a dividir a luta geral de classes, separar a economia da política, atirá-las uma contra a outra, a Internacional relembra que no plano **de combate da classe proletária, o movimento econômico e a atividade política estão ligados entre si indissolavelmente.**

Dois meses mais tarde, em carta a Bolte, em 23 de fevereiro, é novamente abordada por Marx a questão das relações entre a política e a economia, fixando nesta carta o lugar correspondente à luta econômica, na luta geral de classes do proletariado. Escreve Marx:

“O movimento político da classe proletária tem por fim, naturalmente, a conquista do poder político para si. Para isso é logicamente necessário que tenha à sua frente uma organização da classe proletária relativamente desenvolvida, que se formou por suas lutas econômicas.

Por outro lado, qualquer movimento em que a classe proletária se oponha **como classe** às classes dominantes, procurando vencê-las por uma pressão exterior, é um movimento político. Exemplificando: o propósito de conseguir por meio de greve numa fábrica, ou em determinada empresa, ou de determinados capitalistas, uma limitação da jornada, é

um movimento puramente econômico. Mas, um movimento tendente a conseguir uma lei de 8 horas, etc.... é um movimento político. E desse modo, dos isolados movimentos econômicos dos trabalhadores, surge a qualquer momento um movimento político, isto é, um movimento da classe, com o fim de ver atendidas suas reivindicações gerais, de maneira que possuam força social obrigatória. Se esses movimentos se realizam, tendo à frente uma determinada organização, significam também um meio de desenvolvimento para esta.”⁽³⁾

A ligação entre o movimento puramente econômico e o político, com as condições de transformação de um em outro, é determinada por Marx, quando se refere à organização prévia da classe proletária, isto é, estabelece precisamente aquilo que, depois de sua morte, foi completa e intencionalmente esquecido e alterado pelo reformismo internacional.

Havia necessidade não só de resolver o problema da importância da luta econômica, como também a questão das relações entre a organização econômica e a política da classe proletária. A esse respeito foi adotada- pelo Congresso Internacional de Trabalhadores (Haia), uma decisão muito bem definida. O Congresso de Haia (2 a 7 de setembro de 1871), tomou “sobre a atividade política do proletariado” a seguinte decisão:

“Contra a força social das classes exploradoras, o proletariado só poderá atuar como classe, se constituir-se em partido político especial, oposto a todos os antigos partidos criados pelas classes exploradoras; esta organização do proletariado, sob a forma de um partido político, é indispensável para assegurar o triunfo da revolução social e de seu objetivo final, a abolição das classes; a união das forças do proletariado, **já conseguida através das lutas econômicas, também deve servir, como alavanca para a luta contra o poder político de seus exploradores.** A conquista do poder político aparece como a grande tarefa do proletariado, porque os donos das terras e do capital abusam sempre de seus privilégios políticos, para salvaguardar e eternizar os seus monopólios econômicos, e para escravizar o trabalho.”⁽⁴⁾

Ao encerrar-se o Congresso, Marx pronunciou um discurso, onde salientou o fundamento essencial das decisões adotadas. Pois bem, segundo Marx, quais são os pontos de maior importância nas decisões do Congresso de Haia, que foi, como é notório, a fase culminante do desenvolvimento da I Internacional?

“O Congresso de Haia realizou um importante trabalho. Proclamou a necessidade da luta da classe proletária, tanto no terreno político como no econômico, contra a velha sociedade em decomposição.

“Devemos reconhecer que nossa revolução, na maioria dos países continentais, deverá servir-se da força, como eixo para o sucesso. Num momento dado, haverá necessidade de apelar para a força, a fim de implantar definitivamente o reino do trabalho.”⁽⁵⁾

Temos aí, mais uma vez ante nós, uma definição precisa e clara da posição que a luta econômica deve ocupar na luta geral de classe do proletariado. Os sindicatos devem ser, nas mãos da classe proletária, o “eixo da luta contra o poder político dos seus exploradores.

O problema das relações entre a luta econômica e a política, ocupa o centro da doutrina de Marx. Torna-se, portanto, muito menos admissível, a atitude negligente e fugaz de alguns historiadores soviéticos, quando estudam esta questão. A reincidência de J. Steklov neste sentido, em seu volumoso livro consagrado à I Internacional, prova esta negligência. O companheiro Steklov descreve a fórmula empregada por Marx na exposição dos motivos do regulamento da Associação Internacional de Trabalhadores, da seguinte maneira: “A luta política está subordinada, como agente, à luta econômica do proletariado.” (pág. 122). Em seguida o companheiro Steklov esforça-se para “desculpar” esta fórmula. Embaraça-se, porém, pois que nada poderia desculpar Marx, se houvesse escrito algo semelhante. Vejamos o terceiro capítulo do mesmo livro, e na “exposição dos motivos”, citados integralmente na página 61, lemos o seguinte: — **“A emancipação econômica da classe proletária é o grande objetivo, que deve ter sujeitado a si, como um meio, todo o movimento político.”**⁽⁶⁾ E foi isso o que Marx escreveu.

A luta econômica e a emancipação da classe proletária, poderão confundir-se? Nossa posição seria de combate a Marx, que se igualaria a um vulgar proudhoniano, se houvesse escrito o que lhe é atribuído pelo companheiro Steklov, que, em última análise, significaria colocar a luta econômica acima da luta política. O que ele disse, isso sim, foi que o movimento político deve estar subordinado ao grande objetivo da emancipação econômica do proletariado. Esta fórmula é irrepreensível, já que **a atividade política não é um fim, mas um meio para alcançar o fim colimado.**

São absolutamente condenáveis estas atitudes para com o grande mestre do comunismo internacional, porque se revestem de um caráter superficial, negligente e politicamente prejudiciais.

Karl Marx sentia as pulsações das massas, e conhecia a linguagem, em que era preciso falar-lhes a cada momento. De acordo com este ponto de vista, é muito útil comparar o “Manifesto Comunista” (1837), com a Proclamação Inaugural da I Internacional, redigida 17

anos mais tarde. Esta última é um documento de **frente-única, tendente a atrair os grêmios e as organizações proletárias, ainda não amadurecidas para o comunismo**. A palavra comunismo não é citada uma só vez em todo o texto. Apesar disso, porém, é **do princípio ao fim um documento comunista**. John Commons escreve: — “A Proclamação Inaugural é um documento sindical, não um manifesto comunista.”⁽⁷⁾

Eis uma apreciação absolutamente falsa. A Proclamação Inaugural não determina o seu gênero pela forma, mas pelo conteúdo. Não há dúvida de que a situação econômica dos proletários, sua legislação, etc... aparecem como preocupação central do documento. Marx, porém, assinala, adiante, que a conquista do poder político passou a ser o grande dever da classe proletária. Mais adiante ainda, aborda a questão do Partido, mas de **maneira especial**. Eis o que disse:

“Os proletários contam com um dos fatores de sucesso: a quantidade. **Mas a quantidade somente faz sentir o seu peso, quando unida pela organização e guiada pelo saber**. Que ensina a experiência do passado? Que o desprezo à união fraternal existente entre os trabalhadores de vários países (sendo esta união que deveria impeli-los ao apoio mútuo, na luta pela sua emancipação), é punido com a derrota geral de seus esforços dispersos.”

Aqui está um estilo pouco usado pela pena de Marx. Primeiro, a “massa proletária congregada pela união”, é por ele considerada sob um tríplice ponto de vista: — a massa agrupada no sindicato, a massa unificada no partido político e a massa fundida na Internacional. Tampouco lhe é habitual a expressão: “o papel dirigente do saber”. A quem se refere? Ao papel dirigente da ciência universitária, aos professores acadêmicos? Nada disto. Aqui a palavra “saber” é **pseudônimo do comunismo**. Intencionalmente, Marx utilizou fórmulas e expressões que atingissem profundamente as massas.

“A Associação Internacional dos Trabalhadores objetivava reunir num imenso exército toda a classe trabalhadora da Europa e América. Não podia, pois, partir dos princípios expostos no **Manifesto**. Devia ter um programa, que não cerrasse as portas às Trade-Unions inglesas, proudhonianos franceses, belgas, italianos e espanhóis, e aos lassalianos alemães.” (Prefácio de F. Engels ao “Manifesto Comunista, 1890. Ed. Europa-América).

“Era muito difícil expor esta questão, escrevia Marx, com inflexões tais que pudessem facilitar a nossas concepções, a aquisição de uma forma aceitável para o atual estado do movimento proletário... É necessário tempo para que as pressões constantes permitam a antiga linguagem audaz.”⁽⁸⁾

Marx refere-se aqui à **forma** de expor as ideias e não à sua **essência**. Quando se tratava dos princípios essenciais da ideia comunista, Marx era inflexível e intransigente, porém, manifestava uma extraordinária flexibilidade e capacidade na apresentação do essencial de suas ideias, sob as mais diversas formas. Explica-se assim a “linguagem sindical” da Proclamação Inaugural, o documento mais notável, depois do “Manifesto Comunista”. Eis porque, visando o único fim de impregnar de consciência comunista, o movimento operário, Marx variava as formas e métodos de contato com as massas, conforme o nível do movimento e o caráter das organizações proletárias de sua época.

Determinar com clareza a relação existente entre a luta econômica e a política, equivale a definir claramente a relação entre os sindicatos e o partido. Embora atribuindo excepcional significação à luta econômica do proletariado e dos sindicatos, Marx faz sobressair a supremacia da política sobre a economia, ou por outra, destaca a questão básica de todo trabalho do Partido Bolchevista e da Internacional Comunista.

Quando nos referimos à supremacia da política sobre a economia, não o fazemos com intuito de dizer que os sindicatos devem transformar-se num partido político, ou que devem adotar um programa puramente político, ou ainda, que há necessidade de igualar os sindicatos ao Partido. Não. Não é isto que Marx afirmava, e sim a importância dos sindicatos, como centros organizadores das massas proletárias, assim como combatia as tendências que procuravam confundir, como coisa uniforme, os sindicatos e os partidos. Considerava que a organização política e econômica do proletariado tinha um só objetivo, mas cada uma com seus métodos específicos. Insistia na supremacia da política sobre a economia, de um modo categórico. Tanto que colocava, primeiramente, as tarefas gerais de classe dos sindicatos, acima dos seus objetivos corporativos particulares. E, em segundo lugar, a missão do partido político do proletariado, de determinar as incumbências econômicas e dirigir a própria organização sindical.

Notas de rodapé:

(1) MARX: “Trabalho assalariado e capital”.

(2) MARX: “Trabalho assalariado e capital”.

(3) MARX: “Trabalho assalariado e capital”.

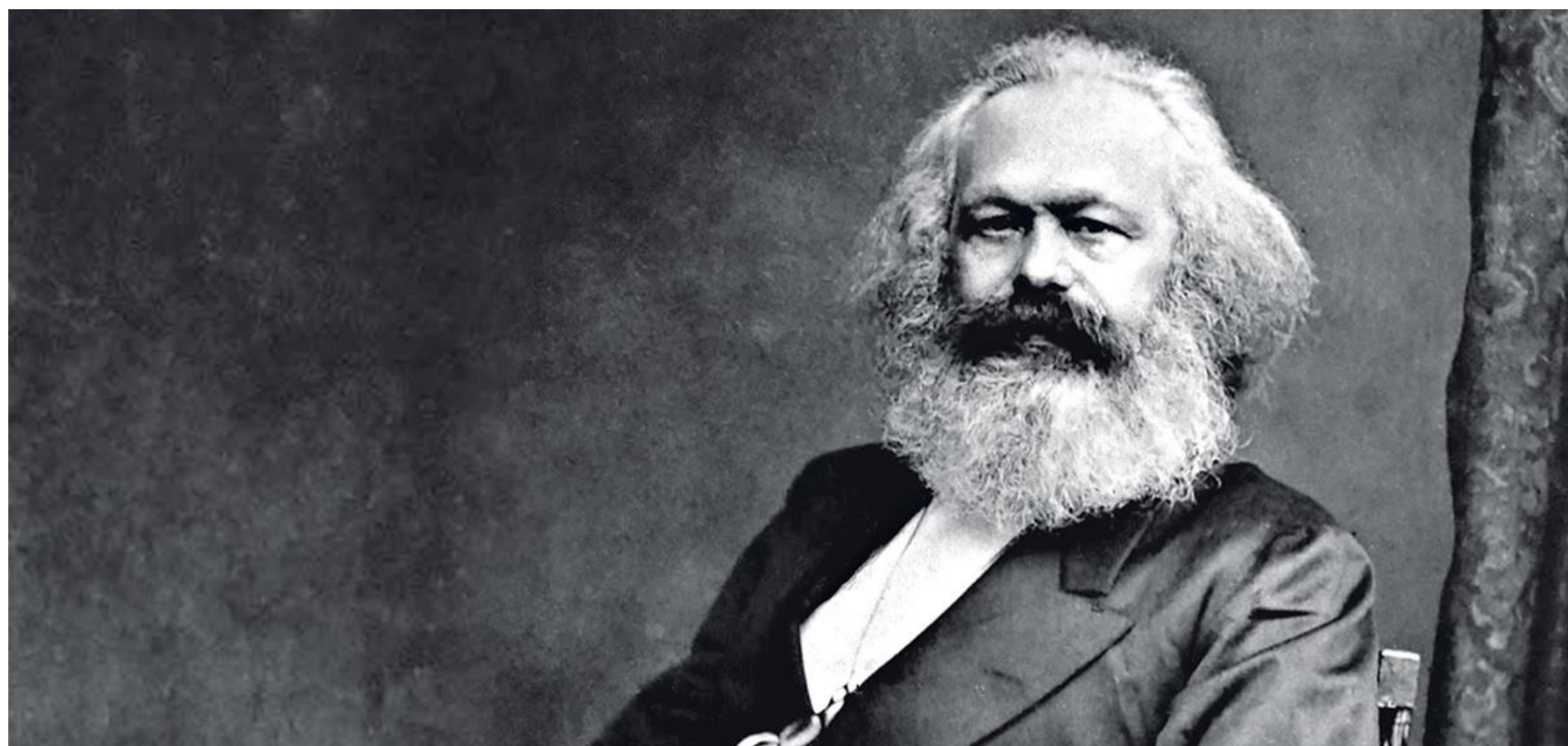
(4) J. GILLAUME: “A Internacional. Documentos e memórias”.

(5) J. Steklov.

(6) Nota tomada da 3.a edição corrigida e aumentada.

(7) J. R. COMMONS: History of Labour in the U.S.A., pag. 28.

(8) K. MARX e F. ENGELS, T. 23, pág. 210.



Capítulo II

Marx Contra o Proudhonismo e o Bakuninismo

Marx criou sua concepção do mundo e sua tática através de uma encarniçada luta ideológica e política. Teve de enfrentar inicialmente as teorias consideravelmente difundidas de Proudhon. Este é o tipo do socialista pequeno-burguês, em cujos trabalhos as palavras audaciosas marcham paralelamente às teorias reacionárias. Publicista talentoso, representante de um vago socialismo sentimental, “dos pés à cabeça, filósofo e economista da pequena-burguesia” (Marx), Proudhon, após atirar à face da burguesia a violenta fórmula acusadora “a propriedade é um roubo”, julgou-se o teórico “das classes trabalhadoras”, lançando-se audaciosamente a dissertações teóricas, sobre a “filosofia da miséria”. Esta teoria foi justamente o seu calcanhar de Aquiles, porque não conseguiu sequer ultrapassar os limites da ciência liberal burguesa de seu tempo. Daí originou-se o violento ataque de Marx contra Proudhon e o proudhonismo. Este último publicou o pretensioso livro “A Filosofia da Miséria”, onde pretendeu estabelecer as leis do desenvolvimento da sociedade. Foi aí que Proudhon apresentou ao mundo as seguintes teses:

“Qualquer movimento, para o aumento de salários, provoca um efeito idêntico a uma alta nos preços do trigo, vinho, etc..., ou por outra, provoca o efeito de uma carestia. Pois que é o salário? O preço do custo do trigo, etc..., isto é, o preço integral de todas as coisas. Abordemos mais profundamente a questão: o salário é a proporcionalidade dos elementos que compõem a riqueza, os quais diariamente são consumidos reprodutivamente pela massa dos trabalhadores. Ora, dobrar os salários... é conceder a cada um dos produtores uma parte maior que o seu produto, e isto é contraditório; e se o aumento só se verifica num reduzido número de indústrias, estimula-se uma perturbação geral nas trocas, em uma palavra, provoca-se a carestia. Declaro que as greves seguidas de um aumento de salários, resultam, sem dúvida alguma, num encarecimento geral. E isto é tão certo, como dois e dois são quatro.”

A estes pavoneados e ignorantes raciocínios, Marx replica: “de todas estas afirmações, só aceitamos a seguinte: dois e dois são quatro.”⁽¹⁾

O significado político desta intervenção de Proudhon era deter os proletários na luta pelo aumento de salários. Se o aumento de salários em nada favorece aos proletários, se à medida que os salários aumentam, os preços sobem proporcionalmente, sua luta perde, na realidade, todo o seu sentido.

Marx pressentiu imediatamente o fundo reacionário dessa filosofia, e com a paixão que lhe era peculiar, atirou-se contra as objeções puramente patronais do apóstolo anarquista. Proudhon, porém, longe de deter-se, prossegue na mesma linha, confessando-se resolutamente contra o movimento grevista. Eis o que lemos na mesma “Filosofia da Miséria”:

“A greve dos trabalhadores é ilegal. Afirmaram-no, não só o Código Penal, como também o sistema econômico, e a necessidade da ordem estabelecida... Tolera-se que cada proletário individualmente, disponha com liberdade de sua pessoa e de seus braços; mas que, por meio de coalizões, procure violentar o monopólio, a sociedade não pode permitir.”

Esta frase é suficiente para demonstrar toda a miséria da filosofia proudhoniana. Proudhon embaralhou e confundiu a lei da formação dos salários, a fixação dos preços dos produtos e o significado positivo das confissões. A seus olhos, é inadmissível a união de todos os trabalhadores, para a luta comum contra os patrões. Coaduna-se assim com o ponto de vista dos legisladores reacionários dos países capitalistas de sua época, os quais sempre puniam o menor esforço de coalisão proletária. Marx conhecia o inimigo a enfrentar. Sabia por que essas ideias reacionárias percorriam a França, e respondeu-lhes por isso, com uma análise da esterilidade teórica de Proudhon, e de suas conclusões políticas antiproletárias. Eis o que escreveu na “Miséria da Filosofia”, sobre a verborragia reacionária de Proudhon:



Proudhon

“A grande indústria aglomera em determinado lugar uma multidão estranha entre si. A concorrência se interpõe entre os seus interesses, dividindo-os. Mas a manutenção do salário, esse interesse comum, que possuem contra o patrão, os reúne num pensamento congênito de resistência: a coalisão. Assim, esta tem sempre um duplo objetivo: Fazer com que cesse entre eles a concorrência, para poderem realizar uma concorrência geral ao capitalismo. A manutenção dos salários, que foi o primeiro objetivo da resistência, deixa de sê-lo, quando os capitalistas se reúnem, preocupados com a repressão. Aí então as coalizões isoladas a princípio, formam-se em grupos, diante do capital permanentemente unido, a manutenção das associações passa a ser, para elas, mais importante que a dos salários. Aliás, isto é tão certo, que os economistas ingleses não escondem sua surpresa ao verem os trabalhadores sacrificarem boa parte dos seus salários em favor das associações, que, aos olhos desses mesmos economistas, foram estabelecidas em favor do salário. **Nesta luta — verdadeira guerra civil — reúnem-se e desenvolvem-se os elementos necessários para uma batalha futura. Uma vez atingido este ponto, a associação adquire um caráter político - [falha no original] diam formar-se no seio da sociedade antiga.**”⁽²⁾

Patenteia-se assim com a clareza natural de Marx, a importância da luta econômica (verdadeira guerra civil), e a marcha desta luta, para um grau superior, Marx continua analisando as atitudes dos sábios investigadores, em face da luta entre a burguesia e o proletariado. Replicando à atitude de Proudhon para com o movimento grevista, Marx escreve:

“Fizeram-se numerosas investigações para traçar as diferentes fases históricas percorridas pela burguesia, desde a comuna ou Município até sua constituição como classe.

Mas quando se trata de registrar exatamente as greves, coalizões e demais formas com que, ante nossos olhos, os proletários realizam sua organização como classe, uns se sentem presos de verdadeiro terror, outros afetam um desdém transcendental. Uma classe oprimida é condição *sine qua non* de toda sociedade fundada no antagonismo de classes. A emancipação da classe oprimida implica, pois, logicamente, na criação de uma nova sociedade. Para que a classe oprimida possa emancipar-se, é preciso que os poderes de produção já adquiridos e as relações sociais existentes não possam coexistir. **De todos os instrumentos de produção, o mais poderoso é a própria classe revolucionária. A organização dos elementos revolucionários, como classe, pressupõe a existência de todas as forças produtivas, que podiam formar-se no seio da sociedade antiga.**”⁽³⁾

Marx percebeu imediatamente que os sábios burgueses “imparciais” procuram escamotear a luta econômica, ou não reconhecê-la. Critica asperamente a posição negativa dos ideólogos da burguesia, em face do movimento econômico do proletariado. Observou muito propriamente, como os ruidosos revolucionários da espécie de Proudhon, ostentam um desprezo “transcendental” pela luta que a classe proletária sustenta pelos seus interesses vitais. Não possuímos hoje revolucionários idênticos, que exibem um desprezo “transcendental” pela luta econômica do proletariado? Sim; e embora não muito numerosos, existem espécimes desta natureza, até em nossas fileiras comunistas.

As consequências dos erros de Proudhon são analisadas da seguinte maneira por Engels, em sua carta a Marx, em 21 de agosto de 1851:

“Adiro francamente a teu ponto de vista, após ler Proudhon até a metade. Seus apelos à burguesia, sua volta a Saint-Simon, e muitas outras passagens semelhantes, inclusive na parte crítica, provam que para ele a **classe industrial, a burguesia e o proletariado** são, na realidade, idênticos, tanto que considera que ainda se encontram em oposição, somente porque a revolução ainda não terminou.”⁽⁴⁾

Em sua carta a Kugelmann, em 9 de novembro de 1866, Marx escreve a propósito de Proudhon:

“Proudhon causou enorme dano. Inicialmente, sua crítica aparente e sua simulada oposição aos utópicos (ele mesmo não passa de um utópico burguês, embora nas utopias de um Fourier, de um Owen, etc.... encontrem-se o pressentimento e a expressão fantasiada de um novo mundo), seduziram e corromperam a ‘jeunesse dorée’ e os estudantes. Mais tarde, atraíram os operários, especialmente os de Paris, que, ocupados na manufatura de artigos de luxo, continuaram presos, sem o saber, a todas as velharias.”⁽⁵⁾

Em 20 de junho de 1866, Marx escreve a Engels, referindo-se ao “Stirnerismo Proudhonizado”:

“Proudhon tende a individualizar a Humanidade. Sob seu ponto de vista, a história deve estacionar, e o mundo deverá esperar que os franceses estejam aptos para fazer uma nova revolução.”⁽⁶⁾

Como é notório, Proudhon é o fundador do anarco-sindicalismo. Pelo menos, é o que dizem e escrevem os anarco-sindicalistas, colocando-o acima de Marx, o “venerador do Estado”. Mas os anarco-sindicalistas evitam cuidadosamente dizer que Proudhon foi inimigo acérrimo do direito de colisão e do movimento grevista. Seu ódio às greves foi tão forte, **que chegava a justificar o fuzilamento dos grevistas**. Vejamos o que ele escreve em 1846, em sua obra, a “Filosofia da Miséria”:

“Tolera-se ainda que cada proletário disponha livremente de sua pessoa e de seus braços. Mas, que os proletários sem consultar os grandes interesses sociais, nem as prescrições da lei, procurem violentar, por meio de coalizões, a liberdade e o direito de seus patrões, **é o que a sociedade não pode permitir**. Aplicar a força contra os patrões e os donos das terras, desorganizar as empresas, paralisar o trabalho e ameaçar o capital, **significa conspirar, para uma ruína geral**. As autoridades, que mandaram fuzilar os mineiros de Rive-de-Giex, sentiram-se profundamente abatidas e infelizes, mas fizeram como o velho Brutus, que, entre o seu amor de pai e seu dever de cônsul, não hesitou na escolha. Impunha-se o sacrifício de seus próprios filhos, para salvar a República. Brutus não vacilou, e as gerações que o sucederam não se atreveram a condená-lo.”⁽⁷⁾

Apesar de algumas esperanças alimentadas, Proudhon jamais renunciou a esse ponto de vista **patronal**, conservando-o até a morte. Em seu livro “Sobre a capacidade política das classes trabalhadoras”, ultimado no mesmo ano de sua morte, 1865, cita esta passagem de sua “Filosofia da Miséria”, e desenvolve novamente a mesma ideia.⁽⁸⁾ Em seu último livro, ele ataca violentamente o governo de Napoleão III e especialmente o chefe liberal de então, Mareei Oliver, porque este, partindo da ideia de que aquilo que não é proibido a uns, não pode nem deve ser proibido a outros, justifica as coalizões proletárias. Ele também não conseguiu compreender, que, se a burguesia manifesta-se pró direito de coalisão, não é por puro gosto, mas porque a isto se vê obrigada, pela incessante luta dos proletários.

Atirando-se contra os partidários do direito de coalisão, escreve Proudhon:

“A lei que autoriza as coalizões é fundamentalmente antijurídica, antieconômica, contrária a todo regime social e a toda ordem. Qualquer concessão adquirida por meio desta lei é um abuso, e é nula de per si, capaz de motivar a formação de um processo e condenação penal...”

“Repilo particularmente a nova lei, porque a coalisão, com o fito de aumentar ou diminuir os salários, é absolutamente idêntica à coalisão com o propósito de aumentar ou diminuir os preços dos víveres e das mercadorias.”⁽⁹⁾

Que se pode dizer destas objeções? Para raciocinar assim, só um pequeno burguês raivoso, que por um lado grita “a propriedade é um roubo”, e por outro diz “disparates contra os grevistas”.

Como é encarada pelos discípulos de Proudhon esta contradição? Um deles, Máximo Leroy, que escreveu uma introdução ao livro “Sobre a capacidade política das classes trabalhadoras”, ansioso por expor a grandeza de seu mestre, cita uma série de seus pensamentos sobre a luta de classes, sobre a guerra entre o trabalho e o capital, sintetizando da seguinte maneira a essência do proudhonismo:

“Luta de classes, mas nenhuma incitação à subversão social. Luta de classes, mas exortando os proletários a colaborarem com a classe média. Luta de classes, mas proscricção das greves. Luta de classes, e, apesar disso, colaboração de classes.”⁽¹⁰⁾

Que solução apresenta este mesmo Leroy às flagrantes contradições de Proudhon? Não as explica nem as soluciona. Conforma-se simplesmente com informar que a chave das doutrinas de Proudhon se encontra no mutualismo:

“Proudhon não propunha o misticismo da catástrofe emancipadora. nem um programa de estratégia militar, porque nunca encarou a classe proletária como uma seita, nem como um exército. Concebia-a como classe laboriosa, sem dogma nem amo, à procura de uma verdade em perpétuo ‘devenir’; em resumo, vivendo uma vasta experiência saint-simoneana.”⁽¹¹⁾

Ninguém impedirá os anarco-sindicalistas de terem como mestre a Proudhon, inimigo das greves e da luta de classes! Se o quiserem, assim seja! Quanto a nós, inspiramo-nos em Marx, defensor das greves e do direito de coalizão, e que durante toda a sua vida ensinou à classe proletária como lutar contra a burguesia, como ligar a luta pelas reivindicações imediatas à luta pelo objetivo final.

Marx e Engels podiam, por acaso, aceitar, por mínimo que fosse, esta incrível confusão introduzida por Proudhon no movimento proletário? Evidentemente não. E por isso empreenderam contra ele e o proudhonismo uma luta incansável.

Mas os proudhonianos, embora manifestando-se contra os sindicatos, o direito da greve, etc.... viram-se obrigados, sob os golpes da própria experiência, a modificar suas concepções. Na carta de Marx a Engels, em 12 de setembro de 1868, lemos:

“É curioso o progresso manifestado pelos bons proudhonianos belgas e franceses, que declamavam dogmaticamente, em Genebra (1866) e em Lausanne, (1876) contra as trade-unions, etc.... e que agora são os seus apologistas mais fanáticos.”⁽¹²⁾

Esta carta evidencia que os proudhonianos inverteram a teoria de seu mestre, que nem por isso, aliás, diminuiu em seu conceito. E aí temos a causa da luta pertinaz, que Marx e Engels empreenderam contra a teoria bakuninista. O continuador da obra de Proudhon, foi o seu maior discípulo, Miguel Bakunin, o qual, compenetrando-se das debilidades e lacunas da teoria legada por seu mestre. Bakunin, grande admirador de Proudhon, emitiu, apesar disso, o seguinte juízo sobre o seu ídolo:

“Proudhon, apesar de seus esforços para colocar-se dentro do senso da realidade, continuou sendo idealista e metafísico. Não obstante todos os seus esforços para abandonar as tradições do idealismo clássico, continuou a ser o mesmo idealista incorrigível, que se inspirava, conforme afirmou dois meses antes de sua morte, tão rapidamente na Bíblia como no direito romano, permanecendo metafísico, até exalar o último suspiro.”⁽¹³⁾

É difícil encontrar uma pintura mais humana do “mestre”, título que o próprio Bakunin outorgava a Proudhon. Não é de estranhar pois, após o que foi dito acima, a luta impiedosa de Marx contra a confusão idealista e metafísica de Proudhon.

Claro que ao lado deste último, Bakunin era de estatura superior. É uma grande figura revolucionária, um rebelde, que sempre esteve, como disse Herzen, “no último extremo”. Um homem dotado de formidável energia e de um imenso talento de organizador. Mas era um “grão-duque” revolucionário. Sua concepção do mundo é uma mescla de Hegel, Stirner e do insurrecionalismo russo à Pugachov. Não via as classes, falava sempre do povo. Nunca se referia à classe trabalhadora, mas aos jornaleiros, aos operários desqualificados, à gente pobre, à parte mais depauperada da população, ao populacho sem profissão. Opunha a mentalidade revolucionária do **lumpen-proletariat**, à mentalidade reacionária da aristocracia proletária, onde incluía a maior parte dos trabalhadores. Não lhe agradavam os círculos formados por Marx, onde lia suas conferências. Em sua carta de 28 de dezembro de 1847, dirigida a Annenkov, Bakunin escreve que “Marx ocupa-se do mesmo trabalho inútil do passado, e põe a perder os produtores, transformando-os em raciocinadores”.⁽¹⁴⁾

Que era, pois, o bakuninismo como sistema? O próprio Bakunin dizia que “é o sistema de Proudhon, ampliado, desenvolvido, e por nós expurgado de todos os floreios metafísicos, idealistas ou doutrinários”.⁽¹⁵⁾

Temos desse modo ante nós um proudhonismo aperfeiçoado, tão afastado do marxismo, no seu ponto de vista teórico e político, como o proudhonismo original.

Bakunin negava **inteiramente** o Estado, a luta proletária e a organização política do proletariado. A luta entre Marx e Bakunin foi uma luta entre duas concepções distintas do mundo, entre dois sistemas e teorias antagônicas, finalmente, entre duas linhas políticas e táticas discordantes, o que não podia deixar de refletir-se sobre o problema da organização. Este problema não foi, por conseguinte, a causa, mas sim o motivo da cisão. A maneira por que Bakunin encarava os sindicatos e a luta econômica, pode ser observada no seu folheto “A Política da I Internacional”, onde escreve:

“A libertação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores, afirmam os nossos Estatutos gerais. Isto que é justo, mil vezes justo, é a base da nossa grande Associação. Mas os trabalhadores são ignorantes na maioria das vezes. Desconhecem, por enquanto, completamente, a teoria. Portanto **não lhes resta outro caminho de libertação, senão pela**

prática. Qual pode e qual deve ser esta prática? Não pode ser mais que uma a luta solidária dos proletários contra os patrões, a organização da federação das caixas de resistência.

Convencidos desta verdade, formulamos a questão: Qual a política que a Internacional deve seguir, durante o período mais ou menos extenso que nos separa da terrível revolução social, que todos pressentimos?

Repudiando, de acordo com seus estatutos, qualquer política nacional local, a **Internacional emprestará à agitação proletária de todos os países um caráter exclusivamente econômico**, propondo-se como fim: diminuir a jornada de trabalho e aumentar o salário; e como meio: a associação das massas proletárias e a organização das caixas de resistência.” (sublinhado pelo autor deste livro A. L.).

Bakunin fala, portanto, de uma “agitação puramente econômica”, da criação de caixas de resistência, para a luta puramente econômica; refere-se à ignorância dos proletários, que, por isso, não devem preocupar-se com os grandes problemas, etc.. O mais que ele admite é a federação das caixas de resistência. Temos aí um atestado assinalando que, por mais que Bakunin se adiantasse a Proudhon, persistia em trilhar o mesmo caminho. Ele não via que os sindicatos são

centros de organização das massas, que as preparam para a luta pela ditadura do proletário. Não via o que Marx viu, desde os primeiros passos dos sindicatos.

São bem características as concepções bakuninistas, sobre as reivindicações que os proletários devem apresentar. No borrador do programa da “Sociedade da Revolução Internacional”, Bakunin escreve:

“O trabalhador reclama, e deve reclamar: 1. a igualdade política, econômica e social de todas as classes e de todos os homens, que vivem sobre a terra; 2) supressão da propriedade hereditária; 3) entrega da terra, em usufruto, às associações agrícolas, e do capital e de todos os meios de produção, às associações industriais de trabalhadores.”⁽¹⁶⁾

Enquanto Marx apresenta a questão da supressão das classes, Bakunin fala da nivelação das classes. (É certo que, posteriormente, devido à crítica de Marx, Bakunin renunciou a esta fórmula).

Na obra de Bakunin já se entrevê a ideia da entrega das empresas às associações industriais de operários, ideia que foi a base de todas as teorias desenvolvidas mais tarde pelos anarco-sindicalistas e anarquistas espanhóis, franceses e italianos. É uma teoria que jamais, em parte alguma, podia ser levada à prática. Os próprios anarquistas não a conseguiram realizar, mesmo quando, inimigos de todo o poder, conseguiram implantá-la temporariamente num vasto território (por exemplo, Majnó, na Rússia). Qual era então a opinião de Marx e Engels sobre essas teorias? Todas as concepções de Marx sobre o papel dos sindicatos, sobre a relação existente entre a economia e a política, levaram-no a empreender uma luta decisiva contra as teorias pequeno-burguesas. Embora Bakunin se referisse continuamente à luta econômica e às “reivindicações puramente econômicas”, jamais viu nos sindicatos mais que um agrupamento de gente ignorante. Julgava que as massas necessitavam dum herói, para conduzi-las à terra da promessa. Mas, por um lado, confiava no herói, e, por outro, na revolta espontânea e implacável das massas ignorantes.

Quanto a Marx, confiava nas massas, na classe e na organização. E foi por essa razão, que o marxismo e o bakuninismo chocaram-se tão rudemente, durante a existência da I Internacional.

O alcance da luta em geral, e da luta pelos princípios, entre o marxismo e o bakuninismo, pode ser medido pelo fato de que ainda hoje nos vemos na necessidade de manter um combate constante contra os restos do bakuninismo, em uma série de países europeus e latino-americanos.

Notas de rodapé:

(1) KARL MARX: "Miséria da Filosofia"

(2) KARL MARX: "Miséria da Filosofia", (sublinhado por A.L.)

(3) KARL MARX: "Miséria da Filosofia", (sublinhado por A.L.)

(4) K. MARX e F. ENGELS: "Cartas". Ed. Moskovsky Rabechi. 1923 sob a direção de B. Adoratsky. (

(5) K. MARX e F. ENGELS: "Obras reunidas", pág. 83.

(6) K. MARX e F. ENGELS: "Cartas". Ed. Moskovsky Rabechi, 1923, sob a direção de B. Adoratsky.

(7) P. J. PROUDHON: "Systeme des contradictions économiques" ou a "Filosofia da Miséria".

(8) P. J. PROUDHON: "De la capacité politique des classes ouvrières".

(9) P. J. PROUDHON: "De la capacité politique des classes ouvrières".

(10) P. J. PROUDHON: "De la capacité politique des classes ouvrières"

(11) P. J. PROUDHON: "De la capacité politique des classes ouvrières"

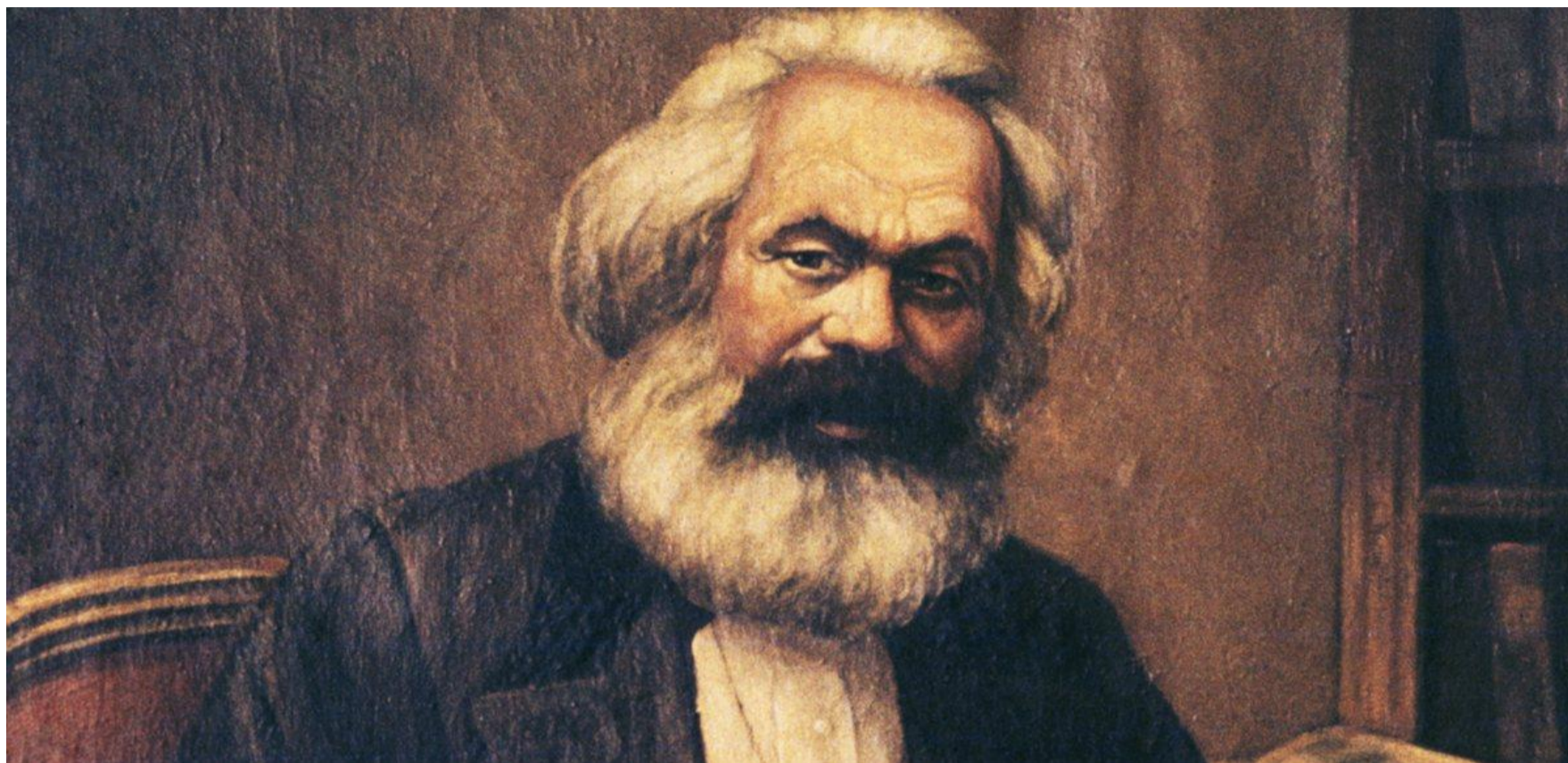
(12) MARX e F. ENGELS: "Ouvres". T. XXIV pág. 93.

(13) BAKUNIN: "O Estado e a Anarquia".

(14) VIACHESLAV POLONSKY: "Bakunin"

(15) VIACHESLAV POLONSKY: "Bakunin"

(16) Recopilação: " Bakunin, materiais e artigos inéditos Ed. da Sociedade de Antigos Presos Políticos. Moscou, 1926.



Capítulo III

A Luta Contra o Lassalismo e Todas as Variedades do Oportunismo Alemão

Marx acompanhava, com a maior atenção, o alastramento do movimento proletário na Alemanha. A revolução de 1848 foi a fase culminante da atividade do movimento germânico proletário da época. O refluxo inicia-se depois de 1848, dispersando o movimento. Uma parte considerável dos elementos revolucionários se vê obrigada a emigrar para a França, Inglaterra e E. Unidos, enquanto na própria Alemanha começam a brotar toda a espécie de irmandades, sociedades de auxílio mútuo e outros embriões de sindicatos.

Marx e Engels mantêm estreitas ligações com a emigração operária do país. Inicia-se, após 1848, o período da reação política e ideológica na Alemanha, e um grupo de companheiros de Marx, afasta-se do movimento revolucionário. Ele, porém, trabalha persistentemente no desenvolvimento de sua concepção filosófica do mundo, na elaboração do seu sistema econômico, persistindo, simultaneamente, numa intensa atividade político-literária. Em fins de 1850, principia a decadência da depressão, iniciando-se a ascensão do movimento proletário alemão. Lassalle organiza, em 1863, a Associação Geral dos Trabalhadores”, e expõe abertamente a questão das finalidades e dos direitos políticos da classe trabalhadora. Lassalle surge na arena política, no momento em que começa a animação, verificando que o grande fator para a popularização de sua “Associação Geral dos Trabalhadores”, foi a modificação produzida na mentalidade das massas proletárias. Marx e Engels apreciavam-no bastante. “Lassalle, apesar de todos os seus ‘defeitos’, é firme e enérgico”, escrevia Marx e Engels, em 10 de março de 1853. Na mesma correspondência, em 18 de julho do mesmo ano, Marx escrevia: — **“Lassalle é o único que tem a audácia, apesar de tudo, de continuar correspondendo-se com Londres, e é necessário conseguir que este intercâmbio não se lhe torne fastidioso.”**⁽¹⁾

Em carta a Schweitzer, 3 de outubro de 1868, Marx escreve: — “Após 15 anos de letargia, Lassalle conseguiu despertar novamente o movimento proletário na Alemanha. Este é o seu mérito imortal.”

Desde o início, porém, Marx e Engels observaram uma série de graves erros na teoria e atividade de Lassalle. À proporção que este manifestava sua errônea orientação, cava-se um desacordo cada vez maior. Lassalle não confiava na luta dos proletários pelo direito de coalisão e não via utilidade nas greves. “O direito de coalisão não oferece vantagem alguma ao trabalhador, nem pode produzir um melhoramento real em sua situação.” Tais eram os seus axiomas; referia-se, também, constantemente, à “triste experiência” das greves inglesas.

Considerava estéril a luta pelo aumento dos salários, visto a classe proletária **ser incapaz de modificar a lei de bronze dos salários**, que, segundo ele, é **a pedra angular de toda a ciência “econômica”**. Como bálsamo para todos os males, batia-se Lassalle pelas seguintes reivindicações: — sufrágio universal e subsídio do Estado às Associações de Produção. Negava, portanto, a luta econômica da classe proletária e a utilidade dos sindicatos. Esta concepção encontrou a seguinte réplica de Marx:

“Lassalle declarou-se contrário ao movimento de coalisão, escreve Marx a Engels em 13 de fevereiro de 1865. Liebknecht iniciou-o com seus próprios meios, entre os tipógrafos de Berlim, contrariando assim a vontade de Lassalle.”^[2]

A forma usada por Lassalle para expor o problema dos sindicatos e das associações de produção, não podia deixar de provocar cerrado ataque de Marx e Engels, que, diante dela, convenceram-se imediatamente de que a “Associação Geral dos Trabalhadores” era uma espécie de partido pequeno-burguês, de caráter profundamente sectário.

A chamada “lei de bronze” do salário foi a pedra de toque, para o início da luta entre Marx e Lassalle. Esta teoria era, no fundo, apenas a reedição das teorias proudhonianas e da lei de Malthus, sobre a procriação. Sua essência era a seguinte: — todos os esforços dispendidos pelo proletário, todas as suas lutas, nada influirão no sentido de melhorar a sua situação. E uma ideia que condena as lutas econômicas organizadas, considerando-as estéreis, não podia contar com as simpatias de Marx. Sua crítica rude à “lei de bronze” dos salários, incluiu a demonstração de que os salários se compõem de duas partes: — contêm o mínimo físico e o mínimo social, os quais oscilam de acordo com as condições histórico-sociais. Lassalle não só insistiu em sua “lei de bronze”, como orientava-se cada vez mais para o Estado bismarkiano, subordinando tudo às subvenções do Estado.

“Inúmeras vezes assinalei que me bato pela associação individual e voluntária. Esta, porém, para poder constituir-se, deve obter do Estado — mediante empréstimo — o capital necessário.”^[3]

“Para elevar nossa classe, para obter a liberdade, não somente de alguns trabalhadores, mas do **próprio trabalho**, são necessários milhões. E só o Estado e a legislação os podem dar.”^[4]

Era esta a solução simplista, com que Lassalle, figura de grande capacidade, pretendia resolver o problema do trabalho. É necessário obter primeiro o direito de sufrágio universal e, depois... o governo distribuirá milhões e milhões...

Marx poderia deixar de combater esta utopia funesta, evidentemente pequeno-burguesa? Certamente, não!

Em 9 de abril de 1863, ele escrevia a Engels:

“Lassalle dirigiu-me há dias a carta aberta, “Ao Comitê Proletário Central” do “Congresso Proletário de Leipzig”. Ostenta ares de futuro ditador dos proletários, declamando pomposamente frases que são nossas, e que ele plagiou. Resolve com a “maior facilidade” as diferenças entre o capital e o trabalho; a saber: — os trabalhadores devem bater-se pelo sufrágio universal, enviando a seguir à câmara dos deputados, pessoas como ele, “dotadas da arma brilhante da ciência”. Estes construirão, num triz, fábricas proletárias, que receberão do Estado facilidades de capital, e, pouco a pouco, todo o território estará coberto dessas empresas. Tudo isto é admiravelmente novo.”^[5]

Marx opunha-se, portanto, a Lassalle; primeiro, **devido a seu programa errôneo; segundo, porque seguia uma tática falsa; terceiro, porque estimulava uma organização de falsa estrutura.**

Depois da morte de Lassalle, a “Associação Geral dos Trabalhadores” passou a ser presidida por Schweitzer. Este iniciou sua gestão, manifestando-se partidário do direito de coalisão, inclusive da luta pelos salários. Apesar de se ter afastado de seu mestre, Schweitzer chega, porém, às seguintes conclusões:

“1.º — Sob o ponto de vista econômico, a greve é logicamente estéril.

2.º — Não obstante, a greve é um meio magnífico para agitar o movimento proletário, e eleva-o até a formação de uma consciência própria na classe proletária.

3.º — Onde o movimento proletário pode atuar abertamente na luta pelo seu objetivo final, as greves em geral não devem ser aprovadas, porque a classe proletária necessita de todas as suas forças, para a vitória deste objetivo: a mudança das bases sociais. Pois bem, as greves desviam . numerosas forças do objetivo final, e não conduzem mais que a um resultado ilusório: — o aumento dos salários.”



Lassalle

Vemos que a concepção acima exposta já não é tão retilínea como a de Lassalle. Um sotaque novo ressoa em seu argumento. Algumas vezes é pró, outras contra. Em 1868, Schweitzer toma a iniciativa de convocar um Congresso geral dos trabalhadores germânicos, com o fim de impulsionar o movimento, com o auxílio de interrupções do trabalho. Este Congresso se propunha unificar os sindicatos criados e fundar novos, os quais, ao surgir, chocavam-se com os princípios gerais e de organização lassallianos.

Marx acompanha atentamente a evolução da Associação Geral dos Trabalhadores da Alemanha, pois sabe que, com referência ao direito de coalisão, reinava entre os lassallianos a maior confusão. Em fevereiro de 1865, escreve a Schweitzer:

“A importância das coalizões e dos sindicatos, que delas surgem, não reside unicamente no fato de serem um meio de organização da classe proletária para a luta contra a burguesia. Os próprios trabalhadores dos Estados Unidos, apesar de seu direito de voto e da República, não podem prescindir delas. Na Prússia, e em geral na Alemanha, o direito de coalisão é uma brecha aberta no regime do domínio policial e burocrático, e rompe a lei do servilismo e a economia feudal em seu próprio campo. Em uma palavra, o direito de coalisão é uma medida de transformação dos ‘súditos’ em cidadãos de maior idade. Se os partidos progressistas, isto é, todos os partidos burgueses de oposição não fossem tão idiotas, acolheriam o direito de coalisão com um entusiasmo cem vezes maior do que ao governo da Prússia, e com maior razão ainda, do “que ao governo de Bismarck”.⁽⁶⁾

Na mesma carta, Marx se detém na famosa ideia lassalliana da subvenção do Estado. Eis o que escreve, referindo-se a esse socialismo governamental, monárquico-prussiano:

“Não resta dúvida que a nefasta ilusão mantida por Lassalle, sobre uma intervenção socialista do governo prussiano, será seguida de uma inevitável decepção. A lógica dos acontecimentos falará por si só. ‘ Mas a honra do Partido Proletário exige que abandone semelhantes quimeras, antes que sua insanidade rebente ao contato da realidade. A classe proletária é **revolucionária, ou não é nada.**”

Esta notável carta nos demonstra as causas da hostilidade de Marx contra os lassallianos. **A classe proletária é revolucionária ou não é nada**, era o que determinava a linha de conduta de Karl Marx.

Marx compreendia a Associação Geral dos Trabalhadores como um órgão sectário, ocupando-se muitas vezes desta questão. Em suas cartas a Schweitzer, ele expunha frequentemente o seu conceito sobre o caráter sectário da Associação Geral dos Trabalhadores. Numa delas dá uma definição clássica do que é o sectarismo. Ei-la, escrita em 13 de outubro de 1868:

“Como todos os fundadores de seitas, Lassalle negava qualquer ligação natural com o movimento proletário anterior, na Alemanha e no estrangeiro. Reincidiu no mesmo erro de Proudhon. Não foi buscar a base real de sua agitação junto aos verdadeiros elementos do movimento de classe, mas queria orientar a sua marcha mediante uma fórmula doutrinária determinada.

Vós mesmo experimentastes, em vossa própria pessoa, o conflito entre o movimento de seita e o movimento de classe. A seita procura sua razão de ser em seu “*point d’honneur*”; não no que tem de comum com o movimento de classe, mas no talismã especial que a distingue desse movimento. Somente ante a ameaça da vossa renúncia à presidência, é que conseguistes romper a resistência de vossos partidários, quando propusestes a convocação do Congresso de Hamburgo, para a constituição de sindicatos. Além do mais, fostes obrigado a uma contradição, declarando atuar, uma vez como chefe de seita e outra como representante da classe proletária.

A dissolução da Associação Geral dos Trabalhadores proporcionou-vos excelente oportunidade. Bastava declarar, ou provar, que ingressamos atualmente em uma nova fase de desenvolvimento, e que o movimento de seita está bastante sazonado para dissolver-se no movimento de classe, liquidando de vez todas essas sobrevivências... No que concerne aos elementos aproveitáveis existentes na seita, deviam ser introduzidos no movimento geral, para enriquecê-lo.

Preferistes exigir, que o movimento de classe se subordinasse a um movimento sectário particular. Os que não se incluíam no círculo de vossos amigos, deduziam que desejáveis manter, a todo custo, vosso movimento proletário particular.”

Ao enviar-lhe Schweitzer, antes do Congresso de Hamburgo, o projeto dos estatutos de sua nova Associação Geral dos Trabalhadores, Marx aproveitou a ocasião para lhe fazer uma crítica severa. Tinha a certeza de que um agrupamento político-sindical era irrealizável, e que a centralização burocrática era sumamente perigosa, especialmente para a Alemanha.

Em sua carta a Schweitzer, em 13 de setembro de 1868, Marx escreve:

“Creio possuir tanta experiência sindical, quanto qualquer um de meus contemporâneos; julgo por isso que o projeto dos estatutos está errado, a começar pelos princípios. Sem entrar aqui em detalhes, direi somente que esse tipo de

organização, com toda a comodidade que oferece às sociedades secretas e à união dos sectários, contradiz a própria essência das trade-unions. Mas mesmo supondo que há possibilidade para essa organização, devo declarar que a ‘toute bonnement’ considero-a francamente impossível, indesejável, sobretudo para a Alemanha. Aqui, onde o trabalhador sofre desde o nascimento um adestramento burocrático, e tem fé nos superiores, o mais importante é que aprenda a **caminhar sem o auxílio de ninguém.**

Vosso plano é também impraticável sob outros aspectos. Na organização, existem poderes independentes de origem diferente: 1.º — Comitê eleito por profissões; 2.º — Presidente, uma figura completamente inútil, eleita por sufrágio geral; 3.º — Um Congresso eleito por localidades. Finalmente, fontes de conflitos por qualquer coisa. E é esta a organização que se destina às ações rápidas!

Lassalle cometeu um erro profundo ao querer imitar “ao eleito pelo sufrágio universal” (da constituição francesa de 1852). E isto para as trade-unions! Estas vêm-se obrigadas a se ocupar principalmente de questões monetárias; por isso, não tardaríeis em verificar que, nestas questões, se resume todo o poder ditatorial.”⁽⁷⁾

Distingue-se pela sua importância nesta carta, não somente a crítica concreta, aniquiladora do supercentralismo de Lassalle-Schweitzer, mas também a posição regulamentar desta questão: — é preciso ensinar ao trabalhador alemão “caminhar sem o auxílio de ninguém”.

Marx e Engels examinaram frequentemente essa questão em sua correspondência. Conheciam o significado do adestramento burocrático, e temiam que a organização do partido e dos sindicatos chegasse a adquirir uma estrutura burocrática, suscetível de causar um dano imenso à classe proletária da Alemanha. Nesta, como em outras questões, as palavras de Marx confirmaram-se. O centralismo burocrático da social-democracia alemã, que corresponde às tradições “nacionais” do servilismo de quartel prussiano, asfixia o movimento proletário na Alemanha.

Ambos manifestaram também, com evidente frequência, suas opiniões sobre as pretensões ditatoriais de Schweitzer, herdeiro de Lassalle. Provavam que a sua orientação provocaria no mínimo a ruína do partido. Afirmavam que se tornava necessário a Schweitzer escolher entre a organização sindical das massas e o isolamento sectário.

Após o Congresso Proletário de Hamburgo, Marx escreve a Engels, em 26 de setembro de 1868:

“O que, sobretudo, há de ridículo em Schweitzer — claro que devido ao seu exército e à sua qualidade de presidente da Associação Geral dos Trabalhadores da Alemanha — é que, a cada nova concessão às necessidades do verdadeiro movimento proletário alemão, invoque sem cessar as palavras do mestre, pretendendo timidamente não contradizer os santíssimos dogmas de Lassalle. O Congresso de Hamburgo sentiu, e com razões de sobra, que o verdadeiro movimento proletário (trade-unions, etc...) ameaçava a Associação Geral dos Trabalhadores, como organização específica da seita lassalliana.”⁽⁸⁾

O caráter sectário da organização de Lassalle era incompatível com a propagação do movimento. Marx afirma várias vezes que é impossível a penetração de grandes massas em uma organização sectária. E refere-se a isso em sua carta a B. Polte, em 23 de novembro de 1871:

“A organização de Lassalle é simplesmente uma organização sectária, e, como tal, hostil às organizações do autêntico movimento proletário, que a Internacional pretende criar.”⁽⁹⁾

Marx e Engels trouxeram novamente à baila a questão da atitude em face dos lassallianos, por ocasião do Congresso realizado para a fusão destes com os partidários de Eissenach, em 1871, em Gotha.

Marx analisa implacavelmente o projeto do programa, e formula vigorosamente sua oposição aos lassallianos. Fala da “pretensa lei de bronze” e diz desta lei, pertencer a Lassalle somente a palavra “bronze”; que Lassalle **ignorava** (sublinhado por Marx) a significação do salário, e, como os economistas burgueses, confundia o “aparente com a realidade”; diz ser digno da sua imaginação crer que, **com subvenções do Estado, é tão fácil construir uma nova sociedade, como se constrói uma nova linha ferroviária.**”⁽¹⁰⁾

Em carta a Bebel (18-28 de março de 1875) escreve Marx a propósito do programa de Gotha, entre outras coisas, o seguinte:

“Nem uma palavra pronunciou-se sobre a organização da classe proletária, como classe, por meio dos sindicatos. E este é um ponto fundamental. Os sindicatos são a verdadeira organização de classe do proletariado, onde se educa, e, com ela, efetua sua luta diária contra o capital. Hoje em dia é impossível sufocá-la, nem mesmo com a mais brutal reação (como a que se verifica atualmente em Paris). Dada a importância que esta organização adquire na Alemanha, parece-

nos absolutamente necessário mencioná-la no programa, e, na medida do possível, dar-lhe uma posição determinada na organização do Partido.”⁽¹¹⁾

Tal é a crítica do programa de Gotha, abrangendo as duas questões. Mas, na realidade, “as glosas marginais sobre o programa do Partido Proletário alemão”, ultrapassam amplamente os limites destas questões.

A Liebknecht e Bebel, desagradou muito a crítica severa de Marx e Engels sobre o programa de Gotha. Bebel, ao citar em suas memórias esta passagem, comenta melancolicamente:

“Não era fácil concordar com os dois velhos de Londres. O que a nós parecia um cálculo de inteligência e uma tática hábil, julgavam-na eles como uma fraqueza e um espírito de conciliação irresponsável.”⁽¹²⁾

Essa objeção de Bebel é característica. Nos primeiros dias da fundação da social-democracia alemã, estabeleceu-se o hábito de desculpar os desvios dos princípios marxistas com razões de tática, como se a tática fosse algo desligado e independente das concepções de princípio.

Marx e Engels opuseram-se à fusão dos lassallianos com os partidários de Eissenach, porque a plataforma da fusão era, não só equívoca, mas errônea. Marx assim se manifesta em 5 de maio de 1875, em carta a Bracke:

“Qualquer passo avante, qualquer movimento real, é mais importante que uma dezena de programas. Se era impossível sobrepujar o programa de Eissenach — e as circunstâncias não o permitiam — seria necessário concluir simplesmente um acordo para a ação contra o inimigo comum. Fabrica-se, ao contrário, um programa de princípio (em lugar de reservá-lo para o momento em que uma questão dessa ordem estivesse preparada para uma larga atividade comum) o que equivale a ostentar publicamente bandeiras, que darão azo ao mundo inteiro de julgar o nível do movimento do Partido.”⁽¹³⁾

Vemos assim como Marx preocupava-se com a, fonte originária do movimento sindical na Alemanha. Acompanhava passo a passo o movimento proletário, intervindo publicamente, ou por meio de cartas, a propósito das posições políticas e táticas, corrigindo de passagem os erros e apontando os lados fracos do movimento.

No movimento proletário da Alemanha, havia duas tendências: — a dos Lassalle-Schwveitzer, tendente a destruir os sindicatos, transformando-os em partido, e a outra, cujas tendências eram opostas, isto é, consideravam os sindicatos como a única forma adaptável ao movimento. Neste último sentido pecou J. F. Becker, dirigente da seção alemã da Associação Internacional dos Trabalhadores.

Quando o partido político começou a constituir-se na Alemanha, o problema mais difícil e complicado era o das relações entre as várias sociedades educativas, os sindicatos e o Partido.

Vimos as soluções apresentadas por Lassalle e Schweitzer, e as objeções de Marx e Engels a esse tipo de organizações. J. F. Becker redigiu um projeto em 1869, propondo a formação de um partido político proletário (os partidários de Eissenach), defendendo a ideia de que a única forma verdadeira do movimento proletário são os sindicatos. Eis como formula sua afirmação:

Considerando que somente os sindicatos representam a justa forma das organizações proletárias, inclusive para o futuro, e em vista dos conhecimentos especiais que prevalecem em seu meio e contribuem para a formação de uma consciência social exata, e à medida que se aperfeiçoa a organização dos sindicatos (como por exemplo a “Associação Geral dos Trabalhadores da Alemanha”), as sociedades mistas perdem a razão de ser, depois de cumprirem sua missão de iniciadores; perdem também o direito à existência, etc.... etc....⁽¹⁴⁾

Uma questão dessa ordem só podia ser assim apresentada, porque não se tinha uma ideia exata do que é um partido e como deve estar constituído.

Bebel sobressaltou-se muito com o projeto e perguntou a Marx qual era sua posição diante dele. Marx respondeu que nada tinha de comum com esse documento.

Imediatamente, Engels também reagiu com violência, expressando, a propósito, não só a sua opinião pessoal como também a de Marx.

“O velho Becker deve ter ficado completamente louco. Como é possível que proclame os sindicatos como única forma de agrupamento dos trabalhadores, como base de toda a organização, e que todas as demais associações devem ter unicamente um caráter provisório? E tudo isto num país onde os verdadeiros sindicatos ainda não existem! E que organizações confusas! Por um lado, os sindicatos de cada profissão centralizam-se no comitê nacional; por outro, diversos sindicatos de cada localidade organizam seu comitê central. Se o que se deseja é discórdia permanente, esta é a

organização propícia, às mil maravilhas! Porém, na realidade, oculta-se simplesmente atrás de tudo isto o velho artesão alemão, que quer salvar sua tenda, como base da unidade da organização proletária.”⁽¹⁵⁾

Marx não era caça para as armadilhas de uma frase revolucionária. Quando algum socialista contemporâneo começava a empregar frases demasiadamente retumbantes, Marx o atacava resolutamente. A este respeito é notável a diferença de atitudes de Marx para com Berenstein e Most. O primeiro acusara o segundo de “esquerdismo insinuando veladamente suas opiniões pequeno-burguesas de direita. Marx reagiu contra a intenção de Berenstein, de introduzir seu contrabando.

“Nossas divergências com Most nada têm de comum com as discórdias com os senhores de Zurich (o trio composto pelo dr. Höchbert, Berenstein seu secretário, e Scharamm). Não exprobramos Most por sua ‘Liberdade’ ser excessivamente revolucionária, e sim, porque **não tem conteúdo revolucionário, limitando-se a fazer fraseologia revolucionária.**”⁽¹⁶⁾

Esta é a questão. A luta do marxismo revolucionário contra as frases de esquerda, nada possui de comum com a luta dos reformistas, de todas as variedades e matizes contra os esquerdistas.

Marx e Engels desenvolveram uma luta cruel contra todas as espécies de oportunismos, contra todas as falhas de princípios e contra o método “familiar” na política. Não permitiam a dissimulação das divergências teóricas e políticas, e estavam sempre — como diz o escritor Gleb Uspensky — “preparados para o combate”.

Lenine assinalava, especialmente, em 1917, esta qualidade, na sua introdução às cartas de Marx e Engels a Sorge. Estando tão próximos do movimento proletário alemão, patenteavam nestas cartas, com mais evidência, seu papel dirigente, e seus esforços pela clareza teórica, firmeza política e audácia de tática.

Ambos foram os primeiros em soltar o grito de alarma contra a penetração de elementos alheios na social-democracia alemã, e exigem um controle rigoroso “sobre o bando de doutores, estudantes e a crápula de socialistas de cátedra”, que já então desempenhavam um papel desproporcional. Marx protestava contra “estes senhores teoricamente nulos e imprestáveis na prática”, que pretendiam arrancar os olhos do socialismo, que eles confeccionaram conforme suas receitas universitárias, e, sobretudo, ao partido social-democrata. Pretendiam instruir os trabalhadores, ou, como eles dizem, dar-lhes os “elementos de instrução”. “São nada mais que charlatães contrarrevolucionários.”⁽¹⁷⁾

Pode-se afirmar, por acaso, que esta característica dos “sábios” socialistas envelheceu? Não! Esta classe de contrarrevolucionários charlatães, que se acobertam com a bandeira socialista e até marxista, abunda aos milhares na II Internacional.

Marx e Engels lutavam contra todas as formas de sectarismo e oportunismo, e protestaram especialmente contra a formação de relações irregulares, entre o Partido e os sindicatos. As cartas de Marx e Engels a Liebknecht, Bebel, Kautski, etc.... são um modelo brilhante de vigilância política do partido, de fidelidade estrita aos princípios. Sempre que uma organização do Partido, ou sindicatos, cometia uma infração, eram Marx e Engels que davam sinal de alarma, afirmando que os erros isolados põem em perigo toda a linha. Por isso, o estudo dos princípios de Marx e Engels em todas as questões em litígio, com as organizações lassallianas e eissenachianas, e, mais tarde, com os dirigentes do partido social-democrata, oferece grande interesse de atualidade.

Notas de rodapé:

(1) KARL MARX e F. ENGELS: “Correspondência”

(2) KARL MARX e F. ENGELS: “Correspondência”

(3) F. LASSALLE: “Obras completas”.

(4) Discurso aos operários de Berlim: “Obras Completas”.

(5) MARX e ENGELS: “CARTAS” publicadas sob a direção de Adoratsky.

(6) K. MARX e F. ENGELS: “Cartas”.

(7) Carta de Marx a Schweitzer em 13 de setembro de 1868, AUGUSTO BEBEL: “Da minha vida”.

(8) K. MARX e F. ENGELS: “Cartas”.

(9) K. MARX e F. ENGELS: “Cartas”.

(10) Crítica ao programa de Gotha.

(11) Arquivo de Karl Marx e F. Engels: — Ed. Instituto Marx-Engels-Lenine.

(12) A. BEBEL: “Memórias”.

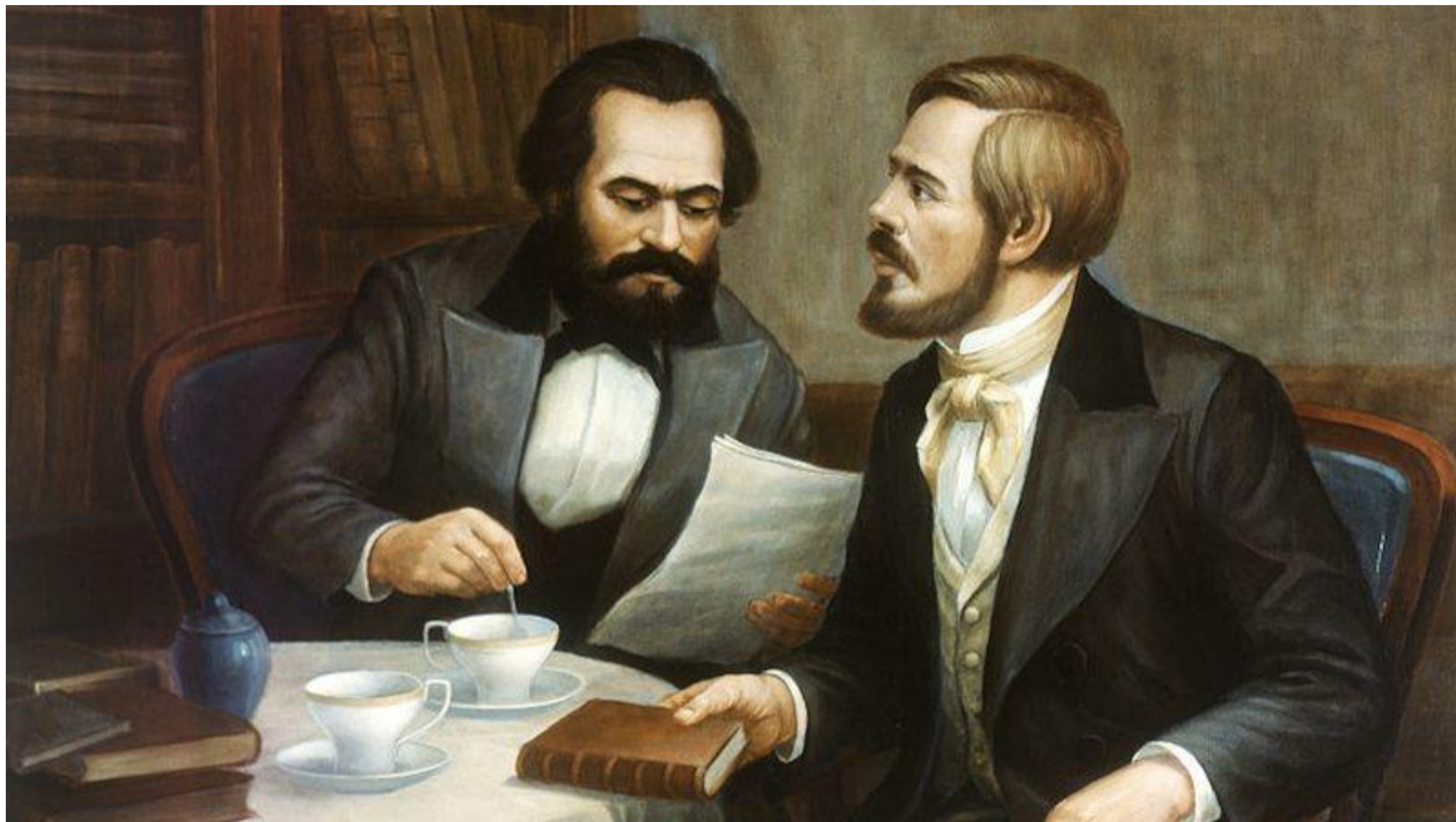
(13) Arquivo de Karl Marx e F. Engels.

(14) HERMAN MULLER: “Karl Marx und die Gewekeschafte”.

(15) MARX e ENGELS: “Obras”.

(16) MARX e ENGELS: “Obras”.

(17) Cartas de Marx a Sorge em 19-9-1879.



Marx e Engels

Capítulo IV

Marx e o Movimento Sindical na Inglaterra

A primeira metade do século XIX caracterizou-se por um impetuoso crescimento e propagação do movimento sindical na Inglaterra. Imediatamente após a supressão do decreto proibitivo das coalizões, em 1824, as trade-unions perdem a sua clandestinidade e começam a alastrar-se por toda a Inglaterra. As trade-unions inglesas eram organizações estritamente gremialistas, que se propunham apenas finalidades práticas, como a diminuição da jornada de trabalho, aumento dos salários, etc. Marx e Engels estudaram durante anos a disseminação do movimento proletário na Inglaterra. A primeira grande obra de Engels, dedicada à situação da classe proletária na Inglaterra, e “O Capital”, obra genial de Marx, estão baseadas no estudo da economia inglesa e do seu movimento proletário. Ambos atribuíram grande importância a essas trade-unions, justamente porque sustentavam uma luta ininterrupta pelo melhoramento das condições proletárias, partindo da seguinte ideia: **a situação da classe proletária é o verdadeiro fundamento e o ponto de partida de todos os movimentos sociais da época contemporânea.** (Engels).

Marx e Engels verificavam o caráter estritamente gremialista das trade-unions e seus horizontes restritos, mas consideravam-nas, sem dúvida, um passo para diante no desenvolvimento proletário inglês, e não somente inglês.

“Para romper o poder da burguesia, escrevia Engels, são necessários algo mais que sindicatos e greves. Porém, esses sindicatos e as greves que originam, são importantes, principalmente por representarem a primeira tentativa dos trabalhadores, para suprimir a **concorrência**. Sua existência obriga à compreensão de que o predomínio da burguesia baseia-se unicamente na concorrência entre os trabalhadores, isto é, na ausência de solidariedade proletária ou na oposição de interesses de uma parte dos proletários contra os interesses de outra. E precisamente porque todos os seus esforços (sindicatos e greves) estão orientados, ainda que **unilateral e estreitamente** (sublinhado por A. L.), contra a concorrência, contra o nervo vital do regime social vigente, são um perigo para este regime. Dificilmente o proletário poderia encontrar uma parte mais vulnerável no regime da burguesia, e em todo o regime social contemporâneo.”⁽¹⁾

O mal fundamental do movimento sindical inglês, já naquele período, consistia nas concepções socialistas ainda vagas e confusas, dos chefes mais avançados. O socialismo inglês da época era extraordinariamente magro e anêmico. Eis como Engels descreve os socialistas de sua época:

“O pai do socialismo inglês foi o fabricante Owen. Seu socialismo, por isso, ainda que excedendo no fundo aos limites das contradições entre a burguesia e o proletariado, guarda, não obstante, por sua forma, atitude muito benevolente para com a burguesia, e muito injusta para com o proletariado. Os socialistas são completamente servis e pacíficos, e reconhecem como justificadas as condições existentes, por pior que sejam, já que negam para a sua modificação qualquer caminho que não seja o da prédica pública... Os socialistas queixam-se frequentemente da desmoralização das classes inferiores. Compreendem, sem dúvida, a causa do ódio dos proletários contra a burguesia, porém consideram que este ódio, único meio de levar avante os trabalhos, é estéril, e pregam uma filantropia e amor universais, muito mais estéreis para a realidade da Inglaterra moderna. Não reconhecem senão o desenvolvimento psicológico, o desenvolvimento do homem abstrato, completamente isolado do seu passado, enquanto todo o mundo, e com ele cada indivíduo, brota do terreno desse passado. São por isso demasiadamente científicos, exuberantemente metafísicos, e não produzem grande coisa.”⁽²⁾

Engels acompanha essa, brilhante descrição do socialismo inglês com uma análise do “cartismo” e das modificações que nele se processaram, após os impetuosos e sangrentos sucessos dos anos 1839-1842. Engels esperava que o verdadeiro socialismo surgisse do cartismo.

“Sem dúvida, os ‘cartistas’ são muito atrasados, pouco instruídos; porém, ao menos, são de corpo e alma verdadeiros proletários, representantes do proletariado.”⁽³⁾

Mas estas previsões de Engels não se realizaram, conforme ele mesmo reconheceu mais tarde. O socialismo inglês continuou sendo, durante todo o século XIX, tão abstrato e estéril como o socialismo de 1850-1860. Marx, analisando a economia e a luta de classe na Inglaterra, “ocupou-se detidamente do movimento proletário”, que surgiu instintivamente da situação econômica, em ambos os lados do Oceano Atlântico.⁽⁴⁾

As trade-unions constituem uma arma de luta contra os capitalistas, e, por conseguinte, a criação de sindicatos significa, para os trabalhadores, um evidente progresso.

Esta ideia predomina em todo “O Capital”. Assim, por exemplo, ao desenhar um amplo quadro da luta dos proletários pela diminuição da jornada de trabalho, Marx escreve:

“A Constituição, em fins de 1865, de uma trade-union dos trabalhadores agrícolas, primeiramente na Escócia, é **um acontecimento histórico.**”⁽⁵⁾

Uma prova da grande importância atribuída por Marx às trade-unions, é ter sido ele o iniciador da incorporação das mesmas à I Internacional, fazendo quanto lhe era possível para pôr-se em contato com as seções locais das trade-unions inglesas.

As seguintes notas extraídas das atas do Conselho Geral testemunham a atitude de numerosas trade-unions, com respeito à I Internacional:

“Em 28 de fevereiro de 1865 foi lida no Conselho Geral uma carta dos operários de ladrilhos, onde expressam seu desejo de aderir à I Internacional. Em 28 de março do mesmo ano, uma delegação do Conselho Geral informa que assistiu à conferência dos sapateiros que se declararam de acordo com os princípios da Associação Internacional de Trabalhadores, e prometeram envidar todos os esforços para difundir entre seus membros, suas ideias magníficas e liberais.”

Em 1.º de abril de 1865 uma delegação é convidada pelos carpinteiros de Chelsey, para explicar-lhes os fins da Associação. Weston apresenta um relatório sobre a delegação junto aos sindicatos dos mineiros. Em 3 de abril de 1866, o Congresso Executivo dos sindicatos de alfaiates ingleses manifesta seus sentimentos cordiais para com a Associação Internacional de Trabalhadores, e promete ingressar nela. Nesta ocasião o Conselho Geral é informado dos desejos dos fiandeiros de Coventry de ingressarem na Internacional. Em 10 de abril do mesmo ano é lida a comunicação de que a sociedade de sapateiros de West-End fez um donativo de uma libra para o Conselho Geral, e propõe-se enviar o companheiro Odger como delegado ao Congresso. Em 1.º de abril é aceito este sindicato. Na mesma data comunica-se que Weston e Young seguiram como delegados à Assembleia do Comitê dos gesseiros. Em 1.º de maio deste ano, Young lê o relatório do seu comparecimento, e de Lafargue, à seção local da sociedade de ladrilheiros. Foram recebidos com grande entusiasmo, obtendo promessas de apoio. Em 15 de maio de 1866, a seção do sindicato unificado dos alfaiates de Darlington é aceita pela Internacional. Em 17 de junho de 1866, é lida a comunicação da sociedade de tanoeiros “Mão à Mão”, impondo a todos os seus membros

a quota de um xelim por pessoa, para o financiamento do Congresso de Genebra. Nesta mesma reunião anuncia-se que uma assembleia de trabalhadores carpinteiros, que recebeu a delegação da Internacional, resolveu contribuir com uma libra para as despesas do Congresso. Em 17 de agosto de 1866, a sociedade dos tipógrafos de Londres delibera enviar seu secretário ao Congresso de Genebra. Em troca, a Associação Unificada dos trabalhadores de construção de máquinas nega-se a enviar um delegado ao Congresso e a admitir delegações nas seções locais de sua Associação.⁽⁶⁾

Estas atas são muito valiosas, porque refletem o interesse existente numa parte das trade-unions pela Internacional. No jornal de Johann Phillippe Becker, "Vorbote", do mês de maio de 1866, lê-se uma nota referente a cinco grandes sindicatos que ingressaram na Internacional (até então só se filiavam a ela sindicatos individuais). Os sindicatos aderentes foram:

O sindicato dos tecedores de cintas de seda, com 10.000 membros; o sindicato de alfaiates, 8.000 membros; o de sapateiros, 9.000 membros; e a seguir, o sindicato de mecânicos e os operários de fabricação de grades. No número de julho, o "Vorbote" informa que a Assembleia dos delegados dos carpinteiros da Inglaterra, reunida em Manchester, sob a presidência de Applegarth, concordou unanimemente em propor aos seus sindicatos locais a adesão à Internacional.

Aderiram também os sindicatos dos canteiros de Londres e Stradford, muitas sociedades pequenas, e, por último, a União unificada dos mecânicos ingleses, possuindo 32.000 membros. O número do "Vorbote" de novembro informa da adesão dos sindicatos dos cesteiros (300 membros), e da União dos Peões, com 28.000 membros.⁽⁷⁾

O relatório do Congresso de Basileia, escrito por Marx, anuncia que o Congresso Geral das Trade-Unions inglesas, recém-reunido em Birmingham, adotou a seguinte resolução:

"Considerando que a Associação Internacional de Trabalhadores se propõe unificar as massas trabalhadoras e defender seus interesses, que em toda a parte são idênticos, o Congresso recomenda aos trabalhadores do Reino Unido, e especialmente às corporações proletárias organizadas, que apoiem esta Associação, e sugere-lhes insistentemente que adiram a ela. O Congresso está convicto, desta vez, de que a realização dos princípios da Internacional, conduzirá à instauração de uma paz sólida entre todos os povos do mundo."⁽⁸⁾

Não obstante, é necessário notar que grande parte das trade-unions negou-se a aderir à Internacional. Assim, por exemplo, quando o Conselho Geral se dirigiu em 1866, ao Congresso das trade-unions de Londres, convidando-o a aderir à Internacional, e em caso de uma resposta negativa, a admitir em sua assembleia um representante desta, para expor as concepções da Associação Internacional de Trabalhadores, o Congresso das trade-unions respondeu negativamente em ambos os casos. Apesar disso, havia no Conselho Geral da A. I. T. um elevado número de ingleses: Odger, Applegarth, Weston, Lookfort, etc., ocupando Odger a presidência do Conselho.

É interessante assinalar que Sidney e Beatriz Webb, historiadores do trade-unionismo inglês, **não dedicaram nos dois tomos de sua obra "Teoria e Prática do trade-unionismo Inglês", uma só página à posição das trade-unions em relação à Internacional, e em sua história do trade-unionismo dedicaram a este problema somente uma nota de rodapé de página.**⁽⁹⁾

Sem dúvida, o descaso acima apontado tem uma importância semelhante aos estatutos de qualquer união, ou à opinião dos economistas ou dos párocos ingleses sobre o mal que causa o trade-unionismo, e o caráter antirreligioso das greves. Porém, estes historiadores "objetivos", que exumaram os estatutos! de todas as uniões e os regulamentos de aprendizagem de vários séculos, que retiraram dos arquivos dos sindicatos os materiais mais insignificantes, passaram por alto sobre a I Internacional, que tem sua sede em Londres, de 1864 a 1872. Semelhantes cegueiras científicas revestem um caráter político demasiado visível. Os historiadores fabianos do trade-unionismo acreditavam, evidentemente, que essa atitude desdenhosa para com Marx e a Associação Internacional dos Trabalhadores diminuiria os méritos de ambos. Equivocaram-se, porém. Sua maneira de agir prova mais uma vez que Marx e a Internacional inspiram verdadeiros terrores aos intelectuais socializantes.

Engels acompanhou durante longos anos o desenvolvimento das ideias socialistas e semi-socialistas na Inglaterra. Em sua carta a Sorge, 18 de janeiro de 1893, lemos a seguinte brilhante definição do socialismo fabiano:

"Aqui em Londres, os fabianos são um bando de 'batoteiros' que têm, apesar de tudo, bastante bom senso para compreender que a revolução social é inevitável; mas como não querem confiar este gigantesco trabalho unicamente ao 'grosseiro' proletariado, manifestam o 'benévolo' desejo de colocar-se na sua vanguarda. O temor à revolução é seu princípio fundamental. São 'intelectuais' por excelência. Seu socialismo é um socialismo municipal; é o município e não toda a nação que deve ser, pelo menos no começo, o dono de todos os meios de produção. Apresentam seu socialismo como a consequência extrema, porém inevitável, do liberalismo burguês. Daí a sua tática: — Não combater energicamente, como a inimigos, os liberais, mas conduzi-los a conclusões socialistas, isto é, enganá-los para impregnar

o liberalismo de socialismo; não opor candidatos socialistas aos liberais, mas sim fazê-los aceitar com mil manobras... Mas não compreendem que, entregando-se a este jogo, serão eles os enganados, ou, por outra forma, ludibriarão o socialismo que ostentam.

Os fabianos editaram, ao lado de suas velharias, algumas boas obras de propaganda, que, aliás, são o que de melhor os ingleses produziram neste terreno. Mas só patenteiam a sua tática específica, isto é, dissimular a luta de classes, quando a situação se agrava. Daí seu ódio a Marx e a todos nós.”⁽¹⁰⁾

Esta crítica mordaz aos fabianos explica-nos também a “imparcialidade” científica dos historiadores do movimento proletário inglês. Se o “temor à revolução” é seu princípio fundamental, não é de admirar que os fabianos odiassem Marx, que foi um incansável batalhador pela revolução proletária. Não foi em vão que a imprensa burguesa crismara-o de “Red Terror Doctor”, o doutor do terror vermelho...”

O Conselho Geral da I Internacional compunha-se de elementos extraordinariamente heterogêneos. Esta era a causa constante da luta desenvolvida em seu seio, sobre os problemas fundamentais econômicos e políticos do movimento proletário. A este respeito, é muito interessante a discussão que se travou no Conselho Geral entre Marx e Weston, sobre a questão do salário, preço e lucros.

Em princípios de novembro de 1864, Marx escreve a Engels:

“Ademais, um velho “owenista”, Weston, homem amável e simpático, atualmente fabricante, apresentou um programa extraordinariamente extenso e terrivelmente confuso.”⁽¹¹⁾

Este homem “amável e simpático” era um grande confusionista, e o Conselho Geral resolveu organizar debates sobre a questão em litígio. Em 20 de maio de 1865, Marx escreve a Engels:

“Hoje à tarde, Assembleia Extraordinária da Internacional. Um velho companheiro, antigo owenista, Weston (carpinteiro), apresentou duas teses, que defendeu incansavelmente:

- 1) Uma alta geral dos salários não pode favorecer em absoluto aos operários.
- 2) conseqüentemente, as trade-unions são prejudiciais.

Se estas duas teses, nas quais ele é o único a crer, fossem aceitas, provocariam um escândalo enorme, tanto junto às trade-unions locais, como também em relação à epidemia de greves que reina atualmente no continente. Durante a discussão (já que nesta Assembleia serão admitidas pessoas não pertencentes ao Conselho Geral) Weston terá o apoio de um inglês que escreveu um folheto no mesmo sentido. O público espera, naturalmente, uma refutação de minha parte. Conheço de antemão, é verdade, os dois pontos fundamentais da discussão:

- 1 — O **salário** determina o valor das mercadorias.
- 2 — Se os capitalistas pagam hoje 5 xelins em lugar de 4, terão que vender suas mercadorias amanhã (devido às exigências crescentes) por 5 xelins em vez de 4.”⁽¹²⁾

A discussão entre Marx e Weston repercutiu deste modo nas atas do Conselho Geral:

“Em 30 de maio de 1865, Weston pronunciou seu discurso sobre os salários. Intervém Marx, formulando concepções contrárias às de Weston. Em 24 de junho de 1865, Marx lê uma parte de suas dissertações sobre os salários, refutando as de Weston. Em 27 de junho, Marx lê o final de sua dissertação sobre os salários. Em 4 de julho, prosseguiram as discussões acerca das posições de Weston e Marx.”⁽¹³⁾

Infelizmente, os debates não chegaram até nós. Não obstante, conhecemos o que Marx proferiu neste assunto. Sua dissertação no Conselho Geral sobre “Salário, preço e benefício” é uma exposição da parte correspondente ao 1 tomo do “Capital”. Marx expõe aqui, nos dois pontos abaixo, a opinião de Weston:

“A massa da produção nacional é qualquer coisa fixa, uma quantidade ou magnitude constante, como diriam os matemáticos.

- 2 — O importe dos salários reais, isto é, os salários medidos pela quantidade de objetos de consumo, que com eles se pode adquirir, é uma soma fixa, uma magnitude também constante.”⁽¹⁴⁾

Esta anêmica teoria provocou grosseiras conclusões políticas. Se as oscilações do salário, em sentido descendente ou ascendente, jamais influíram no nível de vida do proletário, para que então desbaratar forças e dinheiro na organização de sindicatos, no desdobramento das greves, etc.? Encontramo-nos assim de novo ante a “Lei de bronze” de Lassalle, com a roupagem científica da economia política burguesa da Inglaterra.

“As ideias aqui expostas pelo companheiro Weston, podiam ser introduzidas numa casca de noz” — disse Marx, ao começar o seu discurso. E efetivamente, à medida que Marx analisa a teoria de Weston, fica demonstrado que a própria casca de noz estava vazia. Ao analisar os sofismas da economia política burguesa, defendida pelo “bom e amável” Weston, Marx chega às seguintes conclusões teóricas e políticas:

“1 — Uma elevação geral da taxa de salários produzirá uma redução do benefício geral, mas não afetará, em seu conjunto, os preços das mercadorias.

2 — A tendência geral da produção capitalista não é para elevar, mas sim reduzir o salário normal médio.

3 — Os sindicatos demonstram sua eficiência como centros de resistência contra os ataques do capital, mas provam ser em parte ineficazes, devido ao mau emprego de sua força. Em geral tomam um caminho errado, porque se limitam a uma guerra de guerrilhas contra os efeitos do sistema existente, em vez de trabalhar ao mesmo tempo para sua transformação, usando da força organizada como dura alavanca, para a libertação definitiva da classe proletária, o que equivale dizer, para a abolição definitiva do sistema de salariato.”⁽¹⁵⁾

Esta resposta de Marx dispensa hoje, cinquenta anos depois de sua morte, comentários especiais, porque suas ideias tornaram-se patrimônio de milhões de homens. Mas é preciso considerar o estado de ânimo de Marx, quando se viu obrigado, na direção da Internacional, a sustentar discussão sobre um problema, que devia estar bem definido para os dirigentes do movimento proletário. Se ele deu a Weston uma resposta tão científica e tão serenamente fundamentada, foi precisamente porque reinava em torno deste problema uma série de vacilações, confusões e teorias manifestamente errôneas, em todos os países.

Uma grande parte das trade-unions inglesas desinteressava-se dessas questões, e julgava a I Internacional como uma organização destituída de toda força moral. Marx e Engels compreenderam que os líderes dos sindicatos e do movimento cartista fraquejavam, sob o ponto de vista político, e provaram que a burguesia conseguiu dominar os sindicatos, convertendo-os em apêndices dos partidos burgueses. Advém daí sua apreciação tão rude sobre os dirigentes do movimento dos trabalhadores ingleses. Como um dos dirigentes do movimento cartista começasse a pregar a colaboração dos proletários, com a burguesia, escreve Marx a Engels, em 2 de novembro de 1857:

“Jones representa, neste caso, um papel indigno. Sabes que muito antes da crise, e sem outra intenção que a de ter um pretexto para agitar aquele período de calma, Jones havia convocado uma conferência cartista, à qual também deviam ser convidados os radicais burgueses. Mas, presentemente, em lugar de aproveitar a crise, e substituir um pretexto mal escolhido por uma verdadeira agitação, mantém com perseverança seu intuito absurdo e indigno, perante os proletários, pregando a colaboração com a burguesia.”

A “evolução” de Jones preocupava Marx e Engels. Em 8 de outubro de 1858, o segundo escrevia ao primeiro:

“A história de Jones é repugnante. Depois do que fez, é capaz de ser tentado a crer que o **movimento proletário inglês, em sua tradicional forma cartista, deve desaparecer completamente antes de desdobrar-se em uma nova forma viável.** Parece-me que o novo passo de Jones, ligado com os anteriores, no mesmo sentido, relaciona-se, na realidade, com o fato de que o proletariado inglês **aburguesa-se cada vez mais, de modo que esta nação, a mais burguesa de todas, parece querer chegar a ter ao lado da burguesia, uma aristocracia burguesa e um proletariado aburguesado.** Para uma nação que explora o mundo inteiro, isto se justifica até certo ponto.”⁽¹⁶⁾

Já nesta carta, Engels esboça a questão da ação exercida pela burguesia sobre o proletariado, e as causas do aburguesamento dos proletários ingleses. Marx e Engels tornam frequentemente a esta questão. Em 11 de fevereiro de 1878, Marx escreve a Liebknecht:

“Devido ao período de corrupção iniciado a partir de 1848, a classe proletária inglesa foi-se desmoralizando cada vez mais, e chegou por fim ao estado de simples apêndice do grande partido liberal, isto é, do partido de seus próprios opressores capitalistas. Sua direção passou inteiramente às mãos dos chefes venais das trade-unions e dos agitadores profissionais.”⁽¹⁷⁾

Deste modo, Marx indica o momento preciso em que começa o refluxo do espírito revolucionário nos sindicatos e no movimento proletário inglês. Este momento coincide com o declínio do movimento cartista. Uma série de trade-unions adotara uma atitude de simpatia pela criação da I Internacional; porém, outras a consideraram, desde o primeiro momento, como uma possibilidade de obter determinado auxílio em caso de greve. Em 25 de fevereiro de 1865 Marx escreve a Engels:

“No que respeita às uniões de Londres, diariamente aparece uma nova adesão. Assim é que, pouco a pouco, nos convertemos em uma força. Mas daí surge a dificuldade.” (“Correspondência”).

A dificuldade consiste em que certas adesões não significam, de modo algum, que as trade-unions aceitaram integralmente o ponto de vista da I Internacional.

Marx tinha na devida conta, e atribuía grande importância à adesão das trade-unions à Associação Internacional de Trabalhadores. Em 15 de janeiro de 1866, escreve a Kugelmann:

“Conseguimos atrair ao movimento a única e verdadeiramente grande organização proletária: as trade-unions inglesas, que se ocupavam antes exclusivamente de questões de salários.”⁽¹⁸⁾

Mas Marx compreendia que as trade-unions estavam longe de haver pronunciado a última palavra, e que os choques com os seus chefes eram inevitáveis. Como entre elas se difundira a notícia de que a Associação Internacional de Trabalhadores poderia auxiliá-los, durante as greves, chefes que nada tinham de comum com o socialismo começaram a invadir a Internacional. Em 11 de setembro de 1867, Marx escreve a Engels:

“Os pássaros ingleses das trade-unions, para os quais voávamos ‘demasiado longe’, chegam correndo a nós.”

Corriam à Internacional por uma razão muito simples: interessava-lhes somente o auxílio que podiam receber. A seguinte carta a Kugelmann é suficiente para demonstrar a ideia de Marx, a respeito dos chefes das trade-unions:

“Na Inglaterra só progride atualmente o movimento dos trabalhadores agrícolas. Os operários industriais têm que se livrar, antes de mais nada, de seus dirigentes atuais. Quando eu ataquei estes indivíduos no Congresso de Haia, sabia que atraía a impopularidade, as calúnias, etc... Mas isto sempre me deixou indiferente. Aqui e acolá já começam a se convencer de que cumpri meu dever, quando os denunciei.”⁽¹⁹⁾

Qual era a causa dessa situação das trade-unions inglesas? Onde a raiz da formação de quadros consideráveis de trabalhadores aburguesados na Inglaterra? Nas obras de Engels, encontramos páginas brilhantes, consagradas a definir o movimento proletário inglês. Em 17 de janeiro de 1879, Engels escreve a Berenstein:

“Desde os últimos anos, o movimento proletário inglês gira em torno do círculo vicioso das greves, pelo aumento dos salários e pela diminuição da jornada de trabalho, não as encarando como um meio provisório, de propaganda e ação, mas sim como objetivo final. As trade-unions excluem estatutariamente, e por princípio, toda ação política, e, por conseguinte, excluem a participação, em todas as atividades gerais, da classe proletária, como classe. Sob seu ponto de vista político, a classe opressora divide-se em conservadores e liberais radicais, em partidários do ministro de Disraeli (Beaconsfield) e do ministro Gladstone. Consequentemente, só se pode falar do movimento proletário na Inglaterra, à medida que se reproduzem greves, as quais vitoriosas ou não, não fazem avançar o movimento proletário um passo sequer. Estas greves provocadas conscientemente, nestes últimos anos de paralisação de negócios, por capitalistas, que procuravam pretexto para fechar suas fábricas, greves que crescem até atingir as dimensões de um movimento histórico mundial... em meu modo de ver, não fazem mais do que prejudicar a nossa classe. Ninguém deve dissimular a circunstância de não existir no momento aqui um genuíno movimento proletário, no verdadeiro sentido da palavra.”⁽²⁰⁾

Engels volta novamente a esta questão. Respondendo à pergunta de Kautski sobre o que pensam os proletários ingleses da política continental, ele afirma em carta de 12 de setembro de 1882:

“Pensam sobre isto o **mesmo que pensam sobre a política em geral, e seu pensamento coincide com o da burguesia**. É que aqui não existe um partido proletário, ‘não há mais do que um partido conservador e um partido liberal radical’. Aliás, os trabalhadores também participam, em escala sensível, do monopólio da Inglaterra sobre o mercado mundial e as colônias.”⁽²¹⁾

As causas que conduziram a Inglaterra a esta situação, não podiam ser eternas. A situação excepcional ocupada pela Inglaterra no mercado mundial tinha que chegar ao fim. Engels afirma que a evolução política do movimento proletário na Inglaterra, depende desta perder primeiramente sua situação monopolista no mercado mundial. Em sua carta de 30 de agosto de 1883, escreve a Bebel:

“Aqui não surgirá nenhum autêntico movimento proletário — salvo imprevisto — enquanto os proletários não sentirem que o monopólio mundial inglês está fracassado. **A participação no domínio inglês sobre o mercado mundial, foi e continua sendo a base econômica da insignificância política dos trabalhadores ingleses**. Arrastando-se atrás da burguesia, e participando sempre das vantagens da exploração econômica deste monopólio, os proletários, como é natural, seguem politicamente o ‘grande partido liberal’. Este, por sua vez, atira-lhes algumas migalhas, reconhece seu direito sindical e grevista, renuncia à luta pela jornada ilimitada de trabalho, e concede o sufrágio universal aos trabalhadores melhor pagos.

Mas quando os Estados Unidos, e a concorrência unificadas dos demais países industriais, abrirem uma brecha neste monopólio (no que respeita ao ferro está muito próximo, e no concernente ao algodão, ainda não) vereis o que se passará por aqui.”^[22]

Engels previu justamente o início da modificação do movimento proletário na Inglaterra, mas não podia prever a profunda raiz que o monopólio plantou nas massas, nem o tributo elevado e prolongado que a classe proletária inglesa teria de pagar pela situação privilegiada que desfrutou no mercado mundial, durante muitas décadas. Os chefes das trade-unions foram, e continuam sendo, apêndices dos partidos burgueses, e acabaram por se transformar nos mais terríveis inimigos do crescente movimento proletário revolucionário. Em sua carta de 8 de dezembro de 1832, Engels comunica a Marx um fato eloquente:

“Quando no meeting dos possibilistas, os franceses começaram a cantar a Marselhesa, em honra da delegação das trade-unions, o respeitável Spiton e seus correligionários, que deviam corresponder dignamente, começaram a entoar uníssonos o ‘God Save the King’, ‘deus salve o rei’” ...^[23]

Nada de extraordinário, pois, no ódio de Marx e Engels aos chefes das trade-unions, que afastavam cada vez mais estas organizações de sua missão histórica. Aquele que deseja conhecer as causas do atraso do atual movimento sindical da Inglaterra, compreendê-las, e aprender os métodos para combatê-las, deve estudar com a maior atenção o que os fundadores do marxismo escreveram sobre o aburguesamento do proletariado inglês, sobre os primeiros passos e desenvolvimento das trade-unions.

Notas de rodapé:

(1) MARX e ENGELS: T. III. pág. 501.

(2) MARX e ENGELS: T. III.

(3) MARX e ENGELS: T. III.

(4) “O Capital”, T. I.

(5) “O Capital”, T. I.

(6) Gustavo Jaeck: — “A Internacional”.

(7) Gustavo Jaeck: — “A Internacional”.

(8) Atas Conselho Geral. Arquivo do Instituto Marx-Engels-Lenine. Moscou.

(9) Sidney e Beatriz Webb: - História das Trade-Unions.

(10) “Cartas a F. Sorge”.

(11) K. MARX e F. ENGELS: “Cartas”.

(12) K. MARX e F. ENGELS: — “Correspondência”.

(13) K. MARX e F. ENGELS — “Correspondência”.

(14) K. MARX: “Salário, preço e benefício”. Manuais Elementares de Comunismo.

(15) “Salário, preço e benefício”.

(16) K. MARX e F. ENGELS: “Correspondência”

(17) Arquivo I (VI) pág. 383.

(18) Marx e Kugelmann: Correspondência.

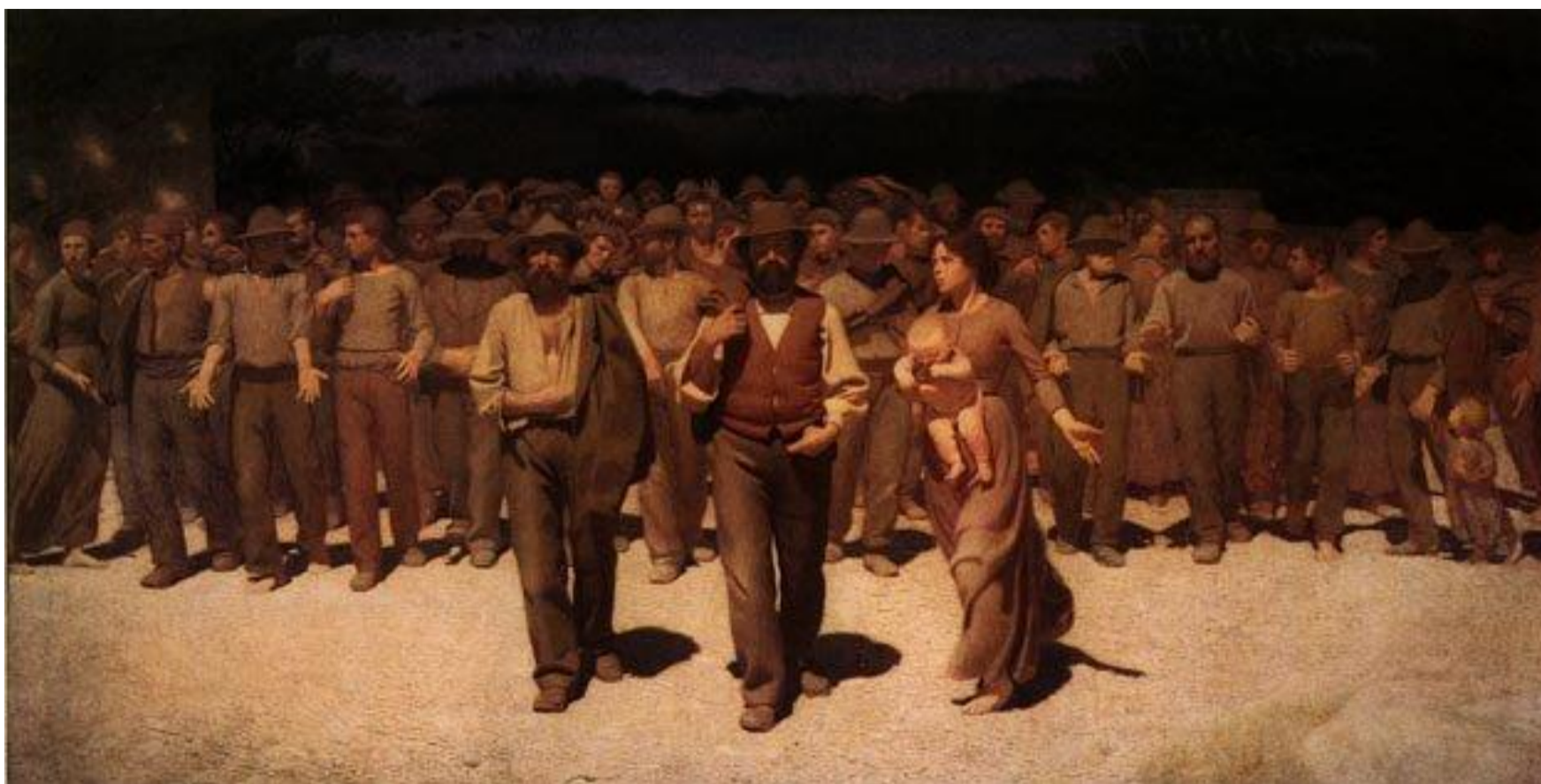
(19) K. MARX e F. ENGELS: Correspondência.

(20) Arquivo Marx-Engels: I-VI. pág. I 136. Instituto Marx-Engels-Lenine.

(21) Arquivo, I, p. 203.

(22) Arquivo I-VI p. 235.

(23) K. MARX e F. ENGELS: t. XXVI pág. 559.



“O quarto estado”, obra do artista italiano Giuseppe Pellizza (1868-1907), põe em foco o proletariado, que entra em greve e ocupa a praça de Volpedo, na Itália, cidade natal do pintor.

Capítulo V

Marx e o Movimento Proletário Francês

É notório que uma das fontes do marxismo é o socialismo francês. Que terá Marx tomado do socialismo francês e que lhe deu ele?

Marx ocupou-se detidamente das revoluções francesas, a começar pela grande revolução de 1789. E persistiu, acompanhando as greves, insurreições, combates de massas do proletariado francês e o reflexo que a luta de classes, e de todos os movimentos das massas operárias e camponesas, teve sobre os sistemas socialistas (socialistas utópicos, comunistas, utopistas, blanquistas, mutualistas, possibilistas, marxistas, etc.). já na introdução das Revelações sobre o processo dos comunistas de Colônia, Engels escreve que, ele e Marx, quando dirigiam a “Liga dos Comunistas”, inspiravam-se nos exemplos de Marat. Este revolucionário burguês, o mais coerente de todos, atraía Marx e Engels pela expressão de sua vontade férrea, por sua intransigência e intrepidez revolucionárias. Desse modo formavam-se os revolucionários proletários, aproveitando a experiência dos melhores revolucionários burgueses.

Ao estudar os revolucionários burgueses de França, Marx demonstrou em suas obras, com a energia que o caracteriza, como a burguesia faz dos trabalhadores, carne de canhão, e como, depois da revolução atira contra a classe proletária todas as forças, quer do antigo, quer do novo Poder do Estado. Marx vislumbrou logo o caráter utópico do programa de Babeuf, Saint-Simon, Charles Fourier e Cabet, porém, apreciava-os muito como precursores do socialismo científico. Sabia distinguir entre o sincero socialismo utópico e a politiquice socialista pequeno-burguesa de Luís Blanc e companhia. Marx criou o socialismo científico, mediante a negação dialética do socialismo utópico, e a elaboração viva da história e da obra revolucionária das massas trabalhadoras de França. A experiência revolucionária das massas é precisamente a fonte fundamental e principal do marxismo.

A conspiração dos “Iguais” foi a resposta das massas desiludidas da Grande Revolução, devido ao triunfo da reação termidoriana. Os “babeufistas” como é sabido, expuseram suas concepções em quatro documentos:

1. Manifesto dos Iguais;
2. Análise da doutrina;
3. O ato de insurreição;
4. Os decretos.

Os “babeufistas” propunham-se organizar a revolução dos pobres contra os ricos, e ao compenetrarem-se de que todo mal residia na propriedade, lutaram pelo estabelecimento da igualdade econômica. O Manifesto dos Iguais proclama que “a Revolução Francesa é somente a precursora de outra revolução maior, mais imponente, que será a última”.

Para o seu tempo, o programa dos “babeufistas” representa um formidável salto à frente. Mas embora Babeuf e os “babeufistas” não possuíssem a força social capaz de pôr em prática o seu programa, (e nisto consistia o seu utopismo), este programa comunista foi o reflexo das modificações profundas, que se produziram no seio das grandes massas, às quais, tantos anos de agitação revolucionária, nada haviam dado.

A repressão da conspiração dos Iguais, e a vitória de Napoleão sobre o inimigo externo e interno, provocou certa depressão nas massas. As ideias socialistas começam a aparecer sob forma de teorias semirreligiosas e semi-socialistas. O aristocrata Saint-Simon e o desqualificado Charles Fourier surgem com os seus planos de remodelação da sociedade. A parte positiva destas ideologias consiste, não nos planos de um futuro feliz, mas na crítica do presente, e no cuidado em apontar o antagonismo entre os que possuem os que nada possuem. Porém, por mais distintas que fossem suas origens e seus planos, ambos dirigiram-se “a pessoas de coração”, esperançosos de atrair os capitalistas progressistas, e transformar pacificamente a humanidade transviada do caminho da razão.

Como Saint-Simon nem Fourier possuíam a força social necessária para concretizar seus sonhos, dirigiam-se às forças do além, à religião, que ocupa papel saliente em suas doutrinas.

Os seus discípulos desenvolveram, no entanto, mais amplamente, a parte mística e doutrinária destes grandes utopistas. Bazard, Enfantin, Victor Considerant, Pierre Leroux, etc., cujas tentativas limitavam-se a desenvolver, dentro das novas condições, a parte mística-utópica da doutrina utopista.

Por isso foram atacados vigorosamente no “Manifesto Comunista”. Após assinalarem que a obra de Babeuf exprime as reivindicações proletárias, Marx e Engels escrevem sobre os utopistas:

“Os inventores deste sistema compenetram-se do antagonismo das classes, assim como da ação dos elementos dissolventes, na mesma sociedade dominante. Não reconheceu, porém, no proletariado, nenhuma independência histórica, nenhum movimento histórico que lhe seja próprio.

Como o desenvolvimento do antagonismo das classes acompanha, passo a passo, o desenvolvimento da indústria, não pressentem de antemão as condições materiais da emancipação do proletariado, e aventuram-se em busca de uma ciência social, de leis sociais, com o fim de criar essas condições.

Mas a forma rudimentar da luta de classes, assim como sua própria posição social, leva-os a considerarem-se muito acima de todo antagonismo de classes. Desejam melhorar as condições materiais da vida para todos os membros da sociedade, mesmo para os mais privilegiados. Consequentemente, não cessam de apelar para a sociedade inteira, sem distinção, e mesmo assim dirigem-se de preferência à classe dominante.

Repudiam, pois, toda ação política e, sobretudo, toda ação revolucionária. Mas propõem-se alcançar seu objetivo por meios pacíficos, ensaiando abrir caminho ao novo evangelho social pela força do exemplo, pelas experiências em “pequeno grau”, que, naturalmente, sempre fracassam.”⁽¹⁾

Muito interessante é a precisão de Engels sobre os utopistas franceses, em seu famoso livro “Anti-Dühring”. Depois de destacar o atraso das relações econômicas na França, nos primórdios do século XIX, Engels escreve:

“Saint-Simon destaca com maior frequência o seguinte: — Sempre, e em toda parte, interessa-lhe antes de mais nada ‘o destino da classe mais numerosa e mais pobre’...

Já nas cartas de Genebra, de Saint-Simon, encontramos a afirmação de que “todos os homens devem trabalhar”. Na mesma obra afirma que o reino do Terror na França, foi o reino das classes despojadas.

Pois bem, em 1802 era uma descoberta absolutamente genial conceber a Revolução francesa como uma luta de classes, entre a nobreza, a burguesia e as **massas despojadas**.

Em Fourier, encontramos uma crítica do regime social existente, que além de ser de espírito profundamente francês, não é menos penetrante e profunda.”⁽²⁾

O que acima está dito, mostra as razões da estima de Marx e Engels pelos utopistas. O que lhes importava era o fato deles terem lançado ao mundo palavras até então inéditas sobre os interesses dos despojados, reconhecendo as contradições de classes, etc.... Outra atitude, porém, foi assumida por Marx e Engels em face dos discípulos dos utopistas, que fizeram retrogradar o movimento, procurando paralisá-lo na etapa já franqueada.

No “Manifesto Comunista”, lemos, a respeito destes, o seguinte:

“Se em muitos casos os autores destes sistemas eram revolucionários, o mesmo não acontece com as seitas formadas por seus discípulos, que são reacionários, pois seus sequazes obstinam-se em opor as velhas concepções de seus mestres

à evolução histórica do proletariado. Procuram, pois, e nisto estão lógicos, entorpecer a luta de classes e conciliar os antagonismos...

Pouco a pouco, caem na categoria dos socialistas reacionários ou conservadores, descritos mais acima, e só se fazem notar por um pedantismo sistemático e uma fé supersticiosa e fanática na eficácia de sua ciência social.

Opõem-se, com disposição, a qualquer ação política da classe proletária, pois semelhante ação só pode proceder, a seu juízo, da cega falta de fé no novo evangelho.”

O comunista-utopista Etienne Cabet também se parecia pouco com o seu antecessor Babeuf. Se este preparava a insurreição, e pretendia levantar as massas contra os que exploravam a revolução para se enriquecerem, Etienne Cabet sonhava com a instauração pacífica da sociedade comunista. Sua “Viagem à Icária” termina com as seguintes palavras:

“Se tivesse a revolução em minha mão, eu a manteria cerrada, mesmo que tivesse de morrer no desterro.”

Aí, o medo da revolução provém das decepções causadas pelas revoluções anteriores, que terminaram todas desfavoravelmente para a classe proletária. Que relação, pois, têm todos estes pensadores da primeira metade do século XIX, com Marx e o marxismo? Alguns escritores pensam que o marxismo é a súpula das ideias de Saint-Simon, Fourier e seus discípulos. A esta conclusão chega o socialista francês Paul Louis, que escreveu o seguinte:

“Louis Blanc e Vidal indicaram a necessidade de recorrer ao poder do Estado, e patrocinaram o princípio da conquista do poder público, como condição prévia indispensável a qualquer revolução. Pecquer e Cabet foram os primeiros a nos dar uma exposição detalhada do coletivismo e do comunismo. Finalmente, Proudhon expôs com relevo as contradições de classe, mostrou os defeitos da propriedade privada, a constante exploração do operário assalariado pelos capitalistas, descobriu as contradições internas do regime econômico, que gera tanto mais infelizes quantas riquezas produz. Se reunirmos tudo isto num só quadro, obteremos a expressão quase completa do marxismo.”⁽³⁾

Somente um eclético típico, um homem que procurava temporizar sua permanência no Partido Comunista, colaborando na imprensa amarela, pode chegar à conclusão de que o resumo das concepções de Louis Blanc, Vidal, Pecquer, Cabet e Proudhon, é quase marxismo.

Paul Louis nivela tudo, a ponto de afirmar que todos estes pensamentos estavam impregnados de idealismo, embora não tivessem chegado ao materialismo histórico. Isto, aliás, não lhe parece importante, porque o “materialismo histórico não forma um todo único, ligado a todas as leis da teoria marxista”.

Pode-se afirmar que o resumo das concepções dos socialistas utópicos, comunistas utópicos e socialistas pequeno-burgueses, como Proudhon e Louis Blanc, forma um “quase marxismo”? De modo algum! Isto seria um “teste” flagrante de ignorância da distinção entre o marxismo e as teorias francesas daquela época. É certo que Marx organizou criticamente tudo o que fora criado no domínio das ideias socialistas na França. Portanto, que trouxe ele de novo?

1. Marx demonstrou ser o proletariado a única força capaz de lutar vitoriosamente pelo socialismo.
2. Traçou um limite político, nitidamente marcado, entre o proletariado e as demais classes.
3. Considerou a revolução violenta e a instauração da ditadura do proletariado como único caminho possível, que conduz ao socialismo.

De todos os socialistas que começaram a sua ação na primeira metade do século XIX, um só era considerado por Marx como revolucionário proletário: Augusto Blanqui. Este sentiu profundo ódio contra os opressores. Estava longe, porém, de compreender o socialismo científico, e construía seus planos baseando-se, não nas ações das massas, e sim nas de um pequeno grupo conspirador. Marx, porém, considerava Blanqui como o maior revolucionário depois de Babeuf, chamando-o chefe do partido proletário.

Marx via a dinâmica interna das relações de classe nas revoluções francesas:

“Nas jornadas de julho de 1830 — escreve Marx — os proletários conquistaram a **monarquia burguesa**. Nas jornadas de fevereiro de 1848, conquistaram a **república burguesa**. Assim como em julho a monarquia foi obrigada a proclamar-se monarquia, cercada de instituições republicanas, a república de fevereiro viu-se forçada a proclamar-se **república, cercada de instituições sociais**.

O proletariado de Paris conseguiu igualmente esta concessão.”⁽⁴⁾

Os trabalhadores, porém, haviam recebido uma satisfação puramente formal.

“Em 23 de fevereiro, cerca de meio-dia — relata Daniel Stern — grande número de corporações, compreendendo cerca de 12.000 pessoas, saiu à praça de Greve e alinhou-se em forma, sob um profundo silêncio. Seus estandartes levavam

estas inscrições: — “Organização do Trabalho”, “Ministério do Trabalho”, “Abolição da exploração do homem pelo homem.”⁽⁵⁾

As duas primeiras reivindicações dos proletários, formuladas por socialistas tipo Louis Blanc, provocaram a seguinte observação irônica de Marx:

“A organização do trabalho! Mas o trabalho assalariado é apenas a organização burguesa do trabalho. Sem ele não há capital, nem burguesia, nem sociedade burguesa. Ministério do Trabalho especial? **Por acaso o Ministério das Finanças, do Comércio, de Obras Públicas, não são o ministério burguês do trabalho?**”

O governo provisório manobrou habilmente. Respondeu a todas as reclamações dos trabalhadores, com a nomeação da Comissão de Luxemburgo, onde Louis Blanc e Albert foram pródigos em longos discursos sobre o futuro, distraindo a atenção dos proletários, do presente. Na Comissão de Luxemburgo, Marx vê as reivindicações elementares dos trabalhadores e o reflexo da luta de classes.

“O direito ao trabalho é a fórmula ainda primitiva das reivindicações revolucionárias do proletariado.”⁽⁶⁾

“À Comissão de Luxemburgo cabe o mérito de haver proclamado, do alto de uma tribuna europeia, o segredo da revolução do século XIX: **a emancipação do proletariado.**”⁽⁷⁾

O proletariado de Paris foi derrotado nas jornadas de junho, por não estar ainda, sob o ponto de vista político e de organização, à altura de suas tarefas históricas. Após haver analisado brilhantemente a disposição das forças de classe na revolução de 1848, escreve Marx:

“Quando uma classe, onde se concentram os interesses revolucionários da sociedade, subleva-se, encontra diretamente em sua situação o conteúdo e o material para a sua atividade revolucionária: aniquila o inimigo, toma as medidas ditadas pela luta, enquanto as consequências de suas próprias ações impelem-na para a frente. Uma classe tal não se ocupa de investigações teóricas sobre suas próprias tarefas. A classe proletária da França não se encontrava em semelhante situação, e por isso ainda não estava apta para realizar a revolução.”⁽⁸⁾

Para que a classe proletária, porém, faça uma revolução para si, é preciso um determinado nível político e de organização, como também uma distribuição especial das forças de classe.

“Os proletários franceses estavam impossibilitados de avançar um só passo, não podiam tocar, sequer, em um só cabelo do regime burguês, enquanto a marcha da revolução não erguesse contra este regime, contra o domínio do capital, a massa que se achava entre o proletariado e a burguesia — os camponeses e pequenos-burgueses — obrigando-os a aderir ao operariado e a reconhecer nele seu lutador de vanguarda. Somente com o preço da terrível derrota de junho, os operários conseguiram obter a vitória.”⁽⁹⁾

É essa disposição particular das forças de classe, que tem determinado o caráter dos sistemas socialistas. Daí o socialismo burguês e pequeno-burguês; daí o “socialismo doutrinário”, que foi a expressão teórica do proletariado, até o momento em que este amadureceu bastante para possuir um movimento histórico independente. (Marx). Desde o momento em que este socialismo doutrinário transfere-se do proletariado para a pequena-burguesia,

“o proletariado passa a agrupar-se cada vez mais, em torno do **socialismo revolucionário**, do comunismo, que esta mesma burguesia batizou com o nome de Blanquismo. Este socialismo é apenas a revolução permanente, a ditadura de classe do proletariado, etapa indispensável para a abolição de todas as diferenças de classe, para a abolição das relações de produção, sobre as quais descansam estas diferenças, para a abolição de todas as relações sociais correspondentes às relações de produção, e para a subversão de todas as ideias que delas surgem.”⁽¹⁰⁾

Foi desse modo que Marx apresentou, já em 1848, a questão das correntes socialistas e da sua situação na luta do proletariado francês, assim como as causas da derrota de junho. Muito mais tarde, no ano de 1890, Engels, na introdução ao “Manifesto Comunista” observou que antes já da revolução de 1848, acentuava-se profunda separação entre socialistas e comunistas:

“Em compensação, a parte dos proletários, que convencida da ineficácia dos simples transtornos políticos, batia-se por uma transformação fundamental da sociedade, era chamada então **comunista**. Era um comunismo apenas elaborado, muito instintivo, às vezes um pouco grosseiro, mas assaz pujante para produzir dois sistemas de comunismo: — na França, a **Icária**, de Cabet, e na Alemanha, o de Weitling. O socialismo representava, em 1847, um movimento burguês, o comunismo, um movimento proletário.”⁽¹¹⁾

O esmagamento da ação de Paris, em 1848, foi o ponto de partida para um longo período de reação, não só na França, mas em todo o continente europeu. A derrocada política fez surgir a reação ideológica, donde se inicia o êxito de renúncia à luta política e da volta ao

mutualismo. Em que consiste o mutualismo político de Proudhon? Na substituição da luta de classe por “serviços mútuos”, precisamente o que a burguesia queria obter da classe proletária na França, “desmoralizada” por várias revoluções.

Após a repressão sangrenta de junho, o movimento proletário da França reergueu-se com dificuldade. A esperança de uma solução ao problema social no mutualismo, nos bancos proletários e na organização de colônias comunistas nos Estados Unidos, desenvolveu-se paralelamente ao recrudescimento da luta econômica pelas reivindicações e necessidades imediatas dos operários. O início da sétima década, marca uma ascensão. O governo de Napoleão II tenta aplicar a demagogia, embora sem abandonar a repressão. O governo estimula a participação dos representantes operários nas exposições internacionais, e esforça-se por controlar a grande variedade de tipos de organizações proletárias (sindicatos, sociedades de auxílio mútuo, sociedades operárias de resistência), que, apesar de todo o seu programa político primitivo, e da debilidade de organização, constituíam centros de reunião das forças da classe proletária.

Em 1862, dois candidatos proletários participam das eleições; em 1864, aparece o manifesto-plataforma eleitoral, assinado por sessenta operários, representantes de diversas organizações de classe. O governo acompanha estas manobras, concordando em cobrir despesas de viagem de 200 operários à exposição internacional de Londres. O Estado começa a facilitar subsídios às sociedades de auxílio mútuo, e finalmente a lei de 25 de maio de 1864 dá aos trabalhadores o direito de coalisão. Aliás, isto não era mais que uma concessão pró-forma, pois continuaram as perseguições aos grevistas. Até 1864 havia anualmente cerca de 70 processos de grevistas, e, após a promulgação da lei “sobre a liberdade de greve”, havia outros 51 processos anuais por “infração à liberdade de trabalho”.⁽¹²⁾

A viagem à Inglaterra, em 1862, produzia forte impressão nos delegados, e seus relatórios representaram grande papel político e organizador. O que, sobretudo, teve excepcional importância, foi o intercâmbio de saudações entre os operários franceses e ingleses, motivado por esta viagem. Iniciavam-se assim, de modo real, as relações internacionais entre os trabalhadores. Se, em 1862, teve lugar o primeiro contato, a viagem de 1864 foi o ponto de partida para a fundação da Associação Internacional de Trabalhadores, que muito concorreu para a difusão das ideias de Marx e Engels, servindo de orientadora, durante 9 anos, (1864 e 1872), das massas trabalhadoras da Europa e América, e de espantinho da burguesia internacional.

Como já me referi, Marx foi a alma da I Internacional. Apreciava melhor que ninguém o nível teórico e prático das seções nacionais, especialmente da seção francesa. Porém, a Internacional foi criada especialmente para elevar o nível de seus integrantes. Os operários franceses trouxeram à Internacional suas riquíssimas tradições revolucionárias, mas, ao mesmo tempo, fizeram penetrar nela as ideias pequeno-burguesas, socialistas, semi-socialistas e proudhonianas (das quais Bakunin apoderou-se), e que provocaram finalmente a destruição da Associação Internacional de Trabalhadores.

A fundação da Internacional foi acolhida com enorme interesse pelos trabalhadores franceses. De 1860 a 1870, a Internacional transformou-se numa força, em França. Suas seções multiplicavam-se e aumentavam em todo o país; porém, sua composição era extremamente heterogênea. De todas as partes da França, sindicatos locais aderiram à Internacional, caixas e sociedades de resistência, sociedades de auxílio mútuo, grupos políticos e operários, e operários em greve. “O progresso da Associação ultrapassou todas as esperanças aqui, em Paris, na Bélgica, na Suíça e na Itália”, escreve Marx a Kugelmann, em 23 de fevereiro de 1865. Ouçamos, primeiramente o eco do movimento proletário na França, apreciando-o nas atas da Associação Internacional de Trabalhadores. Eis o que lemos nas atas do Conselho Geral:

“20 de junho de 1865: — Lê-se uma comunicação, anunciando que a Sociedade dos Tecelões de Lille ingressará, provavelmente, na Associação Internacional de Trabalhadores.

4 de julho de 1865: — Leitura de uma carta de Lyon, que acusa o recebimento de 400 carnês e pede informações concernentes à indústria. Comunica também que a greve terminou desfavoravelmente para os operários, que se viram obrigados a ceder, por falta de meios de resistência.

28 de setembro de 1869: — Uma carta de Marselha informa de “lock-out” dos cesteiros e reclama auxílio. O secretário é encarregado de responder que não há possibilidade de auxílio financeiro. É encarregado de escrever o mesmo aos cesteiros de Londres.

26 de outubro de 1869: — Lê-se um relatório sobre o processo dos delegados de 27 sindicatos de Paris, que haviam protestado contra os acontecimentos de Aubague (34 mortos e 36 feridos). Na mesma carta, um relatório sobre a luta dos mineiros na França.

12 de outubro de 1869: — Carta de Aubry, (Ruão), anunciando a greve dos tecelões de lã de Elbeuf e solicitando auxílio. Os tecelões insistem em que sejam estabelecidas tarifas. Outras cidades apoiavam essa exigência, e, se não fosse satisfeita, começaria a greve dentro de 15 dias.

Em 2 de novembro de 1869, os carpinteiros de um estabelecimento de Genebra declaram greve contra as horas extraordinárias.

O governo francês incumbiu os asilados da assistência pública de substituírem os vendedores dos armazéns de roupa branca, que estavam em greve contra o trabalho dominical.

9 de novembro de 1869: — Young comunica que 2.000 operários douradores de Paris decidiram não trabalhar, em qualquer hipótese, mais de 10 horas diárias. A sociedade de litógrafos parisienses, que conta com 300 membros, é aceita na Internacional.

11 de janeiro de 1870: — Uma carta de Neuville-sur-Somme, pedindo socorro para os estampadores de cretone, em greve. Encarrega-se o secretário de escrever a Manchester, sobre a greve. Os operários das fábricas de instrumentos cirúrgicos de Paris estão em greve e solicitam auxílio. O Conselho resolve prestar auxílio, dirigindo-se aos operários do ramo similar, de Sheffield.

6 de abril de 1870: — Marx expressa o desejo de que se abrevie a impressão do manifesto, que se relaciona com o processo judicial de Creusot. O dinheiro vem de todas as partes, e causaria má impressão, se Londres se limitasse somente a palavras.

10 de abril de 1870: — Uma carta de Varlin, de Paris, comunica que esteve em Lille para organizar uma seção sindical, sob o controle da Internacional. O Conselho Federal poderá dirigir as diversas sociedades sindicais.

Dupont chama a atenção do Conselho para as bárbaras penas a que foram submetidos os mineiros, atirados aos cárceres, por motivo da greve de Creusot. Propõe que o Conselho intervenha com um manifesto. A redação deste fica sob a responsabilidade de Marx e Dupont.

31 de maio de 1870: — A reunião ouve um relatório de um delegado dos fundidores parisienses, em greve. Propõe-se que o Conselho facilite aos delegados o contato com as sociedades sindicais, mediante a eleição duma comissão, que deve acompanhá-los. Young e Hells são eleitos para esse fim, etc...."⁽¹³⁾

No entanto, o que acabamos de expor está longe de descrever completamente os vínculos que ligavam os proletários de França à Internacional. Em suas cartas a Engels, Kugelmann e outros, Marx refere-se com frequência ao estado de coisas na França, sem titubear no emprego de termos enérgicos. O trabalho e as intervenções dos proudhonianos muito o inquietavam, porque via neles influência da burguesia sobre o proletariado. Em 9 de novembro de 1866, Marx escreve a Kugelmann:

“Os senhores parisienses têm a cabeça cheia das frases proudhonianas, as mais ocas. Fazem alarde da ciência, sem nada conhecer dela. Desprezam toda ação revolucionária, isto é, toda ação que surge da própria luta de classes, e abdicam de todo movimento social concentrado, isto é, realizável também por meios **políticos**, como por exemplo: a diminuição geral da jornada de trabalho.

Sob pretexto de liberdade e de antigovernamentalismo ou de individualismo, inimigo de qualquer atividade, estes senhores, que suportaram, e continuam suportando tão pacientemente, durante 16 anos, o despotismo mais vergonhoso, pregam, na realidade, a mais vulgar economia burguesa, idealizando-a à Proudhon.”⁽¹⁴⁾

Marx odiava os revolucionários fátuos e os heróis de melodrama. Suas cartas fustigam, sobretudo, a seção de Londres, composta de emigrantes franceses. Em sua carta a Kugelmann, em 5 de julho de 1868, Marx afirma que essa seção está cheia de vadios e de toda espécie de canalhas, acrescentando “que ao» olhos destes fura-greves nós somos naturalmente reacionários”. E logo a seguir, esboça um brilhante retrato de Felix Pyat:

“É um infeliz melodramaturgo de quarta ordem, que participou da revolução de 1848 como um “*toaste-master*” (os ingleses dão este nome às pessoas encarregadas de anunciar os brindes nos banquetes públicos e zelar pela ordem dos mesmos). É presa da monomania de guinchar, fingindo que murmura, e de arvorar-se em conspirador perigoso. Graças a este bando, Pyat queria converter a Associação Internacional de Trabalhadores em camarilha de sua devoção. Tinha especial interesse em comprometer-nos. Certa vez, em um *meeting* público, anunciado pela seção francesa por meio de cartazes de parede como “*meeting* da Associação Internacional de Trabalhadores”, Luís Napoleão, aliás Badinguet, foi formalmente condenado à morte... porém, naturalmente, deixando a execução a cargo dos desconhecidos **Brutos** de Paris...

Causou-nos muita satisfação o fato de Blanqui, por intermédio dum de seus amigos, ridicularizar Pyat no “Cigale”, não lhe deixando outra alternativa senão a de confessar-se maníaco ou agente de polícia.”

Mas o que interessava particularmente a Marx era o alastramento do movimento no país. Seguiu atentamente o movimento das massas, e trocava sistematicamente suas impressões e ideias com os companheiros. Em 13 de janeiro de 1869, Marx escreve a Engels:

“As greves em Ruão, Viena, etc.... surgiram há seis ou sete semanas. Interessante é que pouco tempo antes realizara-se em Amiens uma assembleia geral dos proprietários das fábricas de tecidos e de fiação, sob a presidência do alcaide de Amiens. Tomou-se aí a resolução de fazer concorrência à Inglaterra. E isto por meio de uma nova redução de salários, pois que já se havia reconhecido que somente salários baixos, (em comparação com os dos ingleses), permitiriam resistir à concorrência inglesa na própria França. E, efetivamente, após a resolução de Amiens, começou a redução de salários em Ruão, Viena, etc.... Eis a origem das greves. Nós, naturalmente, fizemos sentir aos grevistas o mau estado de coisas que reina, (particularmente na indústria de algodão), e as dificuldades com que tropeçamos, por isso, na arrecadação de fundos. Não obstante, como verás pelas cartas de Viena, que anexo, a greve terminou aqui. Aos camaradas de Ruão, onde o conflito perdura, enviamos uma letra de 20 libras esterlinas, por intermédio dos operários bronzeiros de Paris, que nos devem esse dinheiro, desde seu lock-out. Em geral, os operários franceses têm um procedimento muito mais razoável que os suíços, e, ao mesmo tempo, são muito mais modestos em suas exigências.”⁽¹⁵⁾

Dia a dia agrava-se a situação na França. A revolução está próxima. Pressentindo-a, os charlatães liberais e democráticos gritam e agitam-se mais que de costume. Em 28 de dezembro de 1869, Marx escreve a Kugelmann:

“Em França, as coisas andam bem por ora. Por um lado, os velhos gritadores demagogos de todas as tendências não cessam de comprometer-se, e, por outro, Bonaparte é obrigado a ingressar pelo caminho das concessões, onde inevitavelmente quebrará o pescoço.”⁽¹⁶⁾

Em 3 de março de 1869, Marx escreve extensa carta a Kugelmann, onde faz rigorosa análise da situação francesa. Marx vê a tormenta que se aproxima, através de uma série de sintomas:

“Produz-se na França um movimento muito interessante. **Os parisienses puseram-se a estudar com afincado seu passado revolucionário mais próximo**, com o fim de preparar-se para uma nova luta revolucionária. **E assim ferve a caldeira mágica da história**. Quando ocorrerá o mesmo em nosso país?”

Como assinala antes, Marx preocupava-se, sobretudo, com o fato de saber se as seções da Internacional estariam à altura das circunstâncias. Cada vez que os trabalhadores da França rompiam com as tradições proudhonianas, ele registrava o acontecimento como uma conquista importante. Em 18 de maio de 1870, Marx escreve com satisfação a Engels:

“Nossos companheiros franceses fazem ver, de uma maneira patente, ao governo francês, a diferença que há entre uma sociedade secreta e uma verdadeira associação operária. Mal o governo acaba de encerrar nas masmorras todos os membros dos comitês de Paris, Lyon, Ruão, Marselha e outros (alguns deles fugiram para a Suíça e Bélgica), comitês duas vezes mais numerosos já anunciam aos periódicos, em rudes e francas declarações, acompanhadas, além disso, de suas direções pessoais, que passam a ocupar o lugar dos camaradas. O governo viu por fim aquilo que nós esperávamos há muito tempo, a questão política, Império ou República, transformada em questão de vida ou de morte, para a classe proletária.”⁽¹⁷⁾

Os acontecimentos que se avizinhavam, desencadearam-se em 19 de junho de 1870. Começou a guerra franco-prussiana. Nos primeiros dias da guerra, o movimento proletário, que se desenvolvia em linha ascendente, foi reprimido, mas não esmagado.

Uma série de organizações operárias francesas e alemãs manifestou-se contra a guerra. “Le Reveil” publicou um manifesto contra a guerra, dirigido aos trabalhadores de todos os países. Três dias após o desencadeamento da guerra, 22 de junho, a seção da Internacional em Neville-sur-Seine, publicou um enérgico manifesto:

“É justa a guerra? Não! É porventura nacional esta guerra? Não! É uma guerra exclusivamente dinástica. Em nome da justiça, em nome da democracia, em nome dos verdadeiros interesses da França, declaramos nossa solidariedade integral, e com toda a energia, ao protesto da I Internacional contra a guerra.”

Em 23 de julho, o Conselho Geral da I Internacional lançou um manifesto contra a guerra. Este manifesto, escrito por Marx, ataca Napoleão e Bismarck, desmascarando esses organizadores da guerra franco-prussiana. Contém o manifesto uma frase profética:

“Qualquer que seja o desenlace da guerra de Luís Bonaparte contra a Prússia, já soam em Paris os sinos fúnebres do segundo império.”⁽¹⁸⁾

Essa profecia realizou-se prontamente. Em 2 de setembro de 1870, rendia-se Napoleão com seu exército em Sedan, e, em 4 de setembro, estalava a revolução. Neste dia, uma delegação das seções parisienses da Internacional e da Federação dos Sindicatos

Operários, uma delegação que representava pois toda a classe operária de Paris, compareceu perante o “governo de defesa nacional”, composto, segundo Marx, por uma “camarilha de advogados ambiciosos”. A delegação submeteu ao “governo de defesa nacional” um programa, de cuja adoção dependia a confiança do proletariado e seu apoio possível ao novo governo. As exigências fundamentais desse programa foram: — entrega da administração de Paris à população, que deveria organizar com elementos próprios uma guarda nacional; elegibilidade de juizes; completa liberdade de imprensa; anistia; separação da igreja do Estado.⁽¹⁹⁾

O grupo que se apoderara do poder, Thiers, Jules Favre, etc...., deu a estas exigências uma resposta vaga. Os operários replicaram imediatamente com a organização de um **Comitê encarregado de vigiar as atividades do governo**. No primeiro instante, estabeleceu-se entre o governo de defesa nacional e os operários uma desconfiança mútua. O instinto de classe dos proletários fê-los pressentir que tinham de se haver com o governo da traição nacional, que temia mil vezes mais os proletários que os prussianos. Em 9 de setembro, a Associação Internacional de Trabalhadores lançou um novo manifesto, onde denuncia as pretensões imperialistas da Prússia, encobertas sob a palavra “segurança” (que palavra atualíssima), e define, ao mesmo tempo, a república de Thiers, Jules Favre e outros corretores de negócios da burguesia francesa.

“Esta república — escreve Marx — não derrubou o trono. Ocupou o lugar vago abandonado por ele. Herdou do império não somente um montão de ruínas, mas também seu medo da classe proletária.”

A brilhante descrição da república de Thiers foi confirmada pouco tempo depois. Mas naquela ocasião, alguns dias após a derrocada de Napoleão, Marx aconselhou aos operários que se abstivessem de derrubar o governo de 4 de setembro. “Qualquer ação para derrubar o governo — escreve Marx — neste momento em que o inimigo quase toca as portas de Paris, seria uma loucura desesperada.” Os blanquistas, apesar de tudo, fizeram algumas tentativas nesse sentido, em 8 e 31 de outubro de 1870, e em 29 de janeiro de 1871, mas fracassaram, porque a massa popular não os apoiara. Somente quando a traição governamental tornou-se patente, quando tentava desarmar a guarda nacional, é que as massas trabalhadoras se ergueram “e a gloriosa revolução proletária torna-se senhora absoluta de Paris”. (Marx).

A Comuna de Paris, precursora do país dos Soviets, não durou mais que dois meses, apesar dos milagres de bravura e abnegação. A Comuna caiu sob os golpes da reação unificada da frente única dos “inimigos hereditários”, que ainda ontem destroçavam-se mutuamente. Caiu, porque os blanquistas e proudhonianos que a chefiavam, caminhavam às apalpadelas e não manifestaram a firmeza e decisão indispensáveis em semelhantes circunstâncias. Em vão a Comuna propôs a Thiers a substituição do Cardeal Darboy por Blanqui. Thiers negou-se, declarando que isso equivalia entregar a Paris insurreta um corpo inteiro do exército. “Thiers não aceitou essa proposta — escreve Marx — porque sabia que, na pessoa de Blanqui, ia dar um chefe à Comuna.”

Proclamada a Comuna, Marx tomou imediatamente a defesa deste governo proletário. Ele, que havia se oposto à tomada do poder, absteve-se de emitir juízo, pois não só tinha ante si uma classe operária sublevada, como também um proletário que tinha o poder em suas mãos. Considerava que seu dever de revolucionário era ajudá-lo, em lugar de discutir! Em carta a Kugelmann, em 21 de abril, Marx expressa sua admiração pelo heroísmo dos comunalistas, que “estão dispostos a tomar de assalto o céu”; critica, porém, por sua vez, seus escrúpulos, afirmando que, “se sucumbirem, a culpa caberá unicamente à sua benevolência”. Marx convenceu-se das debilidades da Comuna, difíceis de corrigir com conselhos. E a Internacional estava impossibilitada de dar-lhe o que lhe faltava.

A Comuna foi esmagada e a ordem triunfou sobre os cadáveres de dezenas de milhares de operários. Devido à guerra civil na França, a Internacional lançou um manifesto. Marx pôs nesse documento todo o seu ódio infinito pelos exploradores, sua grande paixão e devoção revolucionárias. Não foi um simples manifesto. Foi, e é, um documento político, que projeta viva luz sobre a marcha da luta do proletariado pela sua ditadura. Marx considera a Comuna como um novo tipo de Estado, cujo aparecimento está ligado à destruição do antigo regime.

A Comuna deveria ter sido, não uma “corporação parlamentar, mas um corpo de ação”.

Como é sabido, esta maneira de apresentar a questão da destruição do antigo Estado e da criação de um novo tipo, foi a base, não só do trabalho teórico de Lenine (“O Estado e a Revolução”), como também de sua atividade prática na construção do Estado Soviético.

Marx compreendia que não se poderia exigir muito de um poder que se mantivera apenas dois meses. Por isso, replicava a todos que procuravam diminuir a importância da Comuna, ou zombavam (após os fatos consumados) de sua inevitável derrota.

“O grande ato socialista da Comuna — escreve Marx — foi a sua própria existência, foi a sua atividade. Suas medidas diversas **só podiam assinalar** a direção em que se desenvolve o governo do povo pelo povo.”

Respondendo a uma carta de Kugelmann, onde este escrevia que a Comuna não possuía probabilidades de êxito, e, portanto, não deveria ter começado nessas condições (lembramo-nos de Plekhanov, a propósito da insurreição de dezembro de 1905, em Moscou: “não se deveria ter empunhado as armas”), Marx escreve, a 17 de abril de 1871:

“Seria mui cômodo descrever a história mundial, se se tentasse a luta só em condições infalivelmente favoráveis.

Qualquer que seja o resultado imediato, conquistamos um novo ponto de partida de importância histórica universal.”⁽²⁰⁾

Bem caro custou ao proletariado de Paris sua tentativa para implantar o Estado proletário. O esmagamento da Comuna deixou exangue a classe operária, afastando-a temporariamente da política. As seções francesas da Internacional foram destroçadas, e depois, em 1862, dissolvidas por um decreto especial. Foi então que os elementos que se haviam afastado da Internacional, por temor à revolução, e permaneceram na expectativa durante a Comuna, começaram a mostrar-se ativos, Barbaret organizou o “Círculo da União Sindical”. Este tinha por objetivo: “realizar a concórdia e a justiça por meio do estudo, e convencer a opinião pública da moderação dos trabalhadores nas reivindicações de seus direitos.”⁽²¹⁾

Apesar de perseguidos, estes inofensivos círculos e sociedades cresciam e multiplicavam-se. Os proletários recomeçavam a participar das exposições internacionais. Em 1875, já havia na França 135 sindicatos, que começaram a planejar um Congresso Proletário. Um ano depois, realizou-se em Paris o 1.º Congresso Proletário, com um programa muito limitado. A título de antídoto às ideias e ordens revolucionárias da Comuna, discutiram-se neste Congresso as questões do auxílio mútuo, das associações de produção etc. Os delegados não sonhavam sequer com a abolição do regime burguês: queriam melhorá-lo, corrigi-lo um pouco. Queriam “equilibrar as relações entre o capital e o trabalho, tanto na produção como no consumo”. Assim como condenavam a guerra civil, condenaram “as greves que prejudicam o forte e aniquilam o débil”.⁽²²⁾

O segundo Congresso proletário realizou-se em 1877, em Lyon. Aí já se manifestou um novo estado de espírito. Pronunciaram-se discursos anarquistas e coletivistas, mas a maioria dos delegados manteve uma posição moderada. Um estado de espírito, porém, completamente diferente, dominou o Congresso de Marselha, em 1879. Tornava-se evidente que a classe proletária de Paris começava a refazer-se da derrota da Comuna. A influência do órgão marxista “Égalité”, fundado por Júlio Guesde em 1877, tornou-se mais visível. O secretário da Comissão de Organização para convocar o Congresso de Marselha — Lombard — propôs que “o Congresso tomasse o nome de Congresso Proletário Socialista Francês”, o que foi aceito por unanimidade. Os oradores manifestaram-se abertamente contra Louis Blanc e suas teorias. Se o Congresso de Paris não quis ao menos ouvir mencionar o nome dos comunalistas, o mesmo não aconteceu com o Congresso de Marselha, que respondeu à saudação dos emigrados em Londres, da seguinte forma:

“O Congresso Proletário Socialista congratula-se com a saudação de ânimo que lhe enviastes! Os delegados aqui reunidos declaram concordar, mais uma vez, com os princípios pelos quais lutastes e sofrestes.”⁽²³⁾

Este Congresso marca o início da ressurreição do movimento. Fundara-se então o Partido Operário, que absorveu elementos heterogêneos. Marx desempenhou um papel muito ativo na elaboração do programa do Partido Operário. Engels relata detalhadamente em carta a Berenstein, como Marx havia ditado a Guesde, em presença dele e de Lafargue, os pontos fundamentais do programa. Que é, pois, fundamental, neste programa aprovado por Marx? E que é que Beneit e seus partidários combateram tão fervorosamente?

Eis aqui a parte fundamental do programa:

“Considerando que a emancipação dos proletários só se torna possível sob a condição única de possuírem os meios de produção e as matérias primas;

Considerando que a posse dos meios de produção não pode ser individual, por duas razões:

1.º — Porque é incompatível com o progresso e com o próprio nível atual da técnica industrial e agrícola, divisão do trabalho, introdução de maquinários, vapor, etc....

2.º — Porque, ainda que não fosse antieconômica, não tardaria a originar todas as desigualdades sociais atuais, a não ser que uma nova distribuição se processe a cada movimento da população, o que é impossível.

Considerando que esta posse tampouco pode ser corporativa ou comunal, sem ocasionar inconvenientes idênticos aos da propriedade capitalista atual, isto é, a desigualdade das possibilidades de ação entre os trabalhadores, a anarquia da produção, a concorrência homicida entre os grupos de produtores, etc....

Considerando, por fim, que só a propriedade coletiva ou social dos meios de produção corresponde simultaneamente às necessidades econômicas e às condições de justiça e igualdade que deve guiar a nova sociedade;

O Congresso declara:

Que todos os instrumentos de produção e toda a matéria prima devem ser restituídos à sociedade, e devem permanecer em seu poder, como propriedade inalienável e indivisível.

Para obter esta restituição, é preciso lutar por todos os meios.”⁽²⁴⁾

O problema das eleições era uma questão séria para o movimento proletário francês daqueles tempos. Por um lado, achavam-se entre os operários profundamente arraigadas tendências apolíticas e antiparlamentares, e, por outro, uma ideia exagerada do poder miraculoso da papeleta eleitoral, e a possibilidade de conseguir pacificamente a emancipação da classe proletária.

O programa do Partido Operário contém, por isso, um capítulo especial dedicado ao papel de campanha eleitoral na luta geral de classes do proletariado. Eis o que lemos neste programa:

“Considerando que a falta de liberdades políticas é um obstáculo para a educação social do povo e para a emancipação econômica do proletariado;

Considerando que o trabalhador está disposto a tudo para conseguir sua emancipação, e que deve aproveitar as liberdades já conquistadas pelo sangue das três últimas revoluções; considerando, além disso, que a ação política é útil como meio de agitação, e que a arena eleitoral é um campo de luta que não deve ser abandonado;

Declara:

- 1) — A emancipação social dos trabalhadores é inseparável da sua emancipação política.
- 2) — A abstenção política seria funesta por suas consequências.
- 3) — A intervenção política deve expressar-se na apresentação de candidaturas de classe, para todas as funções eletivas, sem nenhuma aliança com as fações dos velhos partidos existentes.”⁽²⁵⁾

Vêm imediatamente depois os programas políticos e econômicos, que contêm as reivindicações para a supressão de todos os obstáculos políticos ao desenvolvimento do movimento proletário, e sobre a jornada de trabalho, os salários e a abolição dos impostos indiretos. É necessário assinalar que, se este programa estava num nível superior ao programa de Gotha da social-democracia alemã de 1875, não deixava de apresentar também pontos duvidosos.

Em sua carta a Berenstein, em 25 de outubro de 1861, Engels escreve:

“Guesde insistiu em incorporar suas tolices sobre o salário-mínimo, e, como a responsabilidade cabia aos franceses e não a nós, cedemos finalmente, embora Marx estivesse convencido da inépcia total dessa teoria.”⁽²⁶⁾

O Partido Operário, criado com o concurso direto, político e organizador de Marx e Engels, transformava-se paulatinamente em um campo de luta encarniçada entre marxistas e possibilistas, chefiados por Benoist Malen. A luta concentrava-se em torno da importantíssima questão de princípio: socialismo parlamentar ou socialismo revolucionário, luta de classes ou colaboração de classes.

Por outro lado, os blanquistas, chefiados por Vaillant, formaram seu próprio partido. Finalmente as concepções antimarxistas incrementaram-se nos sindicatos, onde as ideias de Proudhon e Bakunin conseguiram ampla difusão.

Marx acompanhava, dia a dia, os trabalhos de Guesde, Lafargue e do Partido Operário. Aproveitou sua visita a Paris, em 1882, para observar mais de perto a vida íntima do movimento socialista e sindical da França. Em uma série de cartas a Engels, expõe seus pontos de vista sobre a política e a tática dos chefes do Partido Operário, Guesde e Lafargue. Marx criticava severamente Lafargue, embora apreciasse altamente a ambos. Lafargue procurava sobrepujar os anarquistas, e, quando certa vez qualificou Fourier de comunista, em um de seus artigos, não soube como livrar-se do embaraço. Marx criticava também suas fanfarronadas infantis, onde se estendia sobre as coisas terríveis que faria na futura revolução, assim como acusava-o de ir “demasiadamente” longe, etc Marx estava particularmente descontente com a maneira por que Lafargue tentava lutar contra Bakunin, visando as posições deste. Longuet, na qualidade de último proudhoniano, Lafargue, na qualidade de último bakuninista! Que o diabo os leve! exclamava Marx em carta dirigida a Engels, em 11 de novembro de 1882.

A situação das organizações socialistas e sindicais na França não cessava de preocupar Marx:

“No que se refere aos sindicatos de Paris, escreve Marx a Engels, em carta de 27 de novembro de 1882, convenci-me, após indagar de pessoas imparciais, que são piores do que as trade-unions de Londres.”⁽²⁷⁾

A luta entre marxistas e antimarxistas tornava-se cada vez mais aguda, dentro do Partido Operário. Malen e Brousse dirigiam todos os elementos oportunistas, e no Congresso do Partido Operário de 1882, expulsaram completamente a ala marxista. Esta decisão não foi inesperada para Marx e Engels. Este escreve, em 28 de outubro de 1882, a Bebel.

“Realizou-se na França a separação há muito esperada. A colaboração de Guesde e Lafargue com Malen e Brousse era inevitável, no momento da organização do partido; porém Marx e eu jamais alimentamos ilusões a respeito da duração

dessa aliança. A divergência é puramente de princípios: — deve-se persistir na luta, como na luta de classes do proletariado contra a burguesia, ou deve ser permitido renunciar, sob uma forma oportunista (o que em linguagem socialista significa: possibilista), ao caráter de classe do movimento e do programa, em todos os casos em que esta renúncia possa contribuir para reunir mais votos e maior quantidade de partidários. Malen e Brousse pronunciaram-se a favor deste último sentido. Sacrificaram assim o caráter proletário do movimento e tornaram inevitável a ruptura. Tanto melhor. **O desenvolvimento do proletariado é acompanhado em todas as partes, por uma luta interna**, e a França, onde pela primeira vez se forma um partido operário, não é uma exceção.”⁽²⁸⁾

Beneit Malen insinuava aos sindicatos a ideia da formação de um bloco contra os marxistas. Em 23 de novembro de 1882, Engels escrevia a Marx:

“É evidente que, especialmente, para agradar às câmaras de trabalho, Malen & Cia. sacrificaram também o passado do movimento, desde os tempos do Congresso de Marselha. De maneira que sua força aparente é de fato sua debilidade.

Rebaixando seu programa até o nível das mais vulgares trade-unions, é sempre possível ter “um grande público”.”⁽²⁹⁾

Foi cercado por essas circunstâncias, que apareceu em 1872 um partido marxista na França. Examinando o trabalho do marxismo francês, de 1882 a 1914, apresenta-se-nos um quadro mui pouco atraente. Guesde foi, indubitavelmente, por algum tempo, um revolucionário, porém seu marxismo revestia-se sempre de um caráter racionalista. Falava-se frequentemente em Marx e Engels, mas o marxismo não chegou a representar em França uma grande força, embora o Partido Operário tivesse vários deputados no Parlamento e exercesse influência sobre as massas. O marxismo francês caía de um extremo a outro. Guesde continuava a ser sem dúvida, o melhor marxista da França, porém seu marxismo nem sempre era um marxismo de Marx. Agregava-lhe sempre alguma coisa de seu próprio gosto. Isto foi demonstrado pela guerra mundial de um modo irresponsável. Nesta ocasião, o marxismo francês, personificado em Guesde, Bracke e outros, santificou a guerra de rapina, apontando-a como uma luta da democracia contra o militarismo. Se não pôde resistir à prova histórica, é porque existia algo de poder no marxismo francês. É verdade que todos os agrupamentos socialistas, anarquistas e anarco-sindicalistas, foram à bancarrota em 1914. Isto, porém, não diminui em absoluto a importância do fato: — a única organização marxista da França encontrava-se incorporada à frente-única dos inimigos venenosos da classe proletária, em defesa dos interesses do imperialismo francês.

Como se explica isto? Pelo fato do marxismo francês padecer então do mesmo mal que todas as correntes anarquistas e socialistas da França: o **exclusivismo**. Os socialistas franceses imaginavam-se herdeiros da “Grande Revolução”, e consideravam a França como a coluna mestra do mundo. O marxismo francês, paralelamente ao crescimento do imperialismo, fez-se cada vez mais nacionalista, isto é, deixou de ser marxismo. Este desvirtuamento do espírito revolucionário processou-se sob a influência das mesmas causas, que se fizeram sentir na Alemanha. Contra este desvio, Marx e Engels deram o grito de alarme, muitos anos antes da grande guerra.

Os marxistas franceses e alemães fracassaram no mesmo dia, e rolaram juntos para a mesma posição patriótica. O marxismo francês tornou-se nacional, e **quando a nação despreza a classe, já não há mais marxismo**.

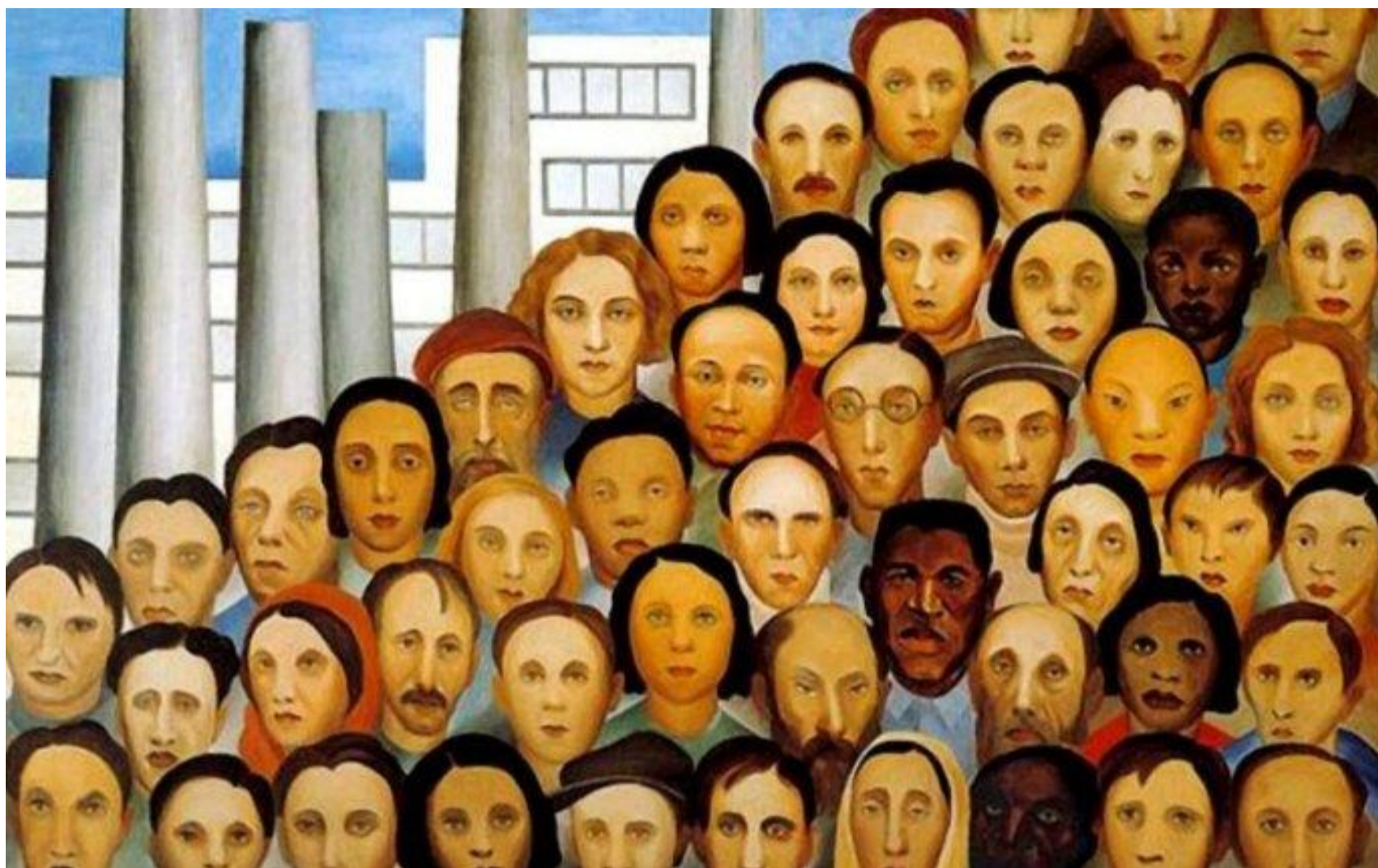
Significará isto que a guerra conduziu o marxismo à derrota? Não! A guerra colocou em evidência toda a podridão que se introduziu no marxismo, e revelou que, sob a bandeira marxista, se fazia propaganda nacionalista.

Não foi o marxismo que faliu, mas o falso marxismo que se manifestou abertamente em cada país como laçao imperialista. E ao mesmo tempo que o falso marxismo, e todos os agrupamentos antimarxistas, sofriam um colapso, o partido que conservava as tradições de Marx, o partido que educava seus adeptos no marxismo revolucionário, o partido de Lenine, demonstrou na prática o que é o marxismo revolucionário.

A história não se desenvolve em linha reta. Tem fluxos e refluxos, zigue-zagues e quedas impetuosas e catastróficas. Através do colapso do marxismo oficial e do anarco-sindicalismo o proletariado francês chegou a formar o seu verdadeiro partido marxista revolucionário. Este partido cresceu, combatendo a traição ao marxismo dos que se diziam herdeiros de Marx. Este partido cresceu da negação revolucionária de toda a podridão que havia no marxismo francês de pré-guerra,: desenvolveu-se na luta contra os herdeiros de Proudhon, Malen, Broué, Jaurès e Guesde; na luta contra a falsa democracia francesa, que encobre habilmente suas ambições imperialistas, com o misticismo revolucionário e histórico. O Partido Comunista da França é o único representante dos ensinamentos de Marx, já que fora do Partido Comunista não há nem pode haver marxismo.

Notas de rodapé:

- (1) K. MARX e F. ENGELS — “Manifesto Comunista”.
- (2) Engels: Anti-Dühring — Edições Cultura Brasileira, 1935.
- (3) Paul Louis: “Pensadores e homens políticos franceses do século XIX”.
- (4) MARX E ENGELS: “A Luta de classes na França”.
- (5) DANIEL STERN: “História da revolução francesa de 1848”.
- (6) MARX E ENGELS: “A Luta de classes na França”.
- (7) MARX E ENGELS: “A Luta de classes na França”.
- (8) MARX E ENGELS: “Obras” VIII.
- (9) MARX E ENGELS: “A luta de classes na França”.
- (10) MARX E ENGELS: “A luta de classes na França”.
- (11) MANIFESTO COMUNISTA.
- (12) M. N. POKROVSKY: “França antes, durante e depois da guerra”, 1918, p. 77. O capítulo IV deste folheto sobre o movimento operário na França, de 1769 a 1916, foi escrito em colaboração com o autor deste livro.
- (13) Atas do Conselho Geral. Instituto Marx-Engels-Lenine. Moscou.
- (14) Cartas de Marx a Kugelmann.
- (15) MARX E ENGELS.
- (16) Cartas de Marx a Kugelmann.
- (17) MARX E ENGELS: “Correspondência”.
- (18) Primeira manifestação do Conselho Geral, devido à guerra franco-prussiana.
- (19) M. N. POKROVSKY: França antes, durante e após a guerra, cap. IV.
- (20) Carta de Marx a Kugelmann. p. 99.
- (21) FERDINAND PELLOUTIER: História da Bolsa de Trabalho, P. 6 — 1919.
- (22) LEON BLUM: Os Congressos Proletários Socialistas Franceses, de 1876 a 1900.
- (23) LEON BLUM e FERDINAND PELLOUTIER: “História da Bolsa de Trabalho”.
- (24) “OS GUESDISTAS”, por Alexandre Zevaes. Paris, Livraria Marcel Rivier, 1911.
- (25) MARX E ENGELS: “Obras escolhidas”.
- (26) MARX E ENGELS: “Obras escolhidas”.
- (27) MARX E ENGELS: “Correspondência”.
- (28) ARQUIVO-I-VI- p. 209.
- (29) MARX E ENGELS: “Correspondência”.



Os Operários, 1933, Tarsila do Amaral.

Capítulo VI

Marx no Outro Lado do Atlântico

“Se quiséssemos imaginar, partindo das necessidades do sistema econômico capitalista, um país ideal para o desenvolvimento capitalista, este não seria muito diferente dos Estados Unidos, por suas particularidades e extensão.”

Assim define Werner Sombart a terra prometida do monopolista.⁽¹⁾

Concomitantemente com o aparecimento de Marx na arena política, absorviam os Estados Unidos enormes massas de emigrantes europeus. Esta ampla corrente imigratória dispersava-se rapidamente pelo imenso país, mas não, se extinguia. Aumentava continuamente sob novos aspectos nacionais e sociais: artesãos arruinados pela introdução de maquinário, desempregados da nova indústria, camponeses empobrecidos e proletarizados, e numerosos elementos da pequena burguesia urbana. A corrente imigratória atingiu enormes proporções com a derrota da revolução na Alemanha, França e Áustria, em 1848. De 1770 a 1845, entraram nos Estados Unidos 1.000.000 (um milhão de pessoas.) De 1845 a 1855, entraram 3.000.000 (três milhões), cuja imensa maioria chegou nos anos que precederam 1848.⁽²⁾

Esta contínua corrente imigratória, junto à particular estrutura da economia americana (um capitalismo baseado no “livre” trabalho, no norte, e na escravidão, no sul), imprimiu caráter especial ao movimento proletário dos Estados Unidos.

Em seu 18 Brumário, Marx descreve, da seguinte maneira, a situação particular dos Estados Unidos e as relações de classe pouco desenvolvidas, na primeira metade do século XIX:

“País, onde as classes, já constituídas porém instáveis, modificam e mudam constantemente seus elementos constitutivos, onde os modernos meios de produção, em lugar de corresponderem a uma superpopulação estacionada, compensam melhor a falta relativa de cérebro e braços; onde, finalmente, o jovem e febril desenvolvimento da produção material, que tem um novo mundo a conquistar, não teve tempo, nem oportunidade, de destruir o velho mundo espiritual.”⁽³⁾

Estas relações de classe diferenciadas, ofereciam um campo extremamente favorável a **todos aqueles que aspiravam salvar-se a expensas da sociedade, de maneira privada, nos estreitos limites de suas condições de existência.**⁽⁴⁾

As imensas extensões, os campos virgens, atraíam a atenção dos utopistas europeus, que tentavam construir suas comunas na “terra prometida”. Em 1824, Roberto Owen foi pessoalmente aos Estados Unidos, comprou uma extensão considerável de terra, e começou a organizar sociedades ideais, onde os operários e os capitalistas, que se haviam purificado de seus pecados e de sua sede de lucros, deviam viver pacificamente, ajudando-se uns aos outros. Com o auxílio de filantropos, organizou a Comunidade “Yellow Spring”, em 1825, depois a Nova-Harmonia e as comunidades Naschobe, Kandal, etc....

Na primeira metade do século XIX, surgem as sociedades fourieristas nos Estados de Massachussets, Nova York, Nova Jersey, Pensilvânia, Ohio, Illinois, Indiana, Wisconsin e Minnesota. Os organizadores dessas comunidades, Alberto Brisbane, Horácio Grilley e outros, construíram, conforme os planos de Fourier, os falanstérios norte-americanos; porém, como aconteceu aos partidários de Robert Owen, o resultado foi nulo. Suas melhores comunidades, como por exemplo a falange Norte-Americana, Brook Fram, falange de Wisconsin, grupo da Pensilvânia, grupo de Nova York, etc.... vegetaram, para depois desagregar-se. A mesma sorte foi reservada às sociedades icarianas, criadas pelos discípulos do utopista comunista Estevam Cabet.⁽⁵⁾

Os Estados Unidos foram a terra prometida do capitalismo, mas as generosas experiências sociais do socialismo utópico, encontraram ali um solo ingrato.

Os discípulos europeus dos socialistas utópicos foram os iniciadores da organização de comunidades socialistas no livre solo americano, virgem de feudalismo. Desiludidos das revoluções, procuravam meios e caminhos fora da luta de classes. Marx reconhecia muito valor nos socialistas utópicos, não pelo seu utopismo, mas pelo seu socialismo. Considerava-os como precursores do socialismo materialista crítico. Todavia, era implacável para com os comunistas utópicos da espécie de Weitling, que tentavam ressuscitar o socialismo utópico com um atraso de várias dezenas de anos. Weitling, que a princípio seguia Marx, considerava-se profeta e fundador de uma escola especial. Sua principal obra, “Garantias de Harmonia e Liberdade”, era uma exortação comunista sentimental, que convidava a abandonar o modo de vida antiga e começar vida nova. Dirigiu-se aos EE. UU. depois de 1840, e começou a organizar principalmente os emigrados da Alemanha, opondo sua doutrina a Marx e ao marxismo. O desenvolvimento da atividade de Weitling culminou nos anos 1850 e 1860, quando conseguiu reunir à sua volta uma parte considerável dos proletários alemães. Porém, suas tentativas para criar uma escola separada, particular, e seu idealismo confuso, levaram-no a romper com Marx, e com os proletários que o haviam acompanhado durante vários anos. Em uma carta a Sorge, em 19 de outubro de 1877, Marx descreve, da seguinte maneira, o socialismo utópico de Weitling:

“Durante dezenas de anos, vencendo grandes dificuldades, procuramos tirar das cabeças dos proletários o socialismo utópico, e a visão fantástica do regime da sociedade futura, o que lhes deu uma superioridade teórica, como consequência prática, sobre os franceses e ingleses. Eis, porém, que o socialismo utópico faz novos estragos, sob uma forma muito menos valiosa, que não pode ser comparada com a doutrina dos grandes utópicos franceses e ingleses, e sim com a de Weitling. É natural que o utopismo, precursor do socialismo materialista crítico, encerrasse este último in nuce; mas, quando surge a superfície ‘post festum’, torna-se absurdo, insípido e completamente reacionário...”⁽⁶⁾

Vemos aqui como Marx estabelece o parentesco entre o socialismo científico e o socialismo utópico, e como qualifica severamente os que, já em idade avançada, passeiam com o traje infantil do socialismo utópico, e procuram fazer retroceder o movimento proletário nos Estados Unidos.

Como a corrente principal da emigração procedia da Alemanha, é também dali que, nos primeiros tempos, é importado um socialismo, que não brota raízes vigorosas, no solo americano. O socialismo alemão pré-marxista já era estéril no solo alemão, e, transplantado ao solo americano, tornou-se mais débil ainda. Os emigrados trouxeram da Europa, além das ideias utópicas, suas formas de organização contemporânea. A estrutura da classe proletária era, então, e continua sendo nos Estados Unidos, muito variada e específica; disso resultavam dificuldades especiais, que impediam a difusão das ideias socialistas entre as massas.

Dois fatores desempenharam papel decisivo na formação da ideologia da classe proletária daquela época: a escravidão e a emigração. No primeiro volume de “O Capital”, Marx escreve:

“Enquanto a escravidão manchasse uma parte da República, qualquer movimento proletário independente, nos Estados Unidos, via-se paralisado. **O trabalho branco não pode emancipar-se, ali, onde o negro ostenta o estigma doloroso.**”

Se anexarmos a esta marca infamante da escravidão a grande massa de emigrados disposta a trabalhar por qualquer salário, contanto que obtivesse o pão, compreenderemos a causa fundamental do estado particular em que se encontrava o movimento proletário norte-americano. A emigração imprimiu esse caráter especial à classe proletária norte-americana, criando em seu seio uma

série de invólucros e setores intermediários, conforme sua nacionalidade, seu grau de conhecimento do inglês, etc.... Em 1893, Engels escreve a Sorge:

“Uma importância enorme tem a emigração que divide os proletários em dois grupos, nativos e estrangeiros, e a estes em: — 1) - irlandeses; 2 - alemães; 3) - enfim, uma série de pequenos grupos, que somente se compreendem entre si, tchecos, polacos, italianos, escandinavos, etc.... E a estes, junte-se ainda os negros. São necessárias condições essencialmente favoráveis, para formar com estes elementos um partido único. Produz-se, às vezes, inesperadamente, um forte impulso; porém, basta que a burguesia se limite a uma resistência passiva, para que os elementos heterogêneos que compõem o proletariado, desagreguem-se novamente.”⁽⁷⁾

Em 1895, Engels volta a abordar as particularidades do movimento proletário nos EE. UU., onde, no transcurso do século XIX, verificaram-se lutas econômicas muito intensas, enquanto que o movimento político do proletariado marchava em zigue-zague, sem alcançar uma firmeza e intensidade consideráveis. Daí o atraso ideológico e político do movimento proletário dos Estados Unidos. Engels explica esse atraso, em carta a Sorge, em 16 de janeiro de 1895:

“A América é o país mais jovem, mas também o mais velho. Ao lado de móveis franceses, vê-se ali um mobiliário de invenção local, *tilburys* em Boston, *stage coaches* nas montanhas, o século XVIII ao lado dos carros pullmans. Desse modo, recebeis também toda a roupagem espiritual já em desuso na Europa. Tudo que aqui já está fora de moda perdura ainda na América durante duas gerações. Assim continuam sobrevivendo nesse país, os velhos lassallianos, e gente como Sanial, que hoje na França seriam considerados antiquados, ainda podem desempenhar entre vós, um certo papel. Isto acontece, porque os Estados Unidos, somente agora, depois das preocupações com a produção material e o enriquecimento, começam a ter tempo para o trabalho espiritual livre, e para a sua preparação necessária.

Também cabe culpa disto à duplicidade do desenvolvimento americano, absorvido pela solução do seu problema primordial: o amanho de imensa extensão de terra virgem, por um lado e a luta pela supremacia da produção industrial por outro. Daí, esses “ups and downs” (fluxos e refluxos) do movimento, conforme prevaleçam a razão do operário industrial ou do camponês que semeia a terra virgem.”⁽⁸⁾

Nesta carta, Engels nos revela o caráter original do movimento proletário nos Estados Unidos, especialmente na época de Marx.

A ligação entre os trabalhadores americanos e o comunismo, e seu mais eminente representante, Marx, provém da emigração alemã.

“O primeiro precursor alemão do marxismo — escreve o historiador do movimento trabalhista americano, John R. Commons — foi o Clube Comunista de Nova York, fundado em 25 de outubro de 1857. Era uma organização marxista, baseada no “Manifesto Comunista”. À sua frente estavam F. A. Sorge, Conrado Kerl, Siegfredo Mayer, que mantinha relações diretas com Marx, John Felipe, Becker e outros.”

Simultaneamente à organização de Clubes marxistas nos EE. UU., criavam-se organizações lassallianas, entre as quais a mais forte foi a “União Geral dos Trabalhadores Alemães”, fundada em Nova York, em outubro de 1865, por 14 lassallianos. Estes trasladaram suas ideias confusas para o outro lado do oceano, como se pode ver pelo seguinte ponto de seus estatutos:

“Enquanto na Europa só uma revolução geral pode oferecer os meios para elevar os proletários a um nível superior, na América a educação das massas dá-lhes a necessária confiança em suas próprias forças, indispensável para utilizar com êxito e habilidade a papeleta eleitoral, que pode levá-los à libertação do jugo do capital.”⁽⁹⁾

Surgem, nas principais cidades americanas, Clubes operários, sindicatos e sociedades de todas as classes, que procuram ligar-se com o centro espiritual político da época — Londres — onde viviam Marx e Engels. As organizações de emigrados estudam cuidadosamente a literatura marxista, e, em primeiro plano, as obras de Marx. Sorge descreve eloquentemente como os operários alemães seguiam e estudavam a literatura marxista:

“Os proletários — escreve Sorge — rivalizam-se em seus esforços, para dominar os conhecimentos econômicos, e solucioná-los ao lado das questões filosóficas mais difíceis. Entre as centenas de membros incorporados à União, em 1869 e 1871, eram raros os que não tinham lido Marx (“O Capital”), encontrando-se, entre eles, naturalmente, mais de uma dúzia, que assimilaram e estudaram a fundo as passagens e definições mais difíceis, armando-se assim contra os ataques dos grandes e pequenos burgueses, radicais e reformadores. Era um verdadeiro prazer assistir as reuniões da União.”⁽¹⁰⁾

Além desta ampliação e desdobramento das Uniões, clubes, grupos de emigrados, principalmente alemães, a quinta e a sexta década do século XIX caracterizaram-se pelo aumento das trade-unions, pela exacerbação da luta, pela redução da jornada de trabalho,

pela legislação proletária, pela proteção do trabalho feminino e infantil, etc.... Surge uma série de trade-unions locais e internacionais (metalúrgicos, mineiros, fundidores, construtores navais, etc...) Entre seus chefes, é aventada a ideia da criação da União Operária Nacional. O iniciador e organizador desta União foi William J. Sylvis, modelador, primeiro secretário e mais tarde presidente do Sindicato internacional dos moldadores. Já no ano de 1863, a União Internacional de maquinistas e metalúrgicos lançou a ideia da fundação da União Nacional das organizações profissionais. Em 1864 a União Internacional de moldadores pronunciou-se nesse mesmo sentido, apoiando a ideia. Em 26 de março de 1866, reuniram-se em Nova York os militantes de toda uma série de uniões e cidades, e convocaram o Congresso Nacional Operário, em Baltimore, em 20 de agosto de 1868. Os iniciadores explicavam a finalidade do Congresso, da seguinte maneira:

“A luta pela jornada de 8 horas, adquiriu tal incremento, que se torna necessária uma tática unânime e concorde em todas as questões referentes à realização das reformas, no domínio do trabalho.”

As decisões do Congresso proletário de Baltimore causaram verdadeiro júbilo a Marx. Em 7 de outubro de 1866, escreve a Kugelmann:

“Causou-me grande alegria o Congresso proletário de Baltimore, que se efetuou ao mesmo tempo que o Congresso de Genebra, da Associação Internacional de Trabalhadores. A organização da luta contra o capital serviu aqui de tema, e, coisa surpreendente, a maioria das reivindicações elaboradas por mim em Genebra, também foram apresentadas em Baltimore. Atribuo este fato ao infalível instinto dos trabalhadores.”

Não há nada de extraordinário em que as reivindicações elaboradas por Marx para o Congresso de Genebra, (veja-se a respeito o capítulo das reivindicações imediatas), coincidissem com as dos operários avançados dos EE. UU. Marx conhecia o movimento proletário internacional como ninguém. O programa das reivindicações por ele elaborado era uma generalização das reivindicações dos trabalhadores de todos os países capitalistas. E surgia da experiência da luta de classes, e de uma atitude comunista para o “infalível instinto dos trabalhadores”.

Dois anos mais tarde, Marx torna a referir-se de passagem a esse Congresso:

“O grande progresso — escreve Marx a Kugelmann, em 12 de dezembro de 1868 — notado no último Congresso da União operária americana, distinguiu-se também, entre outras coisas, pelo fato de haver tratado a mulher operária em absoluto pé de igualdade, enquanto os ingleses, e em grau ainda maior, os franceses, pecam por esta curteza de espírito. Quem conhece algo de história, não ignora que as grandes comoções sociais são impossíveis sem o fermento feminino. O progresso social pode ser exatamente medido pela situação social do belo sexo (incluindo também as feias).”⁽¹¹⁾

Esta carta prova, mais uma vez, que Marx sabia o que desejava em todas as questões do movimento social, compreendendo admiravelmente que a limitação dos direitos da operária na organização, significa que a classe operária impõe a si mesmas restrições políticas.

Este Congresso, que adotou resoluções importantes sobre a luta pela jornada de 8 horas, foi mencionado por Marx no primeiro tomo de “O Capital”, onde assinala que, “sobre as ruínas da escravidão, começa a florescer uma nova vida”. O primeiro fruto da guerra civil — escreve Marx — foi a agitação pela jornada de 8 horas, que se alastrou, com rapidez fulminante, do Atlântico ao Pacífico, de Nova Inglaterra à Califórnia.⁽¹²⁾

A “União Nacional Operária”, cujo organizador e inspirador foi G. Sylvis, realizou uma série de Congressos (1867, 1868, 1869, 1870, 1871,) ligou-se com a Associação Internacional do Trabalho, e, embora os dirigentes daquele tempo, como Sylvis, por exemplo, não demonstrassem firmeza especial nas questões de programa e de tática socialistas, Marx acompanhou este movimento com a maior atenção, apreciando altamente suas ações vigorosas pela diminuição da jornada de trabalho, pelo aumento dos salários, etc....

Devido ao estremecimento de relações entre a Inglaterra e os Estados Unidos em 1879, o Conselho Geral lançou um apelo à União Nacional de Operários, exortando as classes trabalhadoras dos Estados Unidos a manifestarem-se expressamente contra a guerra, que só traria calamidade à classe proletária da Europa e América. Esta mensagem escrita por Marx define tão bem a posição da I Internacional e dele próprio, que não nos furtamos ao desejo de expor abaixo alguns trechos importantes:

“Na proclamação inaugural da nossa Associação, declaramos: “não é a sagacidade das classes dominantes, mas a resistência heróica dos proletários ingleses, que salvou a Europa ocidental de uma estúpida cruzada, destinada a perpetuar e estender a escravidão no outro lado do oceano.” Cabe-lhes agora opor tenaz resistência à guerra, cujo resultado inevitável seria fazer retroceder, por período indeterminado, o movimento ascendente da classe proletária, em ambos os lados do oceano. Independentemente dos interesses especiais de tal ou qual governo, não é de acordo com os

interesses fundamentais de nossos opressores comuns, a transformação de nossa colaboração internacional, rapidamente crescente, em uma guerra fratricida?... Na mensagem de saudação ao Sr. Lincoln, pela sua reeleição à presidência, expressamos a nossa convicção de que a guerra civil traria imensas vantagens à classe proletária, como a guerra da Independência demonstrou em relação à burguesia. E, efetivamente, o fim vitorioso da guerra contra a escravidão, abriu nova era na história da classe proletária. **Precisamente a partir desse instante, data o movimento proletário independente nos EE. UU., que é contemplado com inveja pelos nossos velhos partidos e policastros profissionais.** Porém, para que o movimento traga fruto, é necessário haver anos de paz; mas, para fazê-lo desaparecer, basta a guerra entre os EE. UU. e a Inglaterra.

O resultado imediato e tangível da guerra civil, foi a depressão inegável da situação do operário americano. Nos, EE. UU., como na Europa, o peso enorme da dívida nacional passa de mão em mão, para descarregar-se finalmente às costas da classe operária. Além disso, os sofrimentos desta classe, põem em maior relevo o luxo insolente da aristocracia financeira, a aristocracia dos novos-ricos, nascidos da guerra como parasitas. Sem dúvida, a guerra civil foi compensada pela emancipação dos escravos e pelo impulso que imprimiu ao vosso movimento de classe. Uma guerra, não conduzida por fins elevados e por uma grande necessidade social, uma guerra ao exemplo do velho mundo, somente iria forjar as cadeias para o trabalhador livre, em vez de romper as da escravidão. A agravação da miséria, que a acompanharia, daria, conseqüentemente, aos vossos capitalistas os motivos e meios para afastar a classe proletária de suas necessárias e justas aspirações, por meio das baionetas implacáveis de seu exército permanente. Pertence-vos por isso, uma missão gloriosa: fazer com que a classe proletária apareça finalmente na arena da história, não como um humilde escravo, mas como força independente, consciente de sua própria responsabilidade, e capaz de ditar a paz, onde os que pretendem ser seus amos reclamam em gritos a guerra.”⁽¹³⁾

Esta mensagem expõe uma série de questões muito importantes, e, preliminarmente, a da posição dos trabalhadores em geral, e dos **sindicatos em particular**, em face da guerra. Marx não protesta contra a guerra em geral. Coloca a questão num terreno concreto. Assinala os lados positivos que a guerra civil trouxe aos proletários, e afirma energicamente que a guerra anglo-americana, que se prepara, só apresenta lados negativos. Esta proclamação do Conselho Geral não ficou sem réplica, pois o presidente da União Nacional dos Trabalhadores não demorou em responder. Em seu relatório ao Congresso de Basileia, Marx escreve: — A morte repentina de Sylvis, glorioso lutador da nossa causa, exige que honremos sua memória, fechando nosso relatório com sua resposta à nossa carta:

“Vossa amável carta de 12 de maio chegou-me ontem às mãos. Estou muito satisfeito por ter recebido, do outro lado do oceano, uma mensagem tão cordial de nossos companheiros trabalhadores.

Une-nos uma causa comum. Trava-se guerra entre a miséria e a abundância. O trabalho ocupa em todo o mundo a mesma posição de subserviência, enquanto o capital reina pela tirania. Eis porque eu digo que nossa causa é comum. Em nome dos proletários dos Estados Unidos, estendo-vos fraternalmente a mão, e a todos os que representais, assim como a todos os deserdados e oprimidos, filhos e filhas do trabalho, na Europa. Continuai a nobre causa que iniciastes até que vossos esforços sejam coroados por êxito completo. Nossa última guerra teve como consequência a formação da mais vil aristocracia endinheirada do mundo. O poder do dinheiro devora ferozmente a alma do povo. Porém, declaramos-lhe guerra, e estamos seguros da vitória. Se for possível, venceremos por meio do sufrágio. Em caso contrário, apelaremos para meios mais enérgicos. Uma ligeira sangria se torna às vezes indispensável, em casos extremos.”⁽¹⁴⁾

Esta é uma carta que caracteriza perfeitamente a personalidade do chefe do jovem movimento sindical americano, e confirma que não foi por casualidade que Marx chamou-o de “glorioso lutador”.

As atas do Conselho Geral da A. I. T. demonstram que os problemas do movimento operário americano foram tratados, várias vezes, na ordem do dia. Na ata de 8 de abril de 1879, lemos:

“Carta enviada ao Conselho Geral pelos operários das oficinas dos diários de Nova York, solicitando auxílio para impedir a importação de mão de obra, destinada a derrotar os operários em greve. O secretário é encarregado de escrever a todos os periódicos estrangeiros, que se acham filiados à A. I. T.”

Na mesma sessão, é lido o relatório do Comitê, sobre a questão do Bureau de emigração, tomando-se a seguinte resolução:

- “1) O Bureau de emigração é criado de acordo com a União Nacional dos Trabalhadores.
- 2) Em caso de greve, o Conselho Geral deve empenhar todos os esforços para impedir o recrutamento de operários na Europa, destinados aos patrões americanos.”⁽¹⁵⁾

O Conselho Geral, sob a direção de Marx, assim como fez em suas relações com as trade-unions inglesas, mais uma vez destaca as questões da luta econômica (luta contra os “fura-greves”, etc.), com o intuito de estabelecer relações, as mais amplas possíveis, com os sindicatos dos EE. UU. A ata de 19 de abril de 1870, diz:

“Carta do correspondente nova-iorquino Hume, fazendo notar que o movimento sindical americano revela tendência para revestir-se da forma das sociedades secretas. Isto é confirmado pela carta de um correspondente alemão, dirigida ao C. Geral, solicitando sua intervenção para dissuadir Hume e Hessup, de participarem nessas sociedades.

O C. Geral declara que essas circunstâncias impossibilitam-no de intervir na questão. O secretário é encarregado de averiguar quais as causas que motivam a necessidade das sociedades secretas na América.”

Esta comunicação de Nova York, e a resolução do Conselho Geral, atestam que Marx e a Associação Internacional de Trabalhadores participavam, em todos os detalhes, do movimento americano. Se casualmente não adotavam uma resolução imediata, reuniam toda a documentação necessária, entrando em contato permanente com suas seções e partidários. Esta ligação, e os constantes auxílios políticos ao movimento, manifestam-se na correspondência trocada por Marx e Engels com Sorge e outros, justamente no período em que, em Nova York e outras cidades, começaram a formar-se seções da A. I. T., e no seio das mesmas surgiam divergências políticas e de organização.

Em sua carta de 1.º de setembro de 1870, Marx comunica a Sorge a distribuição dos cargos do Conselho Geral, e que o secretário designado para os Estados Unidos é Ekkarius. Um ano depois, na mesma data, Marx escreve a Sorge, aconselhando-o a denominar o órgão dirigente eleito “Comitê Central” e não “Conselho Central”. Informa-o também da literatura enviada aos EE. UU. Em 12 de setembro de 1871, Marx escreve a Sorge sobre as circulares e o regulamento da A. I. T., que lhe foram enviados. Em 6 de novembro, Marx volta a referir-se aos folhetos, literatura, e à famosa duodécima seção de Nova York, integrada por intelectuais e jornalistas, que aspiravam alcançar a direção do movimento. Três dias depois, Marx sugere a Sorge que, depois de um trabalho político e de organização, convoque um Congresso e estabeleça um Comitê Federal. Pede-lhe ao mesmo tempo que não se retire do Comitê. Em 10 de novembro de 1872, Marx escreve ao alemão Speyer, membro do Comitê Central:

- 1— De acordo com o regulamento, o Conselho Geral deve pensar antes de tudo nos ianques e no país dos ianques.
- 2 — Devem procurar conquistar as trade-unions, sem medir sacrifícios para tanto.”⁽¹⁶⁾

Uma série de admoestações e suspeitas sobre o C. Geral é contestada detalhadamente por Marx nesta carta, onde demonstra a seu correspondente que o Conselho não pode proibir seus membros de manterem correspondência privada. Em 23 de novembro, em carta a Bolte, Marx explica as razões por que a Associação Internacional de Trabalhadores foi obrigada, nos Estados Unidos, a confiar, nos primeiros tempos, poderes a particulares, designando-os para seus correspondentes.

Na mesma carta ele escreve:

“Ao fundar-se a Internacional, foi proposto que se situasse o centro da luta em uma verdadeira organização da classe proletária, convocatas e semi-socialistas, que dela se apoderaram Seus estatutos originais e sua mensagem provam-no à sociedade. A Internacional não teria conservado suas posições, se, com o concurso da história, já não houvesse esmagado as seitas. O desenvolvimento das seitas socialistas, e o desenvolvimento do **verdadeiro movimento proletário, acham-se em relação inversa**. As seitas justificam-se enquanto a classe proletária não estiver apta para o movimento histórico independente (sob o ponto de vista histórico). Porém, logo que a classe adquira esta aptidão, as seitas passam a ser reacionárias. E na história da Internacional repetiu-se o que a história nos mostra em toda parte.

Tudo que é antigo procura refazer-se e reafirmar-se dentro das novas formas surgidas. A história da Internacional **foi uma luta ininterrupta do Conselho Geral contra as seitas** e contra as experiências de diletantes, que procuram colocar-se dentro da Internacional, contra o verdadeiro movimento proletário de classe. Esta luta desenvolve-se nos Congressos, e, em maior grau ainda, nas **conferências particulares do Conselho Geral com as diferentes seções**.”⁽¹⁷⁾

Esta passagem notável da carta de Marx esclarece sua atitude em face das trade-unions e de toda a espécie de organizações socialistas e semi-socialistas, sua posição de princípio quanto ao sectarismo e seus métodos de luta, por uma justa política comunista.

Entretanto, a luta agrava-se nos Estados Unidos entre os partidários da Internacional. Esta luta atingiu seu apogeu com a mensagem do Conselho Federal e da seção 12 de Nova York, em que ambos pedem ao Conselho Geral de Londres, que solucione o litígio. O Conselho Geral, sob a direção de Marx, manifestou-se contra a seção 12, onde operavam politiquinhos pequeno-burgueses, e pró Conselho Federal, em torno do qual haviam-se agrupado os operários. Em 8 de março de 1863, Marx escreve a Sorge:

“Tendo sido encarregado pelo Conselho Geral de informar sobre a discórdia nos EE. UU. (devido às dificuldades da Internacional na Europa, havíamos transferido a discussão de reunião a reunião), fiz um exame minucioso em todas as correspondências de Nova York e em tudo que os jornais escreveram a este respeito. Concluí que, de um modo geral, estávamos informados tardia e inexatamente sobre os elementos que produziram o dissídio. Uma parte da resolução por mim proposta já está aprovada; a outra entrará em discussão na 3.a feira próxima; depois disso, a resolução definitiva será enviada a Nova York.”⁽¹⁸⁾

Em 15 de março de 1872, Marx envia a Sorge a resolução por ele escrita e adotada pelo Conselho Geral. Como esta resolução abrange a personalidade de Marx e da Internacional, reproduzimo-la na íntegra:

- “1) Os dois Conselhos devem unir-se dentro de um só Conselho Federal provisório.
- 2) As novas e pequenas seções reunir-se-ão para a escolha de um delegado comum.
- 3) Um Congresso Geral dos membros americanos da Internacional deve ser convocado para 1.º de maio.
- 4) Este Congresso elegerá um Conselho Federal, que terá direito de arregimentar novos membros, e elaborará o regulamento e os estatutos do Conselho Federal.
- 5) A seção 12, pelas suas pretensões e procedimentos equívocos será dissolvida até o próximo Congresso Geral.
- 6) Cada seção deve compor-se, no mínimo, de duas terças partes de operários assalariados.”⁽¹⁹⁾

O Congresso de Haia da I Internacional resolveu transferir a sede da Associação Internacional de Trabalhadores para os Estados Unidos. Rechaçava-se deste modo o ataque dos bakuninistas; esta mudança, porém, significava o começo do fim da A. I. T. como organização proletária internacional. No entanto, isso que significava para a Europa um retrocesso, para os Estados Unidos foi um impulso, que conseguiu reunir todos os elementos **marxistas** em torno do Conselho Geral. Por outro lado, organizaram-se também os inimigos do marxismo. Marx e Engels sabiam que o Conselho Geral de Nova York, a Associação Internacional de Trabalhadores e o Conselho Geral de Londres, estavam longe de ser uma e a mesma coisa. Fizeram tudo para apoiar o Conselho Geral politicamente e auxiliando sua organização. A luta, porém, tornava-se cada vez mais aguda em torno do Conselho Geral. Começaram os dissídios, enquanto, graças a Sorge e outros, o Conselho Geral procurava atuar no espírito de Marx e Engels. Uma das questões mais delicadas foi a atitude das seções da Internacional em face dos sindicatos. O Conselho dirigiu a seguinte carta à 3.a seção de Chicago, em 3 de julho de 1874:

“É estranho que nos vejamos obrigados a indicar a uma das seções da Internacional a grande importância do movimento sindical.

Apesar disso, somos forçados a comunicar à 3.a seção que todos os Congressos da Associação Internacional de Trabalhadores, desde o primeiro ao último, ocuparam-se detidamente do movimento sindical, procurando meios e caminhos para seu desenvolvimento. O sindicato é a raiz do movimento proletário, porque os trabalhadores, como é natural, interessam-se por tudo que se relaciona com sua vida quotidiana, e unem-se, conseqüentemente, antes de tudo, com seus companheiros de ofício. O dever dos membros da Internacional é, por isso, não só ajudar aos sindicatos existentes, mas também guiá-los para a rota certa, isto é, internacionalizá-los, e, ao mesmo tempo, criar, em todas as partes onde seja possível, novos sindicatos. As condições econômicas obrigam os sindicatos, com incrível energia, a passar da luta econômica contra as classes exploradoras à luta política. Esta é uma verdade notória para todo aquele que acompanha o movimento proletário.”⁽²⁰⁾

Mas esta decisão, justa em princípio, e dentro do espírito de Marx, mesclava-se com uma série de influências. O Conselho Geral americano afastava-se cada vez mais das posições marxistas. No ano de 1876, “os últimos moicanos” que apoiavam o Conselho Geral, viram-se obrigados a dissolver a Associação Internacional de Trabalhadores. Foi desse modo que a criação política e organizadora de Marx deixou de existir. O movimento proletário internacional traçou novo e brusco zigue-zague.

Karl Marx acompanhou como ninguém as peripécias do movimento proletário nos Estados Unidos. Viu suas particularidades, seus gestos originais e suas dificuldades. Quais são, pois, as exortações de Marx aos seus partidários dos EE. UU.? Exortava-os a prestar atenção nas trade-unions, a fundir-se com a classe proletária e a “extirpar da organização o espírito estreitamente sectário”. Exigia a fusão com o movimento de massa, porque este era o melhor meio de ação contra o sectarismo e o oportunismo.

Mas essas indicações não foram seguidas. O movimento proletário e sindical dos Estados Unidos tomou rumo especial. O florescimento do capitalismo americano significava o aburguesamento do trade-unionismo americano. Samuel Gompers, inimigo do socialismo e mercantilista prático, chegou a ser, por largos anos, o ideólogo e guia desse movimento.

Durante muitos anos, o marxismo foi vencido pelo gomperismo, pela política e pela corrupção e decomposição imperialistas. À chefia das trade-unions, colocaram-se homens de negócio, cuja divisa era: — nada de política proletária, e sim, colaboração com os capitalistas.

Para descrever o trade-unionismo reacionário, citemos as respostas de Strasser, presidente da União Internacional de Cigarreiros, cujo secretário havia sido Gompers, ante a Comissão do Senado em 1883 (ano da morte de Marx):

Pergunta: Procuras, antes de tudo, melhorar as condições de trabalho em vossa profissão?

Resposta: Sim. Penso, antes de tudo, nos operários da indústria cigareira, nos interesses dos homens que me escolheram para representá-los.

Pergunta: Porém, quais são vossos objetivos?

Resposta: Não temos nenhum objetivo final. Avançamos somente “au jour le jour”. Lutamos unicamente pela concretização das tarefas imediatas, que podem ser realizadas no espaço de alguns anos.

Pergunta: Quereis ter melhor alimentação, melhores roupas, melhores habitações?

Resposta: Sim, queremos nos vestir melhor, viver melhor, e, em geral, convertermo-nos em cidadãos melhores.

Presidente da Comissão: Pareceis recear que se chegue a crer que sois simplesmente um teórico. Não é esta a minha opinião a vosso respeito.

Resposta: Nossos estatutos, dizem que somos contra os teóricos, e eu represento aqui a organização. Somos todos gente prática.”⁽²¹⁾

O que Strasser omitiu, disse-o Gompers. E com ele, John Mitchel, autor do livro “O trabalho organizado”, e todos os demais teóricos e práticos traidores dos interesses da classe trabalhadora. Estes levaram até o fim sua política de subordinação dos sindicatos aos trustes, sob o ponto de vista ideológico, político e de organização.

Qual é a causa desta substituição histórica do marxismo pelo gomperismo? A causa fundamental foi o desenvolvimento vitorioso do capital americano, e a possibilidade da burguesia subornar e desmembrar a parte dos operários melhor remunerados, enquanto o nível de vida da maioria da classe proletária, composta de elementos heterogêneos, era inferior ao mínimo vital.

Vemos hoje declinar ao lado do capitalismo, o gomperismo servil e reacionário. Nos Estados Unidos, em cada manifestação, em cada greve, nas marchas da fome dos desempregados, transparece o espírito de Marx. O marxismo revolucionário conquista uma posição após outra. A burguesia americana dos trustes, os herdeiros de Gompers, ainda são menos capazes. A quem então a História deu razão? Em favor de quem trabalha a História? É evidente que em favor do marxismo revolucionário e não do gomperismo retrógrado.

Notas de rodapé:

(1) WEBBER SOMBART: “Ensaio sobre a história do desenvolvimento do proletariado nos Estados Unidos”. Moscou, 1906, p. 47

(2) A. BIMBA: — A História do movimento proletário americano. Moscou, 1930.

(3) MARX: “O 18 Brumário” de Luís Bonaparte”, Moscou, 2.ª edição do Instituto Marx-Engels-Lenine — Tradução de Edições “Cultura Brasileira”, 1935.

(4) MARX: “O 18 Brumário” de Luís Bonaparte.

(5) HILQUIT: — História do socialismo nos EE. UU., ed. russa.

(6) Cartas a Sorge. Ed. 1907.

(7) “O Capital”, T. I. Pg. 274, ed. russa 1923.

(8) Cartas a Sorge. Ed. 1907.

(9) R. Commons: “A história do movimento trabalhista nos Estados Unidos”.

(10) F. Sorge: O movimento operário nos EE. UU.

(11) Cartas de Marx a Kugelmann, ed. Instituto Marx-Engels-Lenine. Pg. 59.

(12) O Capital. T. I. pág. 274 ed. 1923.

(13) Esta mensagem leva as seguintes assinaturas: Pelo Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores: pela Inglaterra, R. Applegarth,

carpinteiro; D. Boon, mecânico; Buckey, pintor, D. Hales, tecelão; Harriete Law; V. Lucraft, marceneiro; D. Milnar, alfaiate; Adger, sapateiro; D. Koss, sapateiro; B. Shaw, carpinteiro; Cowell Stepney; D. Warrens, tecedor de malhas; D. Weston, carpinteiro. Pela França: Dupont, mecânico; Jules Joanard, litógrafo; Paul Lafargue. Pela Alemanha: D. Ekkarius, alfaiate, Karl Marx. Pela Suíça: J. Young, ourives, A. Muller, ourives. Pela Bélgica: B. Bernard, pintor. Pela Dinamarca: D. Khon, cigareiro. Pela Polônia: Zabitsky, tipógrafo; B. Lucraft, presidente; Cowell Stepney, tesoureiro, George Ekkarius, secretário geral, (citado no texto que se conserva no Instituto Marx-Engels-Lenine).

(14) “Relatório do Conselho Geral ao Congresso de Basileia”.

(15) Atas do Conselho Geral da A. I. T. Arquivo Marx-Engels-Lenine.

(16) Carta a Sorge, ed. 1907, pág. 41.

(17) Carta a Sorge, ed. 1907, pág. 43.

(18) Cartas a Sorge, ed. 1907, pág. 50.

(19) Carta a Sorge

(20) COMMONS: “History of Labour in U.S.A.”.

(21) Z. Perelmann: História do movimento trade-unionista na América.



Capítulo VII

Marx e a Luta pelas Reivindicações Parciais da Classe Operária

Será útil lutar pela diminuição da jornada de trabalho, pelo aumento dos salários, etc.? Eis a questão teórico-política colocada no centro da luta científica e política, a que Marx se entregou no curso de largas décadas. Esta forma de abordar a questão parece-nos hoje estranha e até indigna de merecer nossa atenção; e assim é, porque Marx realizou importante trabalho científico e político neste sentido. Vimo-lo lutar com Proudhon, Lassalle, Weston, isto é, com todos os representantes do socialismo pequeno-burguês, inglês e alemão, a propósito da utilidade dos sindicatos, das greves, da definição dos salários, do problema do preço, lucro, etc.... Tanto Proudhon como Weston inspiraram-se nos economistas pequeno-burgueses. Estes procuram demonstrar, invocando Deus e a ciência, que a luta dos sindicatos pela melhoria da situação dos proletários é estéril, na maioria dos casos, e transgride todas as leis divinas e humanas. No primeiro tomo de “O Capital”, Marx reuniu um rico manancial de razões “científicas”, anti-proletárias, de Adam Smith, John Stuart Mill, Mac Culloch, Uré, Bastiat, Say, James Sterling, Cairus, Walker, etc. Com o fim de demonstrar até que ponto todas estas “doutas” dissertações estavam saturadas de espírito patronal, vou fazer algumas citações:

“Todo capital se reparte, equitativamente, mediante transações de mercado, entre todos os trabalhadores. É absurdo, portanto, supor que os esforços dos capitalistas para conseguir o barateamento do trabalho, possam exercer a menor influência sobre o preço médio” (Mac Culloch).

“Supõe-se que, em cada momento dado, existe certa soma de riqueza incondicionalmente destinada à retribuição do trabalho. O total desta soma não se pode considerar variável, pelo fato de aumentar com a economia e crescer com o progresso da sociedade; porém, em cada momento dado, esta soma é uma grandeza estritamente determinada. Considera-se que a classe dos trabalhadores assalariados não pode de maneira alguma repartir entre seus membros uma soma maior; porém, tampouco, pode receber uma retribuição inferior a esta soma. E, uma vez que a soma a distribuir entre os trabalhadores está determinada, os salários de cada um dependem exclusivamente do divisor, do número de participantes na distribuição.” (John Stuart Mill).

“O que se paga pelo trabalho em cada país, constitui parte determinada do capital acumulado em momento dado, que não pode ser aumentado com a intervenção consciente do governo, nem pela influência da opinião pública, nem pela associação dos trabalhadores. Em cada país existe também um determinado número de trabalhadores, que não pode ser diminuído pela intervenção consciente do governo, nem pela influência da opinião pública, nem pela associação dos

trabalhadores. É preciso que a parte do capital disponível em momento dado, seja repartida entre esses trabalhadores” (Parry).

“Se qualquer sindicato houvesse conseguido a supressão da concorrência, aumentando assim, de um modo anormal, os salários, e diminuindo o lucro em qualquer indústria, uma dupla reação trataria de restabelecer o equilíbrio natural. O crescimento da população aumentaria a oferta de trabalho, enquanto o fundo diminuído dos salários reduziria a procura da mão de obra. A ação combinada destes dois fatores, tarde ou cedo, obteria a vitória sob as tendências de qualquer sindicato, fazendo voltar ao seu nível natural os lucros e os salários. **E é inútil os sindicatos se atirarem contra essas barreiras. Será impossível rompê-las ou afastá-las por meio de qualquer associação, mesmo geral, porque essas barreiras foram erguidas pela própria natureza**” (Cairus).

“O trade-unionismo encontrava-se ante este dilema: vencedor ou vencido em seu objetivo imediato, o resultado final será desfavorável aos trabalhadores. Se sofresse uma derrota em sua exigência a respeito de salários mais elevados, todos os gastos de organização, tanto em dinheiro como em energia, seriam inúteis... E se conseguisse, por algum tempo, um êxito aparente, o resultado final seria ainda mais desastroso.

As leis naturais violadas, restabelecerão sua autoridade por meio de uma reação inevitável. O mortal vaidoso que se atreva a opor a própria vontade às influências divinas, atrai sobre si um castigo inexorável. Seu êxito passageiro desaparece, e paga com largos sofrimentos a efêmera vitória” (James Sterling).⁽¹⁾

Em resumo, o sentido de todas essas “doutas” pesquisas, reduz-se ao seguinte:

“Os sindicatos e as greves não podem trazer proveitos à classe dos trabalhadores assalariados” (Walker).

“A ciência não conhece benefícios patronais de nenhuma espécie” (Schulze Delisch).

Todas estas sábias dissertações nos parecem agora simplesmente ridículas, mas foram a opinião dos corifeus da ciência econômica daqueles tempos, e a influência dessas ideias foi tão forte, que repercutiu nas sessões do Conselho Geral da Associação Internacional de Trabalhadores.

Toda a significação política dessas teorias foi formulada rapidamente por Marx, em sua intervenção contra Weston:

“Conseqüentemente, se os trabalhadores se esforçam por conseguir uma elevação passageira, dos salários, agem tão nesciamente como os capitalistas, que procuram uma passageira redução dos mesmos.”⁽²⁾

Marx pressentia tudo que havia de perigoso em tais teorias, para o movimento proletário; por isso, abriu fogo cerrado contra os economistas burgueses e seus discípulos socialistas, valendo-se de toda força de sua inteligência e paixão. O primeiro tomo de “O Capital” constitui um golpe mortal para as autoridades burguesas da ciência econômica. Marx demonstrou o que há de falso na teoria “do fundo dos salários”, e descobriu os “mistérios” da mais-valia e da acumulação primitiva; provou, baseando-se em documentação irrefutável, como se determina o salário, como se cria o valor e a mais-valia, qual é a diferença entre o trabalho e a força de trabalho, etc.... A disputa desenvolveu-se em torno desta questão: que mercadoria vende o proletário? Seu trabalho ou sua força de trabalho? E que diferença existe entre o trabalho e; força de trabalho?

“O trabalho é a substância e a medida imanente dos valores; porém, ele próprio, carece de valor”, disse Marx (O Capital).

Partindo dessa definição, Marx desvenda os mistérios do salário e da mais-valia, “pedrá angular de todo o sistema econômico de Karl Marx”. (Lenine).

“A história — escreve Marx — precisou de tempo para decifrar o segredo do salário” (Marx — (O Capital).

Acrescentemos que, mesmo após a decifração do segredo, a luta em torno desta questão não cessou um só instante, porque a tese de Marx: “mais-valia é o objetivo imediato e o motivo determinante da produção capitalista”, afeta interesses de classe. E é conhecido o velho ditado: “se os axiomas geométricos afetassem os interesses dos homens, seguramente tratar-se-ia de refutá-los”. (Lenine).

Uma prova das paixões produzidas pela questão da mais-valia, temo-la no fato de que não há um só professor, por medíocre, que não tente refutar Marx, provocando, consciente, ou inconscientemente, uma completa confusão. Aos confusionistas inconscientes, pertencem figuras de ciência, com Sidney e Beatriz Webb, que afirmam que Marx e Lassalle reivindicavam o direito ao produto integral do trabalho. Esta deformação do ponto de vista de Marx causou indignação ao tradutor russo, que acrescentou a seguinte objeção: — “os autores compreendem falsamente a Marx, que se opôs decididamente à doutrina do direito do trabalhador ao produto integral do trabalho. Veja-se a Crítica ao programa de Gotha.”⁽³⁾

Esta modesta observação pertence a Lenine, que achando-se confinado na Sibéria, na aldeia de Chucheraskoe, distrito de Minusinsk, traduziu, em colaboração com N. S. Krupskaja, os dois volumes da obra dos Webb.⁽⁴⁾

Ao desfraldar a bandeira de insurreição contra a ciência econômica burguesa, Marx não ignorava que iria provocar grandes e sérias questões. Será que a classe proletária seguirá teórica, e, portanto, também politicamente, a economia política e a política burguesa? Ou forjará ela sua própria arma teórica, para a luta contra a ideologia e a política da classe capitalista?

A questão da teoria abstrata transformava-se, como vemos, em uma questão essencialmente prática: **É necessário criar sindicatos? Convém lutar pela diminuição da jornada de trabalho? Qual é o valor da legislação fabril para a classe operária?** Em uma palavra, era a significação das reivindicações parciais na luta geral da classe proletária, que começava a preocupar. Aí, além da teoria, foi decisiva a experiência da luta das massas. Por isso, é invocada constantemente por Marx, em “O Capital”, a experiência da luta.

“Os operários fabris ingleses foram os campeões, não só da classe proletária inglesa, como de toda classe proletária daquela época. Da mesma forma, seus teóricos foram os primeiros a atirar a luva à teoria de ‘O Capital’”.^[5]

Os operários do país capitalista mais avançado naquela época, destruíram, com sua luta tenaz, as teorias dos sábios burgueses. Partindo da experiência e aproveitando a teoria revolucionária, Marx expulsava os panegiristas do capital, das cumeeiras da ciência econômica.

A política sindical de classe deve ter seu ponto de partida na luta por uma jornada de trabalho reduzida, por elevados salários, pela proteção do trabalho feminino e infantil, por uma ampla legislação fabril, etc.... Porém, para iniciar a luta por essas reivindicações parciais, é preciso compreender seu papel e significado na luta geral da classe proletária, e, ao mesmo tempo, estudar as causas da formação da legislação social. A atividade de Marx foi, neste sentido, admirável. Foi ele quem analisou enorme quantidade de relatórios de inspetores de fábricas inglesas, e estudou toda a legislação anti-proletária da Inglaterra, Alemanha e França. Foi ele quem apresentou, em toda sua amplitude, o problema da jornada de 8 horas e definiu, sob o ponto de vista de princípio, a atitude em face da legislação fabril, etc.... É suficiente folhear o primeiro tomo de “O Capital”, e nele se verá que a questão da compra e venda da força de trabalho, das formas e grau de exploração da mesma, do valor da força de trabalho, ocupa posição central. Marx, porém, não se limitou a consagrar grande parte do primeiro tomo de “O Capital” à luta teórica contra os economistas burgueses. No mesmo tomo, explica politicamente a atitude que os operários devem adotar na luta pelas reivindicações imediatas. Aponta quais as causas, e a origem da legislação fabril.

“Contra sua vontade, cedendo à pressão das massas, o parlamento inglês renunciou à lei contra as greves e as trade-unions, depois de ocupar, durante cinco séculos, com um egoísmo descarado, a posição de uma organização permanente dos capitalistas contra os proletários” (O Capital).

Marx não só pôs a nu as aspirações dos capitalistas, no que concerne à exploração dos trabalhadores, à proibição das coalizões, das greves, etc., mas também, desde os primeiros dias do seu aparecimento na arena política, empreendeu a luta pela liberdade dos sindicatos e das greves, pela legislação sobre a jornada de trabalho, etc. Testemunham-no toda sua atividade política e literária, todos os seus folhetos, discursos e livros, mesmo antes da organização da Associação Internacional de Trabalhadores, antes da publicação do primeiro tomo de “O Capital”.

A proclamação inaugural da Associação Internacional de Trabalhadores, escrita por Marx, começa assim:

“É muito significativo o fato de que, desde 1848 a 1864, não diminuiu a miséria da classe proletária..

Em seguida, Marx escreve sobre as condições da conquista e importância da legislação proletária:

“Após uma luta de 30 anos, sustentada com a maior perseverança, a classe trabalhadora inglesa, aproveitando-se duma dissidência momentânea entre os proprietários de terra e os capitalistas, conseguiu arrancar o *bill* das dez horas. As imensas vantagens físicas, morais e intelectuais que resultaram para os operários manufatureiros, foram anotadas nas Memórias bianuais dos inspetores das fábricas. Hoje, comprazem-se em reconhecê-las sem hesitação, em todas as partes. A maioria dos governos continentais foi obrigada a aceitar a lei inglesa das manufaturas, sob forma mais ou menos modificada. O próprio Parlamento inglês viu-se forçado, de ano a ano, a estender e ampliar o círculo de sua ação. O *bill* das dez horas não foi só um triunfo prático; foi também o triunfo de um princípio. Pela primeira vez, a economia política da burguesia foi derrotada pela economia política da classe proletária.”^[6]

Aí temos a importância que Marx atribuía à luta tenaz dos proletários pela diminuição da jornada de trabalho, e pelas demais conquistas nesse sentido. Não valorizava a legislação operária, mas julgava indispensável combater a supervalorização da luta das massas proletárias por suas reivindicações imediatas.

Desse modo, o Conselho Geral da Associação Internacional de Trabalhadores formulou, em 21 de julho de 1865, por proposta de Marx, a seguinte ordem do dia, para o Congresso de Genebra:

I — Unificação, com o concurso da Internacional, das ações realizadas nas lutas entre o capital e o trabalho, nos diversos países.

II — Os sindicatos. Seu passado, presente e futuro.

III — Trabalho cooperativo.

IV — Impostos diretos e indiretos.

V — Redução das horas de trabalho.

VI — Trabalho feminino e infantil.

VII — A invasão moscovita na Europa e o restabelecimento de uma Polônia independente e integral.

VIII — Os exércitos permanentes, sua influência sobre os interesses da classe proletária.”

Vemos que a maioria das discussões reservadas à ordem do dia são dedicadas às questões da situação política e econômica da classe proletária. A causa dessa atitude é a seguinte:

“A situação da classe proletária — escreve Engels — é a verdadeira base e o ponto de partida de todos os movimentos sociais da História contemporânea.”

Na segunda Assembleia do Conselho Geral, Marx recomenda, em nome de uma comissão especial, propor ao Congresso de Genebra, que organize o estudo da situação da classe proletária, de acordo com o seguinte esquema:

1. — Ofício;
2. — Idade e sexo dos trabalhadores;
3. — Número dos ocupados;
4. — Condições de contrato e salários; — a) aprendizes; b) salário por tempo, por empreitada, ou se o pagamento se realiza segundo o rendimento médio do operário;
5. — As horas de trabalho; a) na fábrica, b) nos pequenos fabricantes, ou o trabalho a domicílio; trabalho diurno e noturno;
6. — Intervalo para refeição. Atitude do patrão para com os operários;
7. — Estado dos locais de trabalho, aglomeração, ventilação, insuficiência de luz natural, iluminação a gás, etc.; Higiene;
8. — Natureza das ocupações;
9. — Influência do trabalho no estado físico;
10. — Condições morais. Instrução, situação da indústria no ramo em questão. Se o trabalho só é realizado em determinada estação, ou se é distribuído mais ou menos regularmente durante todo o ano. Se se observam flutuações sensíveis. Se a produção está destinada ao consumo interno, ou à exportação.

Este projeto completo é bastante extenso, definindo claramente o afincamento com que Marx trabalhou no problema da situação da classe proletária. Ao contrário de Proudhon e Bakunin, interessavam-lhe os fatos e não a retórica.

É também muito interessante o programa de reivindicações parciais elaboradas por Marx, para o Congresso de Genebra da A. I. T. Este programa termina com o capítulo “O passado, presente e futuro dos sindicatos” (consultar o capítulo “a posição dos sindicatos na luta geral de classe do proletariado”), e abrange, além da questão da estrutura orgânica da Associação Internacional de Trabalhadores, os seguintes problemas: formação de sociedades mutualistas; relatório estatístico sobre a situação da classe proletária em todos os países, feito pelos próprios trabalhadores; índice detalhado das questões, para recopilação do material estatístico; o problema da redução da jornada de trabalho e implantação da jornada de trabalho de 8 horas; proibição do trabalho noturno para as mulheres; o trabalho infantil limitado a duas, quatro e seis horas, de acordo com a idade dos meninos e meninas. Educação escolar das crianças, incluindo educação intelectual, física e técnica; combinação do trabalho produtivo e da educação intelectual das crianças, etc....

O mesmo relatório dedica um capítulo especial, à formação de cooperativas. Assinala que o objetivo da A. I. T. é combater as manobras dos capitalistas sempre dispostos, em caso de greve ou lock-out, a aproveitar os operários estrangeiros como instrumento destinado a sufocar as justas reivindicações dos trabalhadores locais; combinar, generalizar, e dar maior uniformidade aos esforços ainda dispersos, que se empregam nos diversos países, para a emancipação da classe proletária; desenvolver entre os trabalhadores dos diversos países, não só o sentimento de fraternidade, mas também sua manifestação efetiva, e unificá-los para a formação do exército emancipador.

O relatório contém outro capítulo especial, sobre os impostos diretos e indiretos, sobre a necessidade de suprimir a influência russa na Europa, para concretizar o direito dos povos de disporem livremente de si mesmo, sobre o restabelecimento da Polônia, sob base democrática e social, e a respeito da influência funesta dos exércitos permanentes. Contém, finalmente, a famosa ordem “quem não

trabalha não come.” Temos aí uma ideia do caráter deste documento, que serviu de ponto de partida para a elaboração de programas de reivindicações concretas, em todos os países capitalistas.

Por que Marx teria julgado necessário elaborar, para o Congresso de Genebra, um plano detalhado? Por que colocou no vértice do ângulo as reivindicações econômicas do proletariado? Ele mesmo o explica, em carta a Kugelmann, em 9 de outubro de 1866:

“Limitei, intencionalmente, o programa, aos pontos que **permitam aos proletários um acordo imediato e uma ação de conjunto**, e que correspondam às necessidades da luta de classes e à **organização dos proletários como classe**, estimulando-os.”

Eis Marx de novo como político e como tático. Procura obter a colaboração dos proletários para ações conjuntas, vendo nisso, justamente, a promessa “da organização dos proletários como classe”. Ei-lo, com especial relevo, como tático, que sabe qual a corrente a que se deve prender no momento dado e na situação concreta, para unificar as massas e conduzi-las à batalha. Nossos Partidos Comunistas e sindicatos revolucionários jamais devem esquecer, mas relembrar sempre, a brilhante arte tática de Marx.

O Congresso de Genebra da A. I. T. resolveu o seguinte:

“Declaramos que a limitação da jornada de trabalho é a condição prévia, sem a qual todas as demais aspirações de emancipação sofrerão inevitavelmente um fracasso. Propomos que a jornada de 8 horas seja reconhecida como limite da jornada de trabalho.”

A jornada de 8 horas, que mais tarde passou a ser a palavra de ordem de todo o proletariado internacional, foi lançada, justamente, no momento em que, em todos os países capitalistas, excetuando-se a Inglaterra, a jornada de trabalho era de 14 horas. Vemos, assim, que a I Internacional dava ordens inspiradas nas tendências gerais de progresso do movimento proletário, e não exclusivamente nas questões imediatas.

Queremos mencionar que nos Congressos da Internacional Comunista e da Internacional Sindical Vermelha, houve comunistas que manifestaram-se contra a jornada de 8 horas, baseando-se em que a jornada de trabalho, em alguns países e em algumas indústrias, alcançava realmente de nove a dez horas.

Marx atribuía grande importância à diminuição legal da jornada de trabalho e à legislação proletária. Lutava contra os bakuninistas, que tentavam demonstrar, através do boletim da Federação do Jura, a inutilidade da legislação proletária.

A que distância está o ponto de vista de Marx sobre a legislação proletária, da reclamação altissonante (Marx diria: “transcendental”) dos bakuninistas, sobre a inutilidade da mesma!

“A fixação de uma jornada de trabalho normal escreve Marx — é o resultado de uma guerra civil prolongada, mais ou menos encoberta, . entre a classe capitalista e a classe proletária. Para libertar-se da víbora que provoca os seus sofrimentos (Heine) os trabalhadores devem unificar-se como classe, e arrancar a lei que, poderosa barreira social, os impede de se venderem livremente ao capital, condenando-os, e a seus descendentes, à escravidão e à morte.” (O Capital).

A luta dos comunistas pelas reivindicações parciais, assim como o seu programa para depois da tomada do poder, serviu de pretexto aos anarquistas para acusarem Marx e os marxistas de “mentalidade burguesa” e de renúncia à revolução. Premeditadamente, confundiram os críticos de Marx com o próprio Marx, fazendo passar o revisionismo por marxismo. Os anarquistas colocavam, como ponto central do debate, a questão do Estado, e, sob este ponto de vista, julgavam e condenavam Marx e o marxismo. A este respeito, é característica a “crítica” feita pelo anarquista

Cherkesov, aos dez pontos do “Manifesto Comunista”, que o proletariado deverá aplicar (segundo Marx e Engels), após a revolução proletária, enquanto se transforma em classe dominante.

MARX E ENGELS

1) Expropriação da propriedade da terra, e utilização da renda fundamental, para as despesas do Estado.

3) Confisco dos bens dos emigrados e dos rebeldes.

8) Trabalho obrigatório para todos.

CHERKESOV

1) Toda a terra ao Estado! Na Turquia, a terra é propriedade do Estado, do Sultão, que cede parte dela aos fiéis.

3) Velha infâmia praticada por todos os déspotas e tiranos.

8) Coisa humilhante tomada dos jesuítas paraguaios.

Abstenho-me de citar as mais profundas observações “críticas” de Cherkesov, que procura demonstrar que o Manifesto Comunista não é mais que um plágio literário. Isto basta para compreender o grau de “revolucionarismo” dos expoentes do anarquismo russo, que consideram o confisco das propriedades dos emigrados e contrarrevolucionários como uma “infâmia”.

Para completar este quadro, é necessário assinalar que este mesmo Cherkesov lança raios e trovões contra as reivindicações parciais, procurando provar que reivindicações como a da jornada de 8 horas, a proibição do pagamento dos salários em mercadorias, o estabelecimento da responsabilidade do patrão pela perda completa, ou parcial, da capacidade de trabalho do proletário, etc., não são mais que legislação proletária do Estado burguês, sem nenhuma relação com o verdadeiro socialismo.

Esta diversidade de atitudes perante a luta pelas reivindicações imediatas, distingue o trabalho científico-prático de Marx, do de seus adversários proudhonianos e bakuninistas. Marx recopilava os materiais com enorme perseverança, e construía todas as suas conclusões sob a base sólida dos fatos. Estudava inicialmente as circunstâncias e os fatos, e somente depois disso é que tirava conclusões, ação que os teóricos anarco-sindicalistas ignoram completamente.

Marx atribuía grande importância à elucidação da situação da classe proletária. É o que podemos observar no questionário que preparou em 1880, para os proletários, publicado com sua introdução, na revista socialista de 2 de abril desse ano. Marx fundamenta essa necessidade da seguinte maneira:^[7]

“Nenhum governo, (monárquico ou republicano burguês), atreveu-se a empreender um inquérito sério sobre a situação da classe proletária francesa. Porém, quantos inquéritos sobre as crises agrícolas, -financeiras, industriais, comerciais, políticas!

As infâmias da exploração capitalista, reveladas pelo inquérito oficial do governo inglês; as consequências legislativas que estas revelações trouxeram (redução por lei da jornada a 10 horas, leis sobre o trabalho das mulheres e das crianças, etc.) obrigaram a burguesia francesa a temer ainda mais os perigos que poderia trazer um inquérito imparcial e sistemático.

Na esperança de podermos impedir o governo republicano de imitar o governo monárquico da Inglaterra, abrindo inquérito sobre os fatos e os defeitos graves e fatais da exploração capitalista, tentaremos, com os meios débeis de que dispomos, empreender um inquérito semelhante. Esperamos obter o apoio de todos os proletários das cidades e dos campos, que compreendam que somente eles podem descrever, com completo conhecimento de causa, os males que os esmagam {e não seus salvadores, redentores providenciais, podem aplicar os remédios, energicamente, aos males sociais de que padecem. Cremos também que todos os socialistas, todas as escolas, que almejam uma reforma social, devem desejar também um conhecimento preciso e positivo das condições em que trabalha e se agita a classe proletária, a classe a quem pertence o futuro.

Esse questionário sobre as condições de trabalho, deve ser a tarefa primordial da democracia socialista, para preparar a renovação social.”

O próprio inquérito é em si um documento minucioso, amplamente elaborado, que merece a mais cuidadosa atenção. Sua base repousa nas questões já apresentadas por Marx em 1865-66; porém, como pretendia demonstrar aos trabalhadores e aos próprios socialistas franceses, a ligação orgânica entre a política e a economia — que foi e continua sendo o ponto mais débil do movimento revolucionário na França, — ampliou consideravelmente o inquérito, introduzindo também uma série de perguntas, para esclarecer ainda mais o tema. As 100 perguntas do inquérito abrangem as fórmulas de salário, a proteção ao trabalho, ao nível de vida, a duração da jornada de trabalho, as formas de solução dos conflitos, a maneira por que o patrão exerce influência sobre os trabalhadores, a questão do auxílio mútuo, as formas de intervenção dos órgãos do Estado nas lutas entre o capital e o trabalho, as variedades e formas das sociedades de auxílio mútuo, voluntárias e obrigatórias, o número e caráter das sociedades de resistência, o caráter e a duração das greves, etc. ...

Para as tradições proudhonianas e blanquistas do movimento proletário na França, o inquérito foi de grande importância, porque expunha o problema da defesa legal do trabalho, da estreita relação existente entre a economia e a política. Uma investigação séria, embora só atingisse algumas dezenas de empresas, de acordo com o inquérito, traria uma preciosa documentação para concretizar a tática do movimento proletário da época; mas, foi publicado numa revista cuja tiragem não excedia de 25 mil exemplares. Finalmente, o inquérito foi esquecido.

Isto caracteriza o nível e a falta de vínculos políticos entre o movimento socialista francês daquela época e as massas. O fim que Marx se propunha na introdução do inquérito, não foi atingido. Porém, sem dúvida, esse inquérito representa um modelo de ligação da prática com a teoria, da economia com a política.

Marx acompanhava com extrema atenção o que se passava entre as massas operárias, e isso servia-lhe de meio para comprovar sua tática. F. R. Lessner escreve em suas memórias:

“Marx atribuía grande importância ao contato e às conversas com os proletários. Considerava sumamente importante prestar atenção à opinião do proletariado sobre o movimento.”⁽⁸⁾

Marx prestava atenção ao que diziam os trabalhadores, procurava saber o que pensavam e como reagiam ao meio ambiente. Compreendia que nem todas as suas obras eram acessíveis a um operário médio, porém sabia, também, que sua doutrina era a expressão consciente de um processo histórico inconsciente. Em suas relações com os proletários, estudava-se a si mesmo, e a força de seu gênio lhe permitia formular o que os trabalhadores sentiam instintivamente. Lutando pelas reivindicações parciais, Marx sabia o lugar que ocupavam na luta geral de classes do proletariado. A este propósito, disse no “Manifesto Comunista”:

“Os comunistas lutam em nome dos objetivos e dos interesses imediatos da classe proletária; defendem, porém, ao mesmo tempo, o futuro do movimento.”

Essa é a razão porque Marx sempre esteve ao par do movimento contemporâneo, e expôs sempre questões atuais.

⋮

⋮

Notas de rodapé:

- (1) Sidney e B. Webb: “A teoria e a prática do trade-unionismo inglês”, e Marx: “O Capital”, T. I.
(2) Marx: Salário preço e benefício.
(3) Krupskaja: — “Memórias”.
(4) A teoria e a prática do trade-unionismo inglês.
(5) Marx: “O Capital” T. I.

(6) KARL MARX: 1.º manifesto da A. I. T. “História da Seção Espanhola da Internacional” de J. J. Morato.

(7) O texto completo pode ser visto nos nºs. 2, 3 da “A Internacional Comunista de 1933”.

(8) F. LESSNER: “Recordações de um operário sobre Marx” e o livro “Marx como homem, pensador e revolucionário”.



Capítulo VIII

Marx e o Movimento Grevista

Lutando contra os que menosprezam, e, ao mesmo tempo, contra os que exageram o valor da luta econômica e sindicatos, Marx e Engels atribuíram grande importância às greves e à luta econômica do proletariado. Ambos consideravam as greves como uma arma possante na luta pelos objetivos imediatos e finais da classe proletária. O “Manifesto Comunista”, eterno e inalterável documento do comunismo mundial, explica de maneira clássica a transformação dos trabalhadores dispersos em uma classe, transformação que se realiza no transcurso duma áspera luta. O “Manifesto Comunista” pinta com cores vivas o nascimento da burguesia e de seu coveiro, a classe dos trabalhadores modernos, cuja vida é uma procura infrutífera de trabalho, embora este aumente o capital. Eis aqui o que encontramos nesse importantíssimo documento, com referência aos caminhos “da organização do proletariado em classe”:

“O proletariado passou por diversas etapas de evolução. Porém, sua luta contra a burguesia começou no mesmo dia em que nasceu.

O início da luta é travado por trabalhadores isolados. Em seguida, pelos operários de uma mesma fábrica. Finalmente, pelos trabalhadores de um mesmo ofício, de uma mesma localidade, cuja luta se trava contra a burguesia que os explora diretamente. Não se satisfazem em dirigir seus ataques contra o modo burguês de produção, dirigem-nos contra os próprios instrumentos de produção. Destroem as mercadorias estrangeiras, quebram as máquinas, incendiam as fábricas, esforçam-se por reconquistar a posição perdida do artesão da Idade Média.

Nesta ocasião, o proletariado forma uma massa dispersa pelo país, estraçalhada pela concorrência. Se, por vezes, os trabalhadores constituem-se em massas compactas, esta ação ainda não é consequência de sua própria unidade, mas da burguesia. Esta, pelos seus fins políticos, deve pôr em movimento o proletariado, para o que dispõe de poder suficiente. Durante esta fase, os proletários ainda não combatem seus próprios inimigos, mas os adversários de seus inimigos, isto é, os resíduos da monarquia absoluta, proprietários territoriais (latifundiários), burgueses não industriais, pequenos-burgueses. Todo o movimento histórico é, então, considerando as condições acima, concentrado nas mãos da burguesia. Toda vitória alcançada nestas condições é uma vitória burguesa.

A indústria em seu desenvolvimento não só aumenta o número de proletários como concentra-os em massas mais consideráveis. Os proletários aumentam em força e adquirem consciência dela. Os interesses, as condições de existência do proletariado, nivelam-se cada vez mais, à medida que a máquina anula toda diferença no trabalho, e reduz o salário quase em toda parte, a um nível igualmente inferior. Como resultado da crescente concorrência dos burgueses entre si, e das crises comerciais que ocasionam, os salários são cada vez mais flutuantes. O constante aperfeiçoamento da máquina

coloca o trabalho em situação precária. Os choques individuais, entre o proletariado e a burguesia, adquirem cada vez mais o caráter de colisões entre duas classes. Os proletários começam por coligar-se contra os burgueses, para a manutenção dos salários. Chegam até a formar associações permanentes, na previsão destas lutas circunstanciais. Aqui e ali, a resistência explode sob forma de sublevação.

Às vezes, os proletários triunfam, mas a sua vitória é efêmera. O verdadeiro resultado destas lutas não é só o êxito imediato e sim, principalmente, o aumento de solidariedade entre eles. Essa solidariedade é favorecida pelo crescimento dos meios de comunicação, que permitem o contato entre trabalhadores de localidades diversas. Este contato, que por todas as partes reveste o mesmo caráter, é suficiente para transformar as numerosas lutas locais em luta nacional, com direção centralizada, em luta de classes. Mas toda a luta de classes é uma luta política. E a união que os burgueses da Idade Média, apesar de seus caminhos vicinais, levaram séculos para estabelecer, os proletários modernos conseguem em alguns anos, pelas estradas de ferro.

Esta organização do proletariado em classe, e, portanto, em partido político, é incessantemente destruída pela concorrência que os proletários fazem entre si. Porém, renasce sempre, cada vez mais forte, mais firme, mais formidável!" ("Manifesto Comunista").

Em seu livro "A situação da classe proletária na Inglaterra", Engels atribui grande importância à luta ininterrupta que os trabalhadores ingleses travam pelo melhoramento de sua sorte. Considera as greves como escolas de guerra social, instrumento indispensável e obrigatório na luta pela emancipação da classe proletária. Engels estudou a situação e as lutas do proletariado inglês nas primeiras décadas do século XIX, quando a luta da classe proletária ainda tinha, em grau considerável, um caráter espontâneo. Era necessário um tacto revolucionário aperfeiçoado, para orientar-se nos acontecimentos que se desenvolviam, e apreciar o verdadeiro caráter do movimento grevista sob uma forma justa, visto que a "imperial ciência burguesa" perseguia furiosamente os trabalhadores. Eis aqui o que lemos em Engels a respeito:

"Na guerra, o dano causado por um beligerante é de per si uma vantagem para o outro, e, como os trabalhadores se encontram em estado de guerra com os fabricantes, fazem, neste caso, o mesmo que os grandes potentados, que se atacam mutuamente.

A multiplicação incrível das greves mostra claramente que a guerra social é muito violenta na Inglaterra. Estas greves se geralmente não passam de escaramuças, transformam-se, às vezes, em verdadeiras batalhas. Não decidem na da; porém, demonstram com indiscutível clareza, que o combate decisivo entre a burguesia e o proletariado se aproxima. **As greves são, para os trabalhadores, uma escola de guerra, que os prepara para a grande luta que se tornou inevitável.** As greves, enfim, são pronunciamentos de diversos ramos de trabalho, que anunciam sua adesão ao grande movimento proletário... **E, como escolas de guerra, dão resultados consideráveis.** Nestas greves, desenvolve-se o valor particular inglês... Se o operário, sabendo por experiência o que é a miséria, decide-se a afrontá-la audaciosamente com sua mulher e filhos, se durante meses passa fome e miséria, permanecendo firme e indomável, é porque não se trata de coisa insignificante. Que são a morte e os cárceres que ameaçam o revolucionário francês, em comparação à lenta agonia provocada pela fome; ao quadro diário da família faminta; à certeza de que a burguesia se vingará algum dia; enfim, em comparação ao que o trabalhador inglês está disposto a sofrer, antes que submeter-se ao jugo da classe exploradora? Os homens que suportam tanto, para vencer a um só burguês, serão capazes também de romper o poder de toda a burguesia!"⁽¹⁾

Como vemos, Engels repete, com insistência, que a greve é uma variedade da guerra social, que não há possibilidade de tirar das greves o caráter de escola de guerra. Luta contra a falta de confiança nas greves, contra o revolucionarismo verbal e o desprezo da luta econômica dos proletários. Afirma que, para a greve, é necessária imensa reserva de valor, abnegação, fidelidade e perseverança; e é precisamente nestas greves preliminares que se cria e se forja o exército do proletariado. Estas considerações de Engels coincidem com o ponto de vista de Marx. A grande importância atribuída por este ao movimento grevista, à organização da solidariedade entre os grevistas, à luta contra a importação de fura-greves de outros países, patenteiam-se nas atas do Conselho Geral da Associação Internacional de Trabalhadores. Estas atas, apesar de todo seu laconismo e concisão, projetam viva luz sobre a grande atenção que Marx e a I Internacional, por ele fundada, prestavam as greves e ao socorro aos grevistas. Eis alguns extratos das mesmas:

“25 de abril de 1865: — É lida uma carta dos operários gráficos de Leipzig, onde comunicam terem entrado em greve, manifestando esperança de obter auxílio dos gráficos de Londres. O Conselho Geral envia uma delegação composta por Fox, Marx e Kremer, para assistir a Assembleia da Sociedade dos Gráficos de Londres, e transmitir-lhes a carta de Leipzig.

9 de maio de 1865: — Fox comunica que a delegação assistiu a assembleia em questão; os gráficos declaram, porém, que não podiam contribuir com dinheiro durante o período de três meses, de modo que os esforços da delegação foram infrutíferos.

23 de maio de 1865: — É lida uma carta de Lyon, dirigida pelos trabalhadores das fábricas de tule, comunicando a ofensiva iniciada contra seus salários. Em 20 de junho de 1865, é lida a comunicação da Sociedade dos Tecelões de Lille, manifestando o desejo de aderir à Internacional. Em seguida, é lida uma carta de Lyon participando que os operários foram forçados a ceder, por falta de meios de subsistência. Em 30 de janeiro de 1866, trata-se do problema da câmara de arbitragem, em discussão na União de Londres. Em 27 de março de 1866 é anunciada a greve dos alfaiates de Londres, e o projeto para se importar fura-greves do continente. O Conselho Geral resolve avisar os países continentais com o fim de evitar a vinda de trabalhadores durante a luta. Em 4 de abril, um delegado dos operários da indústria de cobre agradece ao Conselho Geral seus esforços para impedir que os patrões obtivessem operários do continente, para substituírem os grevistas. Em 22 de maio, é lida uma carta de Genebra, comunicando o início da greve dos sapateiros, solicitando que se informe os operários de todos os países. É eleita uma comissão encarregada de entrevistar-se com o Departamento local dos ladrilheiros e marceneiros de Stradford, que prometeram aderir à Internacional, não só sob palavra, mas praticamente. Em 28 de julho, é lida uma carta dos tipógrafos duma oficina de impressão de Nova York, solicitando providências contra a importação de mão de obra. Na mesma ocasião, é lida uma carta dos tipógrafos e xilógrafos de Hildon, pedindo auxílio para sua greve. É lida também uma carta, comunicando o lock-out dos cesteiros. O secretário é encarregado de responder que não é possível auxiliarem financeiramente. Em 20 de outubro, é lida uma carta sobre a greve dos operários de lã e fiandeiros de Elbeuf, solicitando auxílio. Os fiandeiros insistem na organização de tarifas. Em 27 de janeiro de 1869, Marx torna conhecimento de uma carta recebida de Hannover, onde os mecânicos estão em greve, há seis semanas contra a prolongação da jornada de trabalho e a redução dos salários. Em 4 de janeiro de 1870, respondendo à solicitação feita pela direção do Partido social-democrata, pedindo auxílio para os mineiros em greve de Waldenburg, o secretário informa que “não há nenhuma possibilidade de auxílio de Londres.” Em 11 de janeiro de 1870, lê-se uma carta de Neville-Sur-Seine, solicitando auxílio para os grevistas das estamparias. O secretário é encarregado de comunicar-se com Manchester a respeito desta greve. Em 18 de abril de 1870, Varlin participa que estivera em Lille, onde fundou uma organização sindical, sob o controle da “A. I. T.” Na mesma data, Dupont relata as severas penas a que foram submetidos os mineiros, porque estiveram em greve. Marx é encarregado de dirigir um apelo a todas as organizações proletárias do continente e da América, solicitando-lhes auxílio para os grevistas. Em 20 de junho de 1870, é lida uma comunicação do sindicato dos mecânicos, resolvendo enviar dinheiro aos fundidores de Paris. O Conselho resolve que o secretário da União dos trabalhadores mecânicos leve o dinheiro a Paris, não só para que a importância citada chegue de fato às mãos dos interessados, como também para produzir “um bom efeito moral”.

Os extratos citados das atas do Conselho Geral atestam o lugar importante que as greves, a luta econômica contra os fura-greves, etc.... ocupavam nos trabalhos da A. I. T. Isto, aliás, não significa que o Conselho Geral se tenha ocupado exclusivamente destas questões; ele se interessou também por grandes questões políticas. Porém, a particularidade da I Internacional consistia precisamente — e isto, indubitavelmente, é um mérito de Marx — em dispensar, nas reuniões do Conselho Geral, grande atenção às questões da luta grevista, não fazendo a divisão artificial, entre política e economia: tanto uma como outra eram motivos de discussão. Tomavam-se decisões imediatas; frequentemente, o “doutor Marx” era encarregado de missões muito modestas, como a de assistir assembleias de sindicatos, redigir manifestos sobre determinada greve, ou escrever a este ou àquele país, incitando a iniciar a campanha contra a remessa de fura-greves, etc.... Com razão, Marx via nisto uma parte de sua atividade política geral.

Um exemplo da importância atribuída por Marx a estas questões, pode ser visto no caso seguinte: em 23 de abril de 1865, Marx escrevia a Engels:

“Eis o estado da Internacional: desde o meu regresso, a disciplina está completamente restabelecida. Além disso, a intervenção feliz da Internacional na greve dos alfaiates, por meio de cartas dos secretários das seções de França, Bélgica, etc.... produziu sensação entre as trade-unions locais.” (MARX E ENGELS: T. XXIV).

A intervenção da Internacional nas greves deu-lhe grande popularidade. Os operários de todos os países começaram a dirigir-se à Internacional, toda vez que tropeçavam com dificuldades. Em 27 de janeiro de 1867, Marx escreve alegremente a Engels:

“Nossa Internacional obteve grande êxito. Conseguimos o apoio financeiro das trade-unions inglesas, para os operários grevistas da indústria de bronze de Paris. Este fato pôs em alvoroço a imprensa francesa, e atualmente somos uma força reconhecida em França.”⁽²⁾

Em determinados meios patronais, começaram a difundir-se rumores fantásticos sobre a força e a potência da Associação Internacional de Trabalhadores. Marx dava muita importância ao auxílio material aos operários em luta contra o capital. No Congresso da Internacional, realizado em 1866, em Genebra, ele propôs a seguinte resolução:

“Uma das funções essenciais da Associação, aliás já cumprida em diversos casos com grande êxito, consiste na oposição às intrigas dos capitalistas, sempre dispostos a recorrer à mão de obra estrangeira, em caso de greve dos seus operários, para impedir o triunfo de suas reivindicações. Um dos objetivos principais da Associação é a fraternização dos proletários dos diversos países, que se devem considerar como parte unificada de um só exército emancipador.” (Resolução sobre o auxílio mútuo internacional, na luta do trabalho contra o capital.)

Em sua carta a Engels, em 18 de agosto de 1869, é novamente posta em relevo a excepcional importância atribuída às greves e aos atos de solidariedade com elas relacionados. Nesta carta, Marx expressa o seu júbilo pelo ato dos fundidores de Paris, devolvendo as 45 libras esterlinas, recebidas de empréstimo:

“Em Posen, conforme comunica Zabitsky, os operários poloneses (carpinteiros, etc.) terminaram vitoriosamente a greve; esta vitória é devida principalmente ao auxílio dos operários de Berlim. A luta contra o ‘senhor’ capital, ainda em sua forma modesta de greve, por fim aos prejuízos nacionalistas, de um modo muito diferente das declarações pacifistas dos senhores burgueses.”⁽³⁾

Possuímos alguns manifestos redigidos por Marx, por ordem do Conselho Geral, a respeito das greves daquele período. À pena de Marx deve-se, por exemplo, o apelo aos proletários da Europa e dos Estados Unidos, por ocasião do assassinato em massa dos grevistas perfuradores e mineiros de Searing e Frameries (Bélgica), no ano de 1869. Marx estigmatiza o “impulso irresistível” da cavalaria belga em Searing, e a “inflexível pujança” da infantaria em Frameries. Escreve que “as incríveis cargas são explicadas por alguns políticos com razões de alto patriotismo”; que “o capital belga é célebre por seu amor original ao que denomina liberdade de trabalho”. Ataca com sarcasmos os que acusam os membros da Internacional na Bélgica, “de pertencerem a uma Associação fundada com o fim de atentar contra a vida e a propriedade de pessoas particulares”, etc. A seguir, define os constitucionalistas belgas:

“Há um pequeno país no mundo civilizado, onde cada greve é ávida e alegremente tomada como pretexto para uma matança oficial da classe operária. Esta região, bendita entre todas, é a Bélgica, o Estado modelo do constitucionalismo continental; é este pequeno país bem abrigado, é este pequeno e agradável paraíso do proprietário, do capitalista e do cura. A terra não realiza com tanta segurança a rotação em torno do seu eixo, como o governo belga sua matança operária anual. A deste ano não difere muito da do ano passado. Se não é pelo número ainda mais elevado de suas vítimas, é pela ferocidade mais odiosa de um exército ridículo, pelas alegrias mais ruidosas da imprensa clerical e capitalista e pela grande rivalidade dos pretextos evocados pelos carniceiros do governo.”⁽⁴⁾

Este magnífico manifesto termina pedindo auxílio em favor das famílias dos grevistas, e “para cobrir os gastos da defesa dos proletários detidos e da investigação empreendida pelo Comité de Bruxelas.”

Este não é o único manifesto-circular escrito por Marx. Escreveu outro a respeito do lock-out dos pedreiros de Genebra, em 1870, convidando os proletários de todos os países “a prestarem auxílio moral e material aos proletários, em sua luta contra o despotismo capitalista”. Propõe que todos os trabalhadores impeçam o embarque e desembarque dos fura-greves, visto que “o problema proletário não é uma questão local ou temporal, mas uma questão da história mundial”. Comissionado pelo Conselho Geral, Marx redige o apelo dos alfaiates alemães em greve, em Londres, dirigido aos seus companheiros da Alemanha. Neste apelo, Marx, de passagem, define o contrato coletivo, determinando sua posição nas questões da luta econômica. O contrato proposto pelos patrões foi aceito pelos operários — escreve Marx — porém, este contrato, de 6 de abril, pode ser considerado como um armistício.”

O relatório que escreveu para o 4.º Congresso da Associação Internacional de Trabalhadores, celebrado em Basileia, em 1869, tem um interesse extraordinário, sob o ponto de vista das apreciações de Marx a respeito do movimento grevista:

“O relatório do Conselho Geral — escreve Marx — refere-se principalmente à luta de guerrilhas entre o **capital e o trabalho**. Referimo-nos às greves que, no decurso do último ano, agitaram o continente europeu, e aos rumores que

afirmam não serem estas greves provocadas pela miséria dos proletários, nem pelo despotismo dos capitalistas, mas sim por intrigas secretas da nossa Associação.”^[5]

A seguir, Marx refere-se às “revoltas econômicas dos operários de Basileia”, dos “tecelões da Normandia, que pela primeira vez, sublevaram-se contra a ofensiva do capital, apesar de não possuírem nenhuma organização. Com o concurso da Internacional de Trabalhadores, os operários de Londres prestaram auxílio a essa greve”. O fracasso dessa luta econômica — escreve Marx — foi amplamente compensado pelos seus grandes resultados morais. Envolveu os proletários algodoeiros da Normandia no exército revolucionário do trabalho, e impulsionou a criação de sindicatos em Ruão, Elbeuf, etc.... A aliança fraternal das classes trabalhadoras inglesa e francesa foi consolidada. E Marx acrescenta:

“Os tecelões de seda em Lyon, mulheres na sua maioria, ingressaram na arena da luta econômica. A necessidade obrigou-os a dirigirem-se à Internacional. Em Lyon, como sucedeu antes em Ruão, as mulheres representaram um generoso e saliente papel. Foram recrutados em algumas semanas cerca de 10.000 membros dessa heróica população, que inscreveu há 30 anos em sua bandeira a palavra de ordem do operário moderno: Viver trabalhando, ou morrer lutando.”

A seguir, Marx traça o quadro das lutas e perseguições sofridas pelos operários da Prússia, Hungria, Áustria, e cita o eloquente exemplo do Ministro do Interior da Hungria, Wenkheim, que, “saboreando um cigarro”, declarou à delegação proletária de Presbourg, que lhe fora pedir o levantamento da proibição para uma festa organizada em favor dos enfermos:

“São trabalhadores? Trabalham com zelo o mais não lhes diz respeito. Vocês não necessitam de associações; se se meterem em política, saberemos tomar as medidas necessárias. Não farei nada por vocês. Que os trabalhadores murmurem à vontade.”

Referindo-se à Inglaterra, Marx escreve que esta pode vangloriar-se da matança dos mineiros de Gales; acrescenta que “o tribunal composto de burgueses, encarregado de investigar essa questão e as condições em que os soldados abriram fogo contra os operários, reconheceu nessa matança um assassinato legal”.

O relatório do Congresso de Basileia reveste-se de enorme importância, porque Marx reuniu nele grande quantidade de fatos, não só sobre as greves daquele tempo, como também sobre as perseguições contra os membros da Associação Internacional de Trabalhadores,

A intervenção da I Internacional no movimento grevista provocou alarme entre a burguesia de todos os países. Os patrões de Genebra clamavam que “os membros locais da Internacional inundavam o cantão de Genebra, obedecendo a decretos enviados de Londres”. Na Basileia, os capitalistas “transformaram imediatamente sua hostilidade contra os proletários, em uma cruzada contra a Associação Internacional de Trabalhadores”. Enviaram um emissário especial a Londres, com a fantástica missão de descobrir a cifra exata do “Tesouro” da Internacional. “O juiz de instrução de Bruxelas acreditava que o tesouro estava oculto em algum lugar secreto. Precipitou-se sobre o cofre, abriu-o... e encontrou uns pedaços de carvão.” Seguramente — escreve Marx com ironia — quando a mão da polícia tocou no ouro puro da Internacional, este transformou-se instantaneamente em carvão.

A imprensa governamental da França, que se comprazia “tanto com falsas notícias, como pela interpretação falsa dos fatos”, anunciou que as greves eram provocadas por ordens secretas do Conselho Geral e de seus emissários, e dava a entender, em termos pouco equívocos, que a Internacional estava a serviço de um Estado estrangeiro, e que a greve era o resultado de sugestões de algum Maquiavel estrangeiro, que soube conquistar as simpatias desta onipotente Associação. Depois da Comuna e do célebre manifesto da Associação Internacional de Trabalhadores, esta campanha tornou-se ainda mais violenta. No relatório do Congresso de Haia, Marx cita dezenas de exemplos da rancorosa atitude contra a A. J. T. Júlio Favre, logo após o esmagamento da Comuna, dirigiu-se a todos os governos, propondo medidas comuns contra a Internacional. Bismarck e o Papa de Roma apressaram-se em dar resposta favorável, efetuando-se uma entrevista entre os imperadores da Áustria e da Alemanha em Salzburg, para determinar as medidas a serem tomadas contra a Associação Internacional de Trabalhadores.

“Porém — escreve Marx em seu relatório ao Congresso de Haia — todas as medidas repressivas que a inteligência governamental da Europa era capaz de inventar, empalideceram diante da campanha de calúnias que o mundo civilizado conduz contra a Internacional; as impudicas falsificações de documentos oficiais e cartas particulares, os telegramas sensacionais, etc., repetiram-se rapidamente. Foram abertas imediatamente todas as válvulas disponíveis da calúnia da imprensa mercenária burguesa, que expeliram um jato de vilezas destinadas a afogar o inimigo odiado. Esta guerra é a tal ponto internacional, tão completa a unanimidade com que é conduzida pelos diversos órgãos do partido das classes dominantes, que não encontram paralelo na história. Após o grande incêndio de Chicago, o telégrafo fez circular por toda

a terra que se tratava de um plano diabólico da Internacional. É estranho que não tivesse atribuído à sua autoria, o demoníaco ciclone que devastou as Antilhas.”^[6]

“Ordens de Londres”, “emissários secretos”, “montanhas de ouro”, falsificações de documentos, uma avalanche de calúnias! Como é atual tudo isto! E como esta mesma luta da burguesia internacional se reproduz, sob uma base mais ampla, contra a Internacional Comunista!

Aos clamores do capital internacional, de seus literatos pagos pela polícia política, e dos confidentes da literatura responde Marx:

“Não é a Internacional que impeliu os operários às greves. Ao contrário, são as greves que impeliram os operários à Internacional.”

Os proudhonianos e bakuninistas, como se sabe, eram contrários aos sindicatos e às greves. Porém, logo efetuaram uma viravolta completa, convertendo-se em fervorosos partidários dos sindicatos como a única forma de luta. Bakunin parte da ideia de que “as reivindicações econômicas são a essência e o objetivo da Internacional”, e “as caixas de resistência e as trade-unions, são o único meio de luta verdadeiramente eficaz, de que os proletários podem dispor atualmente contra a burguesia”.

Depois de se haver instalado sobre essa base absoluta (Bakunin pensava sempre no absoluto, não compreendia a dialética), Bakunin formula a seu modo a importância e o progresso do movimento grevista. Eis o que diz:

“A greve é o início da guerra social contra a burguesia, dentro dos limites da legalidade. As greves são um método valioso de luta, sob dois pontos de vista: — em primeiro lugar eletrizam as massas, temperam sua energia moral, despertam em seu coração a consciência do profundo antagonismo entre seus interesses e os da burguesia, apontando-lhes forma irrevogável e cada vez mais evidente, o abismo que os separa. Em segundo lugar, as greves contribuem muito para provocar e formar, entre os trabalhadores de todos os ofícios e de todos os países, a consciência e a realização mesma da solidariedade. Ação dupla, por um lado negativa, por outro positiva, que tende a constituir diretamente o novo mundo proletário, opondo-o, de forma quase absoluta, ao mundo burguês.

“Não há ninguém que ignore os sacrifícios e sofrimentos que cada greve custa aos trabalhadores. Porém, são necessárias; sem elas, seria impossível organizar as massas populares, despertando-as para a luta social. A greve é uma guerra; e as massas só se organizam no transcurso e por meio da guerra, que arranca o trabalhador do isolamento ordinário, absurdo e desesperante. A guerra une-o subitamente aos outros trabalhadores, em nome duma mesma paixão, dum só objetivo, e convence a todos, com a mesma evidência, da necessidade duma organização forte para alcançar a vitória. As massas populares excitadas são como o metal em fusão: **funde-se numa só massa compacta e molda-se com mais facilidade do que o metal frio, com a condição de existirem bons mestres para moldá-lo, de acordo com as propriedades e leis interiores do metal em questão, e obedecendo às necessidades** e aos instintos populares...”

“As greves despertam nas massas todos os instintos revolucionários, adormecidos no íntimo de cada trabalhador, constituindo, digamos assim, sua substância histórica social-filosófica; mas em tempo comum, sob o jugo da escravidão e do servilismo gerais, só são percebidos por um ou outro. Ao contrário, quando estes instintos suscitados pela luta econômica, despertam nas multidões trabalhadoras, a propaganda do pensamento social revolucionário torna-se extremamente fácil. Porque essa ideia é a mais pura, a mais fiel expressão dos intuitos populares.

“Toda greve é também valiosa, porque aumenta e aprofunda cada vez mais o abismo que separa, em toda parte, a classe burguesa das massas populares, provando aos produtores, de modo inconfundível, a absoluta incompatibilidade de seus interesses com os dos capitalistas e proprietários... Sim; não há melhor para subtrair os trabalhadores da influência política da burguesia!

“As greves são muito importantes! Criam, multiplicam, organizam e formam os exércitos do trabalho, que deve romper e vencer as forças do Estado burguês, e preparar um largo e livre caminho para um mundo novo!”^[7]

Se compararmos este lirismo, no qual há algo de verdadeiro, ao que Marx escreve no 1.º tomo de “O Capital”, veremos imediatamente a diferença entre o dialético e o metafísico. Marx escreve sobre greves **concretas**, cita dezenas de exemplos de lutas de trabalhadores, descreve sua influência sobre a jornada de trabalho, sobre os salários, sobre a legislação do trabalho, etc.... A Bakunin não interessa, porém, a legislação do trabalho, porque não vê relação entre as reivindicações parciais e o objetivo final; crê, simplesmente, que de cada greve pode surgir a revolução. A Marx interessam os limites da ação sindical. A Bakunin, não. Sua atitude em face das greves é igual à dos anarquistas, na questão do Estado, como disse Lenine, em seu “Estado e Revolução”. O que há de justo na concepção dos anarquistas sobre o Estado — objetivo final: a sociedade sem classes nem autoridade — foi tão obscurecido por uma

quantidade tal de divagações metafísicas, que a própria possibilidade de alcançar esta fase do desenvolvimento da humanidade foi afastada. O mesmo acontece à greve, a que atribuem qualidades miraculosas. Dizem tão convictamente **a greve salvadora**, que se torna difícil estabelecer seu caráter e limites, suas consequências e relações com as demais formas de luta.

Quais são os limites de ação dos sindicatos e das greves? Karl Marx elucida completamente este ponto, em sua discussão com Weston:

“Com efeito, os operários, abstração feita da escravidão inerente ao sistema de salariedade, não devem exagerar as consequências destas lutas quotidianas, **nem esquecer de que lutam contra os efeitos, e não contra as causas**. Devem lembrar-se de que se limitam a atrasar o movimento descendente, sem contudo mudar-lhe a direção; aplicam somente paliativos e não curam a enfermidade. **Portanto, não devem gastar exclusivamente suas energias nesta luta inevitável de guerrilhas**, cujas consequências são os ataques contínuos do capital, ou as variações do mercado.

Devem compreender que o sistema atual, com todas as suas misérias, produz ao mesmo tempo as condições materiais necessárias para a nova edificação econômica. Em vez da solução conservadora: — “um salário justo, por uma jornada justa de trabalho, devem inscrever em suas bandeiras, as palavras revolucionárias: — ‘Abolição do sistema do trabalho assalariado’”.⁽⁸⁾

Chegamos a um dos pontos de entroncamento da doutrina de Marx sobre as greves. Vimos já que Marx e Engels denominam as greves: “guerra civil”, “sublevações econômicas”, “verdadeira guerra civil”, “guerra de guerrilhas”, “escolas de guerra”, “escaramuças da vanguarda”, referindo-se a essa ação proletária, que põe em perigo o regime existente. Mais eis que Marx afirma ser a luta econômica uma luta contra os efeitos e não contra as causas; um paliativo, e não um remédio. Não haverá aqui uma contradição, ou uma renúncia às ideias originais? Não! Marx tinha a necessidade de lutar, no problema das greves, contra a direita e contra a esquerda. Naquela época, trade-unionistas ingleses eram dominados pela ideia da ineficácia das greves, para os proletários.

Consideramos — disse um dos dirigentes das trade-unions, perante a comissão real, em 1876 — que as greves constituem uma dissipação inútil de dinheiro, não só para os trabalhadores, mas também para os patrões.⁽⁹⁾

Marx combateu vigorosamente essas teorias burguesas, de que as greves são um gasto inaproveitado de dinheiro e de força, demonstrando sua grande importância, para a transformação do proletariado em classe. Mas por outro lado, começaram a difundir-se, no seio da Internacional, ideias anarco-sindicalistas, segundo as quais as greves econômicas **são o único meio de luta**. Por isso, Marx expôs de modo terminante, a necessidade de encaminhar as energias das massas para a luta contra as **causas** da exploração, por importante que fosse a luta contra os seus efeitos. Em carta a Bolte, citada anteriormente, Marx explica como, de isoladas reivindicações econômicas dos proletários, surge um movimento político de classe. Nessa ocasião, mais que em qualquer outra, a quantidade transforma-se rapidamente em qualidade. De toda a doutrina de Marx e Engels ressalta a grande importância política da greve econômica; porém, é necessário calcular precisamente o grau e o alcance dessa importância. Se a greve econômica reveste um caráter de explosão espontânea, nem por isso perde a importância política. “A espontaneidade é a forma original da consciência” (Lenine). A importância política da greve depende das proporções e do alcance do movimento. Se uma greve, apesar de apresentar amplas proporções, for encabeçada por chefes que, desde o início, limitem-na aos estreitos marcos corporativos, o seu filão político se enfraquece, esvazia-se o seu conteúdo fundamental, e não dará os resultados políticos esperados. Ao contrário, uma greve, que tem por ponto de partida reivindicações puramente econômicas, combinadas desde o início com a luta política, produz o maior efeito possível. Marx compreendia que a greve é uma arma séria em mãos do proletariado contra a burguesia, porque, tudo que ataca os capitalistas, ataca o sistema capitalista. Considerava, porém, importante assinalar que a luta econômica estritamente limitada “não pode desviar a direção do desenvolvimento capitalista”.

Desta ideia de Marx, — uma luta puramente econômica é uma luta contra o efeito e não contra a causa — tentou-se criar a teoria de que, antes da guerra, todas as lutas econômicas tinham um caráter defensivo, e só com o começo da atual crise geral do capitalismo, as greves passaram a ter um caráter ofensivo. Esta ideia é encontrada no interessante e documentado livro de Fritz David, “A bancarrota do reformismo”, que contém, apesar disso, afirmações errôneas. Esta classificação de greves econômicas em defensivas e ofensivas é falsa e politicamente prejudicial, porque não tem em conta a vida real, e a realidade nos mostra que mesmo antes da guerra, já havia greves ofensivas (luta pelo aumento dos salários, pela diminuição da jornada de trabalho), e, atualmente, temos ainda algumas greves defensivas. É erro classificar a ofensiva e defensiva da greve segundo o tempo, e não pela análise de cada movimento concreto, e da atitude do sindicato e dos trabalhadores para com o mesmo. Contra os efeitos do capitalismo, tanto se pode lutar com a defensiva como com a ofensiva.

A opinião de Marx está em relação com o que disse na “Miséria da Filosofia”: — “nesta luta — verdadeira guerra de guerrilhas — unificam-se e desenvolvem-se todos os elementos para uma guerra futura. Alcançado este nível, a coalisão adquire um caráter político”. Depois de citar esta passagem da “Miséria da Filosofia”, Lenine escreve:

“Temos ante nós o programa e a tática da luta econômica e do movimento sindical para várias décadas, para todo o largo período de preparação do proletariado para os combates futuros.”⁽¹⁰⁾

Partindo da subordinação da luta econômica à luta política da classe proletária, Marx concluía que a greve é uma das formas mais importantes e agudas da luta. Bakunin, partindo da negação da polícia, concluiu que a greve é a **única** forma de luta. Os discípulos de Bakunin desenvolveram o que ele esboçou, formando uma teoria e tática confusas, cujas consequências funestas repercutiram, e continuam repercutindo, especialmente no movimento proletário dos países latinos. Em Marx havia completa unidade entre a teoria e a prática. Para Bakunin e os bakuninistas a teoria e a prática, em todos os domínios, inclusive no movimento grevista, são independentes uma da outra. A esse respeito, é de muita eloquência e atualidade o folheto de Engels: “Os bakuninistas em ação”. Esta obra é consagrada à tática dos bakuninistas, na revolução espanhola de 1873. Com referência à palavra de ordem de “greve geral” dos bakuninistas, Engels escreve que já os cartistas pregavam, em 1839, o “mês sagrado”, isto é, a greve do proletariado de toda a Inglaterra. Analisando, passo a passo, esta tática bakunística, Engels conclui:

1. Os bakuninistas recorreram em Barcelona à greve geral, para evitar, com essa manobra, que explodisse a insurreição.
2. Em lugar de destruir o Estado, tentaram criar uma quantidade de pequenos Estados.
3. Os bakuninistas recusaram o princípio de que os trabalhadores não devem participar de nenhuma revolução, cujo objetivo não seja a imediata e completa emancipação da classe proletária.
4. Renegaram o dogma que afirmava ser o governo revolucionário uma nova traição, ao participarem dos Comitês governamentais de diversas cidades.
5. Opondo-se, por palavras, à política, apoiavam, de fato, com sua atividade, um partido burguês, que explorava politicamente os proletários, dando-lhes por acréscimo, pontapés.

As conclusões de Engels são:

“Em resumo os bakuninistas, na Espanha, nos deram um exemplo incomparável de como não se deve fazer uma revolução.”⁽¹¹⁾

O que Engels escreveu em 1874, repetiu-se em escala, mais ampla na revolução de 1931-32. O bakuninismo prejudica e deforma o desenvolvimento da revolução na Espanha.

O exemplo da teoria política e tática de Marx e Bakunin, demonstra que a tática grevista não é independente do princípio geral. Isto significa que os marxistas revolucionários têm sua tática grevista, que se diferencia muito da tática grevista dos anarquistas e reformistas.

As lutas econômicas e políticas que se verificam nos países capitalistas, reproduziram e iluminaram com nova luz as principais divergências do passado, em circunstâncias novas. A vida e a luta ratificaram a certeza da tese marxista, sobre os vínculos orgânicos e o estreito entrelaçamento da luta econômica e política da classe proletária.

A vida demonstrou que, os que não ligam a luta pelas reivindicações parciais, com o objetivo final, e vice-versa, desviam, quer queiram quer não, a luta emancipadora da classe proletária, e fazem o jogo da burguesia.

:

:

Notas de rodapé:

(1) MARX E ENGELS: T. III. pág. 504-507. Sublinhado pelo autor A. L.

(2) MARX E ENGELS: T. XXIV

(3) MARX E ENGELS: T. XXIV

(4) O manifesto foi editado pelo Conselho Geral, sob o título "As matanças da Bélgica". Veja-se a "Internacional Comunista", N.º 7 (1933).

(5) "Internacional Comunista", N.ºs 7 e 8 (1933).

(6) Internacional Comunista. N.ºs 7-8. 1933.

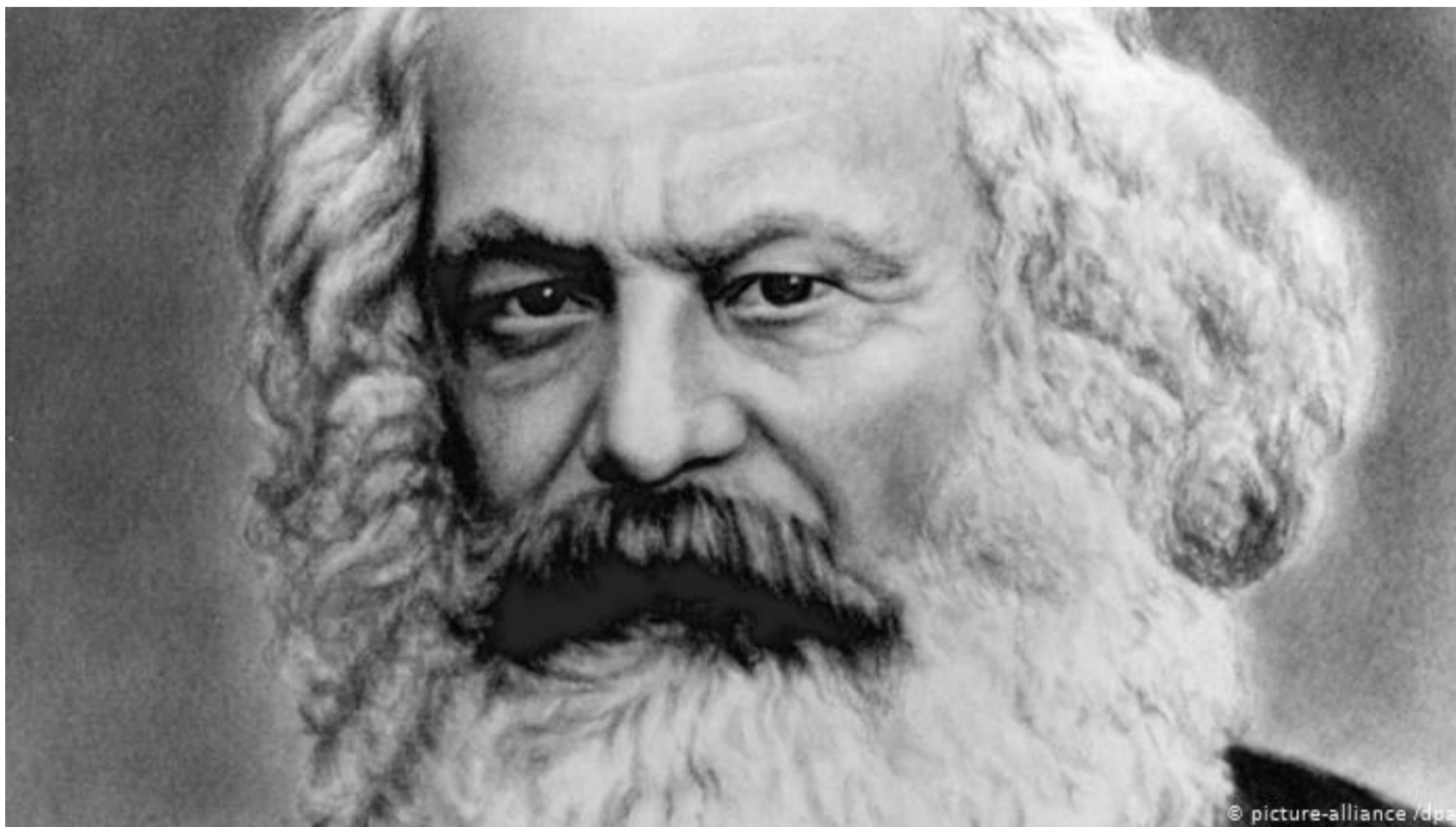
(7) BAKUNIN: Sindicato universal.

(8) MARX: "Salário, preço e benefício".

(9) Gustavo Jaeck: — "A Internacional".

(10) LÊNINE: "Karl Marx".

(11) ENGELS: "Bakuninismo e comunismo". — "Os bakuninistas em ação".



Capítulo IX

Os Pseudo-Marxistas e os Críticos Sindicais de Marx

“Qual a diferença essencial entre o Marxismo e as teorias pré-marxistas e pseudo-marxistas? Qual a linha divisória principal entre o marxismo e o pseudo-marxismo? Essa linha de demarcação, foi definida por Lenine, em seu célebre trabalho: “O Estado e a Revolução”, onde declara:

“É marxista unicamente aquele que torna extensivo o reconhecimento da luta de classes à ditadura do proletariado. Nisto consiste a profunda diferença entre o marxista e o pequeno burguês (e o grande) vulgar. Esta é a pedra de toque, para comprovar se a concepção e o reconhecimento do marxismo são realmente efetivos.”

Se considerarmos sob este ponto de vista os críticos de Marx, no terreno sindical, comprovaremos que foi precisamente a ditadura do proletariado a pedra de toque de todos os inimigos francos e mascarados do marxismo revolucionário. Isso não significa que tenham procurado refutar seriamente, com fatos nas mãos, a pedra angular da doutrina de Marx. Não! Os críticos sindicais de Marx começaram por evitar essa questão, abandonando-a para os “políticos puros”. Eduardo Berenstein, autêntico pai espiritual do social-fascismo, esclareceu e formulou as ideias que se agitavam nas cabeças de muitos elementos sindicalistas. Já em 1899, Berenstein publicou sua obra. “Premissas do Socialismo”, que, com toda a justiça, deve ser denominada a “Bíblia” da social-democracia contemporânea. Nesse trabalho de Berenstein, encontramos a democracia econômica, sua passagem ao socialismo mediante reformas sociais, a democratização da indústria por meio dos sindicatos, etc. Berenstein sentiu-se apoiado pelos sindicatos, quando publicou seu livro. Os dirigentes sindicais que se afastavam cada vez mais de Marx, tomaram alento, e, aproveitando-se do pretexto, reconheceram abertamente em Berenstein seu chefe e seu ideólogo. Antes desta obra de Berenstein, os pseudo-marxistas sindicais dissimulavam suas desavenças com Marx. Porém, após a publicação deste livro, “criticar” a Marx passou a ser uma prova de bom tom, entre os líderes dos sindicatos alemães. Os dirigentes sindicais não se ocupavam geralmente da teoria, reformavam as doutrinas de Marx, continuamente, desfiguravam-nas na prática, e invertiam os conceitos fundamentais sobre o papel dos sindicatos, no Estado capitalista. Se considerarmos, sob este ponto de vista histórico, os conceitos antimarxistas dos dirigentes sindicais, veremos que eram estas as suas diretrizes:

1. A teoria da luta de classe é “em geral” justa; perde, porém, a sua significação à medida que crescem os sindicatos e se instaura a democracia.

2. A revolução é um conceito caduco, correspondente aos graus inferiores do desenvolvimento social. O Estado democrático exclui a revolução e a luta revolucionária.
3. A democracia assegura à classe proletária a passagem pacífica do capitalismo ao socialismo; por conseguinte, a ditadura do proletariado não está, nem pode estar, na ordem do dia.
4. A teoria do pauperismo foi lógica em seu tempo; atualmente está deslocada.
5. Na época de Marx, era justo, talvez, o papel dirigente do Partido, nos sindicatos. Atualmente, porém, só a neutralidade em face dos partidos e da política pode assegurar o desenvolvimento normal do movimento sindical.
6. Na época de Marx, talvez houvesse necessidade de considerar as greves como uma das armas mais importantes de luta; atualmente, porém, os sindicatos cresceram, etc., etc..

De maneira que tudo se reduz a dizer que o marxismo envelheceu, e que é necessário revê-lo, corrigi-lo, completá-lo. A correção era feita pela social-democracia e pelos sindicatos, estabelecendo-se entre eles uma divisão de trabalho. Antes da guerra, tudo isso era feito sob a justificativa de “enriquecer e desenvolver o marxismo, baseando-se na própria teoria de Marx.”

O movimento sindical alemão e austríaco era considerado como de orientação puramente marxista. Explorou, durante largos anos, o nome de Marx, e fez dele o mesmo que a social-democracia alemã. Lenine o diz eloquentemente:

“As doutrinas de Marx têm hoje a mesma sorte que coube, na história, às de outros pensadores revolucionários e caudilhos do movimento libertador das classes oprimidas. Os grandes revolucionários sofrem durante a vida constantes perseguições por parte das classes opressoras. Suas doutrinas provocam rancor, ódios furiosos e ataques ininterruptos, onde desempenham papel principal a falsidade e a calúnia. Tentam, após sua morte, convertê-lo em mansos cordeiros, canonizando-os, por assim dizer, cercando de glória seus nomes, para ‘consolar’ os oprimidos e enganá-los. Mas, na verdade, o fim colimado é modificar a finalidade das armas revolucionárias, desnaturando a essência real das teorias. É, justamente, o que vemos hoje no marxismo, cuja adulteração é feita pelos burgueses e oportunistas do movimento proletário. Truncam, alteram, deformam o aspecto revolucionário da doutrina — sua alma revolucionária — para pôr unicamente em relevo o que é, ou parece aceitável à burguesia.

Em nossos dias, todos os sociais-patriotas são marxistas, e não o tomeis por chalaça! Não há como ver e ouvir esses professores da burguesia alemã, que tanto se distinguiram por seus esforços, para pulverizar o marxismo. E como falam, de Marx “nacional” e germânico, do Marx que, segundo eles, educou os sindicatos proletários tão magnificamente organizados, para uma guerra de rapina.”⁽¹⁾

Os dirigentes sindicais da Alemanha não poupavam palavras para glorificar Marx, ao mesmo tempo que toda a teoria e prática do movimento sindical alemão eram diametralmente opostas à teoria e prática marxistas. À proporção que o capitalismo alemão se fortalecia, sua influência estendia-se com maior rapidez sobre novos mercados, verificando-se a aproximação ideológica entre os capitalistas alemães e a alta direção do movimento sindical. Basta mencionar a atuação dos sindicatos alemães, manifestando-se, em 1905, contra a greve de 1.º de maio, contra as greves políticas, e, em geral, as manifestações dos mesmos sindicatos, durante anos, contra todas as tentativas de luta concreta contra a guerra. Basta recordar as tendências imperialistas, que antes da guerra já surgiam abertamente, tanto no partido social-democrata como nos sindicatos. Isso é insuficiente para concluir que o marxismo serviu apenas de rótulo, para os sindicatos reformistas da Alemanha. Marx escrevia em 1848, que “os proletários não têm pátria, não se lhes pode privar de uma coisa que não têm”. Mas os “marxistas” germânicos fizeram sua pátria da Alemanha imperialista e, pela vitória desta, transformaram-se em fornecedores de carne de canhão para o front.

Marx falou e escreveu sobre a luta de classes. Consagrou sua vida à luta, para converter a classe proletária em uma classe independente, para arrancá-la das garras da burguesia.

“Os sindicatos — escreve o apologista do movimento sindical reformista alemão — Nestripke — devem exigir a participação de operários e empregados na admissão e dispensa de trabalhadores da empresa respectiva, porém, devem cuidar ao mesmo tempo, mediante normas adequadas, da educação e da influência moral sobre cada trabalhador em particular, e sobre todos os trabalhadores em geral, para que o seu estado econômico não depereça, em consequência do abuso desse direito por parte dos operários, evitando prejuízos aos seus interesses vitais.”⁽²⁾

Desta maneira, os sindicatos transformam-se em guardiães da mais-valia capitalista, sobre pretexto de “participar na direção econômica e técnica das empresas.”

Toda doutrina de Marx sobre a luta de classes e sindicatos, órgãos de luta contra o capital, foi substituída pela teoria da democracia econômica e da igualdade entre o trabalho e o capital, com a respectiva conservação, em mãos capitalistas, da propriedade privada sobre os meios de produção. Se a classe proletária “participa” da organização da economia nacional, tem interesse em conservá-la e defendê-la das forças destruidoras!... E foi assim que os sindicatos reformistas transformaram-se em cúmplices da burguesia no aniquilamento do movimento revolucionário, de todos os que se levantam contra o domínio do capital.

Enquanto Marx fixou a questão da ditadura do proletariado, os “marxistas” alemães demonstraram, há muitos anos, que a ditadura do proletariado é uma invenção de Moscou. A única forma de Estado aceitável para os sindicatos, é a democracia burguesa. Enquanto Marx demonstrou ser o Estado um aparelhamento de opressão de uma classe sobre outra, os “marxistas” austro-germânicos, que chefiavam os sindicatos desses países, demonstravam que o Estado democrático está acima das classes, sendo o único árbitro legítimo nos conflitos entre o trabalho e o capital.

Marx provou que, para o proletariado obter algo da burguesia, deve sustentar uma batalha incansável, desenvolver todas as formas de luta, e, sobretudo, as greves. Os “marxistas” alemães consideram essa teoria envelhecida, julgavam que “as greves presentes são sempre arriscadas”, que “as greves tornam-se tanto mais perigosas, (para quem? A. L.), em um país onde a indústria moderna está desenvolvida, com grandes empresas e organizações patronais”; que “os sindicatos profissionais, (isto é, os burocratas sindicais. A. L.), vivendo de acordo com a economia moderna, sentem muito menos desejos de luta”; que “a luta econômica, nas condições de uma economia desenvolvida, baseia-se em negociações, na arte de sondar e de esperar”; por fim, esta última pérola tomada do arsenal tático de Legiens: “quanto mais prudente na apresentação das suas reivindicações; quanto mais insiste em sua realização; quanto menos aplica o último recurso, a greve, tanto mais facilmente obterá, com a marcha do tempo, êxitos sem luta.”⁽³⁾

Conclusão: a razão não estava com Marx, quando afirmava que a classe proletária nada obteria sem luta. Nestripke, acompanhado pelos dirigentes dos sindicatos alemães, refuta tudo isso. Essa gente, como vemos, alcança vitórias sem luta. O conhecido escritor militar Clausewitz escreveu “é impossível substituir a batalha por algum equivalente”. Porém os dirigentes sindicais alemães conseguiram inventar **o meio de alcançar êxito** (para quem? A. L.) sem luta. Quem duvidar desta eficácia milagrosa, desta tática (o êxito sem luta), pode dirigir-se à história da Alemanha, e verá que 14 anos de “êxitos” conduziram a Hitler.

Ainda alguns exemplos sobre a degradação desses “marxistas”. No Congresso dos sindicatos alemães de Hamburgo (1918), o relator oficial Naphtali declarou, solenemente, que “o movimento sindical conseguiu opor-se a uma das tendências decisivas do capitalismo e vencê-la, a tendência ao pauperismo... e que “a elevação da classe proletária é um fato”. O teórico da Central Sindical da Alemanha, Tarnov, disse:

“Somos políticos realistas... Nisso nos diferenciamos da velha concepção que predominava no movimento proletário. Essa concepção não pode prevalecer mais, porque a opinião de outros tempos, apesar de justa, sobre as tendências do capitalismo, transformou-se numa ideologia petrificada (!). As antigas concepções (referindo-se a Marx), tendiam, no fundo, à renúncia à luta. Nós oferecemos à massa trabalhadora um ponto de vista mais otimista.”

Na verdade, Tarnov é “melhor” ainda que Nestripke. A antiga concepção de Marx dizia: “Luta, e obterás o teu”. A nova concepção, diz: “Não lutes; espera e alcançarás muito mais”; finalmente, para fechar com chave de ouro mais uma citação de Tarnov, tirada de seu livro “Para Que Ser Pobre?”;

“A pobreza não é uma necessidade econômica. É uma enfermidade social, cuja possibilidade de cura ainda está indubitavelmente dentro dos marcos da economia capitalista.”

Efetivamente, para que ser pobre, quando se pode passar ao campo da burguesia e acomodar-se no banquete? O livro de Tarnov e seu conteúdo fazem recordar as propagandas americanas, “para que ter calos?”, onde se explica aos respeitáveis leitores tratar-se de doença curável por 50 centavos, “dentro dos marcos do regime capitalista”. Teóricos “calistas”, como Tarnov, formigam na Central Sindical Alemã reformista. Solucionaram satisfatoriamente, para eles, a questão da pobreza...

Circula nos meios burocráticos sindicais reformistas da Alemanha, uma anedota relatada pelo professor Eric Nelting, recebida entre gargalhadas pelos assistentes do Congresso dos trabalhadores de madeira da Alemanha:

“O economista sueco Swen Hollander veio certa vez à Alemanha com intenção de visitar, em Treves, a casa onde nasceu Karl Marx. Com grande assombro seu, ninguém soube informar-lhe onde se encontrava a casa. Vagando pelas ruas, viu um edifício que ostentava uma bandeira rubra, e pensou que, seguramente, esta deveria ser a casa onde nasceu Marx. Sua suspeita foi confirmada por uma inscrição, que dizia: “Casa dos sindicatos de Treves.” Quando entrou, um dos

empregados explicou-lhe que Marx não havia nascido ali: aquela era a Casa dos sindicatos. **A casa onde Marx nasceu é demasiado pequena para os sindicatos**; porém está localizada na vizinhança.”

Depois de contar esta “interessante” anedota, o professor Nelting comentou-a da seguinte maneira:

“Esta anedota caracteriza magistralmente a estreita **vizinhança** em que ainda hoje se encontram os sindicatos, em face da doutrina de Marx. Por outro lado, a anedota demonstra que os sindicatos viram-se na necessidade de **adiantar-se** a Marx. Entre o capitalismo e o socialismo, há uma etapa transitória, que, a meu juízo, se caracteriza por três fases: sob o ponto de vista político, **governos de coalisão**; sob o ponto de vista jurídico, **direito proletário**; sob o ponto de vista econômico, **democracia fabril e econômica**... Os sindicatos supõem, logicamente, em todos os seus atos, que o capitalismo possui tabiques elásticos, e que, nas condições do capitalismo, oculta-se a possibilidade de um melhoramento e de uma ascensão substanciais.”⁽⁴⁾

Agora o quadro está completo. Conseguiram “adiantar-se” a Marx. A casa de Marx já é demasiadamente reduzida para os burocratas sindicais alemães. E que verdade! A casa de Etinnes, este grande aproveitador da guerra e da especulação, é muito ampla. Não foi em vão que Etinnes deu a um de seus bancos o nome de Carlos Legien, dirigente por muitos anos do movimento sindical alemão. As casas de Hindenburg, de Bruing, de Hitler, são mais vastas. O presidente da C. G. T. alemã, Leipart, gostaria de introduzir-se entre os lacaios dessas suntuosas mansões. A casa do presidente da União de Fabricantes alemães, Borsig, é muito maior. Não foi por casualidade que o senhor Leipart enviara um telegrama de pêsames à União industrial, pela morte daquele “generoso” senhor. Se tudo isso é “marxismo”, que nome então, deve-se dar à desfaçatez e à cínica traição? Como explicar esta completa renúncia aos princípios elementares do movimento proletário? Pelo temor às massas e à revolução.

Essa “massafobia”, esse temor às massas por parte dos burocratas sindicais alemães, assume um relevo especial depois da ascensão de Hitler ao poder.

A massa dos sindicatos inquieta-se, e exige a frente única com os comunistas. E que faz a central sindical alemã que ainda agrupa milhões de operários? Em 20 de fevereiro de 1933, a C. G. T. alemã dirige-se a Hindenburg, com uma carta onde os “líderes operários” suplicam ao marechal que intervenha em defesa dos trabalhadores. Nela, lemos estas lamúrias:

Dirigimo-nos a vós, presidente do Estado Alemão, por serdes o salvador da Constituição.

Dirige-se a vós uma organização alemã, que conta em suas fileiras milhões de antigos combatentes do front. Se estes milhões de homens, entre os quais há partidários de diferentes partidos políticos, derramaram seu sangue durante a guerra mundial, não foi com o fim de tolerar que, 15 anos depois, os órgãos responsáveis do Estado alemão declarem que eles não são forças positivas do mesmo. Ninguém na Alemanha de hoje pode afirmar que os combatentes da guerra, e suas organizações, são alemães destituídos de seus direitos, nem tratá-los desta maneira. Esperamos que vós, sr. presidente, chefe militar durante a guerra mundial, contesteis energicamente a injúria atirada a milhões de velhos combatentes.

Esta lacrimosa súplica constitui o documento mais sedicioso até agora publicado, mesmo pelos sindicatos alemães. Além de tudo, queixar-se ante Hindenburg contra Hitler, é queixar-se do demônio a Lúcifer. Aliás, essa invocação aos méritos militares e patrióticos, usada como argumento de defesa contra os ataques fascistas, produz lamentável impressão. Foi assim que os “chefes marxistas” dos sindicatos da Alemanha decaíram de capitulação em capitulação, até ajoelharem-se aos pés do marechal Hindenburg!

Referindo-se ao partido dos progressistas de seu tempo, disse Lassalle: “seu grande princípio essencial é: **antes o despotismo que uma baixa revolução.**”⁽⁵⁾ Este “grande e essencial princípio” é precisamente a linha de conduta dos “marxistas” da II Internacional, e da Internacional Sindical de Amsterdam.

Quando os “marxistas” austro-alemães, viciando as doutrinas de Marx, passaram do método do trabalho de sapa, ao ataque descarado, vestindo ainda por tradição a roupagem marxista, o anarquismo e o anarco-sindicalismo mantinham guerra aberta contra Marx e sua doutrina. Os anarquistas e os anarco-sindicalistas consideram o procedimento oportunista dos socialistas franceses, alemães, etc, uma consequência de suas concepções marxistas. O oportunismo e o revisionismo apresentam-se às massas como marxismo. Esta crítica “da esquerda” e a amarga experiência da política oportunista dos partidos socialistas dos países latinos, (França, Espanha), despertaram numa parte do proletariado, a desconfiança no marxismo em geral. Entre os críticos do marxismo, havia um grupo francês que tentou “depurar” Marx, para coroá-lo como teórico do movimento anarco-sindicalista. Tentativas para combinar as doutrinas de Marx com o anarco-sindicalismo, foram feitas por Lagardelle, Sorel, Berthe, Arturo Labriola, de Leone, etc.. O mais talentoso deles, George Sorel, declara em seu livro “A decomposição do marxismo”, que aceita “o marxismo de Marx”, porém renega seus comentadores

tipo Berenstein, etc.. Eis uma atitude que poderia ser aprovada, se ao lado da crítica a Berenstein, justa, embora insuficiente, Sorel não tivesse feito de Marx um Proudhon estilizado. Eis o que escreve Sorel:

“Do marxismo, dever-se-ia dizer que é a ‘filosofia dos braços’ e não filosofia do cérebro. Porque Marx só considera este objetivo: convencer a classe proletária de que todo seu futuro depende da luta de classes, atraí-la ao caminho onde esta se acha, organizando-se para a luta, meios de viver sem patrões. Por outro lado, o marxismo não deve confundir-se com os partidos políticos, por revolucionários que sejam. Porque estes vêm-se obrigados a funcionar como partidos burgueses, modificando sua fisionomia, de acordo com as circunstâncias relacionadas com as campanhas eleitorais, e assumindo, em caso de necessidade, compromissos com outros grupos, que têm clientela eleitoral semelhante, enquanto o marxismo permanece invariavelmente ligado à concepção de uma revolução absoluta.

Há alguns anos, podia-se pensar que o tempo do marxismo havia passado, e que esta, como muitas outras doutrinas filosóficas, devia ocupar um lugar na necrópole dos deuses mortos. Somente um acidente histórico podia restituir-lhe a vida. Necessitava-se, para isso, de uma organização do proletariado, com intenções puramente revolucionárias, isto é, separando-se completamente da burguesia... Mas resulta que os doutores do marxismo desorientaram-se em face duma organização baseada no princípio da luta de classes, compreendida no sentido estrito da palavra (trata-se dos sindicatos A. L.).

Para sair das dificuldades, lançaram-se com indignação contra a nova ofensiva do anarquismo, porque numerosos anarquistas, seguindo o conselho de Pelloutier, ingressaram nos sindicatos e nas bolsas de Trabalho.

A nova escola não pretendia formar um novo partido, que viesse disputar aos demais sua clientela operária. Sua ambição era outra; pretendia compreender a natureza do movimento, que parecia ininteligível para todo mundo. Procedeu de modo radicalmente diferente de Berenstein.

Afastou, pouco a pouco, todas as fórmulas emanadas, tanto do utopismo como do blanquismo, depurando assim o marxismo tradicional de tudo que não era especificamente marxista e procurou guardar somente o que constituía, em sua opinião, a essência fundamental da doutrina. E assim foi assegurada a glória de Marx.

A catástrofe que servia de pedra de escândalo aos socialistas desejosos de combinar o marxismo com a prática dos homens políticos da democracia, encontra-se em perfeita concordância com a greve geral, que, para os sindicalistas revolucionários, representa a aproximação do mundo futuro.”^[6]

Eis tudo o que se pode encontrar nessa crítica de “esquerda”. É certo que não há confundir-se marxismo com parlamentarismo, e que o marxismo liga o futuro à luta de classes. Porém, é triplamente falso que “o ingresso de anarquistas nos sindicatos”, e a “criação duma teoria e prática anarco-sindicalistas” contribuam para a glória de Marx. É falso que a teoria da catástrofe, defendida por Marx, e a greve geral anarquista, sejam a mesma coisa.

Marx fala da luta pelo poder, da implantação da ditadura do proletariado, ao passo que os anarquistas e anarco-sindicalistas têm confundido até hoje, consciente ou inconscientemente, a teoria revolucionária de Marx com seus falsificadores. O que para Sorel significa a decomposição do marxismo, é a decomposição dos críticos de Marx. As tentativas de Sorel, para injetar no marxismo o sangue anarco-sindicalista, não deram resultado.

O neomarxismo resultou numa sopa eclética. Tudo isso, porque Sorel e discípulos não compreenderam o principal ensinamento de Marx: a ditadura do proletariado. Qual era o laço de união entre o sindicalismo e o marxismo revolucionário? — O protesto contra o cretinismo parlamentar, contra a colaboração com a burguesia. Quais as conclusões tiradas pelo sindicalismo revolucionário deste fato? Atribuir todo o mal ao Estado e às eleições parlamentares. E o resultado foi: renunciar à participação nas eleições parlamentares, rechaçar toda a ditadura e o problema ficará resolvido! Quais as conclusões tiradas pelo marxismo revolucionário? O marxismo considerava indispensável aproveitar o parlamento e as eleições parlamentares, destruir, à maneira revolucionária, bolchevista, o estado burguês, implantar o período transitório da ditadura do proletariado.

Ao repudiar a política, Sorel negava a necessidade do partido político do proletariado, chegava à tese fundamental do anarco-sindicalismo; o sindicato basta para tudo. Ao regar o Estado e a necessidade da ditadura do proletariado, Sorel repudiava a insurreição armada e a substituía pela “greve de braços cruzados”. Como não compreende a marcha e as tendências do desenvolvimento do capitalismo, Sorel cria a teoria do “mito social”, nega a necessidade da violência, preenchendo assim a lacuna que havia em sua concepção.

Seus companheiros de armas e discípulos pregavam ideias vulgares, reformistas, encobrindo-as com frases de esquerda. “A revolução — escreve Arturo Labriola — surge do seio do processo econômico, **de transformações consecutivas.**” Lagardelle procura substituir “o direito capitalista” por um novo direito, dentro dos limites do sistema capitalista, e Eduardo Berthe vê, tanto em Proudhon como em Marx, “os precursores teóricos do sindicalismo revolucionário”.

Já vimos em detalhes como Marx “combinava” seus conceitos como os de Proudhon. A síntese da filosofia proletária de Marx e as teorias pequeno-burguesas de Proudhon, não podiam deixar de conduzir a uma confusão teórica e falsa orientação política. E é isso, justamente, o que vemos no anarco-sindicalismo francês de pré-guerra. O anarco-sindicalismo, que adotou uma brilhante roupagem de “terrível esquerdismo” durante a guerra imperialista, ao ajustar seu passo às internacionais socialistas e sindicais, passou a seguir o carro do imperialismo.

Assim ficou provada a comunhão ideológica e política dos reformadores direitistas e esquerdistas de Marx. Não é o anarco-sindicalismo, tão orgulhoso do seu espírito revolucionário, mas sim o bolchevismo “surgido da base granítica do marxismo” (Lenine), que salvou a honra do movimento revolucionário.

A história nos deu a possibilidade de verificar o marxismo revolucionário (U. R. S. S.), o reformismo (Alemanha) e o anarco-sindicalismo (Espanha), na experiência da revolução. Temos aqui três revoluções, em que é possível, **baseados na experiência**, demonstrar a justeza da sua teoria e política. Sabemos que a U. R. S. S. levou a cabo, vitoriosamente, o 1.º plano quinquenal, graças à consequente realização do programa bolchevista revolucionário e marxista. Sabemos que os catorze anos de política social democrata, conduziram o proletariado alemão a penúrias inauditas, ao domínio sangrento do garrote fascista, à ofensiva furiosa contra a classe proletária. Finalmente, não ignoramos que os anarco-sindicalistas de Espanha, que estavam à frente de grande massa do proletariado espanhol, conduzem essa classe de derrota em derrota; sabemos que parte dos anarco-sindicalistas apoia abertamente a república burguesa, enquanto a outra desperdiça com sua política as forças dos proletários, nega-se a preparar as massas para a tomada do poder, seguindo o mesmo caminho dos Soviets, facilitando assim à burguesia espanhola o esmagamento sangrento do movimento operário e camponês. Tais são os fatos inexoráveis e irrefutáveis. Que valem pois, neste caso, as lamentações antimarxistas do órgão central da C. N. T. anarco-sindicalista de Espanha, “Solidariedad Obrera”? Eis o que lemos nesse jornal:

“**A social democracia, chamada atualmente social-fascismo** por seu filhos comunistas, é um produto específico do marxismo. O comunismo, queira ou não, é filho legítimo do social-fascismo.

São tão iguais, que, onde os sociais-democratas aplicam a fraseologia revolucionária, como na Áustria, o comunismo não pode existir por lhe faltar a base: sua fraseologia”.^[2]

Que engenhosos! Os sociais-democratas são marxistas, os comunistas são marxistas. Por consequência, comunistas e sociais-democratas são a mesma coisa. Este arrazoamento recorda a famosa fórmula “matemática”: “o semi- morto é igual ao semivivo; por conseguinte, o morto é igual ao vivo”. Não, cidadão Orobón! Não conseguirás nem na Espanha, meter num saco só, os que se encontram em diversas partes da barricada. Não conseguirás confundir num só bloco os marxistas revolucionários e os reformistas, que se combatem mutuamente com armas na mão. Prova, pois, não com charlatanismo, mas com fatos, de que és capaz de vencer a burguesia. Afirma que a ditadura do proletariado não faz mais que criar outra oligarquia. Teu companheiro Chelso admira-se, no mesmo periódico, de que nossos irmãos se baseiam, em sua luta emancipadora, na baixa e artificial ideologia, representada pelo marxismo dogmático e anacrônico, e Máximo Libert fala no mesmo jornal, aos proprietários espanhóis, da influência do “imperialismo vermelho”, criado sob o fogo do “sedicioso revolucionarismo bolchevista”. E acrescenta que “não há diferença notória entre a concepção cesarista do rei (Luís XIV), e o jacobismo governamental do ditador soviética (Lenine) ”.

Que dizer a propósito dessa declaração contra os bolchevistas? Somente isto: os anarquistas não vêm diferença entre a ditadura que fuzila os latifundiários e os capitalistas e a ditadura que assassina os trabalhadores. Já que os anarco-sindicalistas escolheram como alvo de seus ataques a Internacional Comunista e a Internacional Sindical Vermelha na questão da ditadura do proletariado, ou, como escreve o mesmo Libert, da “ditadura de quartel”, tornemos a repetir a pergunta: por que os anarco-sindicalistas, pretensos revolucionários, não conseguiram acertar até agora um só golpe sério na burguesia espanhola, apesar do heroísmo admirável, da abnegação sem limites e da combatividade modelar do proletariado espanhol?

Pode-se declamar dia e noite contra o marxismo; esses discursos não serão convincentes. **Sabemos a causa da atitude anarco-sindicalista e conseguiremos propalá-la a todos os trabalhadores espanhóis.**

Como é possível vencer a burguesia, se os componentes do órgão central da C. N. T. expressam, por exemplo, pensamentos “tão profundos” como estes?:

“As frações do socialismo governamental, como atualmente na Rússia, querem consolidar o poder político, para depois destruí-lo, segundo afirmam. O anarquismo, pelo contrário, destrói e dissolve esse poder, apesar dos neo-revolucionários, que bebem ensinamentos de filosofia nas universidades moscovitas. Sem tal precedente, é impossível a verdadeira revolução social. Entre a revolução concebida pelos partidos (isto é, o Partido Comunista) e a desejada pela C. N. T., há um abismo. Nossa revolução pertence ao presente; a revolução do socialismo autoritário estatal pertence ao passado. Com a revolução russa, encerrou-se o ciclo de revoluções partidárias.”⁽⁸⁾

Se a revolução do tipo da de outubro é a última, qual prometem então os anarco-sindicalistas da Espanha ao proletariado internacional? Creem, por acaso, que o proletariado alemão, para combater Hitler, deve aprender, não dos bolchevistas, que esmagaram a burguesia, mas dos anarquistas, que conduzem o proletariado de derrota em derrota? Deve o proletariado seguir os preceitos da “Comuna” de Paris, criando um novo tipo de Estado e atuar como os bolchevistas, desde 1817, até 1933, ou tomar o exemplo dos bakuninistas de 1873 e dos anarco-sindicalistas dos anos 1931-1933? Por que suporão os anarquistas que os trabalhadores dos países capitalistas não de preferir a derrota à vitória? É certo que há um abismo entre opiniões deste gênero e o comunismo; porém, em troca, esse abismo não existe entre os proletários anarquistas e o comunismo. Os chefes anarquistas convencem-se disto na prática, ao sentirem que dia a dia desaparece sua influência sobre as massas proletárias, que os seguiam.

Resta-nos examinar o ataque unificado dos reformistas e anarco-sindicalistas de todos os matizes, contra o papel dirigente do partido no movimento sindical. Examinaremos também seus esforços aproveitando para isso o nome de Marx. Já há 60 anos, que os anarco-sindicalistas e reformistas afirmam que Marx foi partidário da neutralidade dos sindicatos. Como pretexto, evocam a pretensa entrevista de Marx com o operário metalúrgico de Hanover, Hammann, publicada em 1869:

“Se os sindicatos quiserem atingir seus objetivos, jamais se devem pôr em conexão com associação política, ou fazerem-se dependentes dela. Não agir deste modo, significa vibrar-lhes golpe mortal. Os sindicatos são a escola do socialismo. Nos sindicatos, os trabalhadores educar-se-ão como socialistas, porque aí assistem diariamente, de maneira palpável, à luta contra o capital. Os partidos políticos, sem exceção, seja como for, entusiasmam a massa proletária, embora temporariamente. Os sindicatos, porém, unem, permanentemente, a massa dos trabalhadores. Só eles estão em condições de representar o verdadeiro partido de classe, opondo legítimo baluarte ao poder do capital. A grande massa dos trabalhadores convenceu-se de que sua situação material deve ser melhorada, seja qual for o partido a que pertençam. O trabalhador só pode educar os filhos, quando sua situação é melhorada. Neste caso, as esposas e filhos não necessitam mais de sepultar-se nas fábricas; o próprio trabalhador poderá educar melhor o espírito e cuidar mais de seu corpo. Chegará a ser socialista, sem suspeitá-lo...”⁽⁹⁾

Esta entrevista foi manifestamente “retocada” por Hammann, porque contém uma série de afirmações contrárias ao que Marx escreveu e disse, durante sua vida.

Marx não pertence ao número de homens que podem escrever uma coisa e dizer outra. Ele não poderia ter dito que todos os partidos políticos “sem exceção”, atraem, passageiramente, os proletários. Que se passou, portanto? Evidentemente, Hammann, interessado na “independência” dos sindicatos, “retocou” o texto, suprimindo as palavras que indicam expressamente que essa afirmativa se refere aos partidos burgueses, dando-lhe, assim, um significado diferente.

Deste modo, converteu Marx em “partidário da independência.” Para certificar-se de que as coisas se passaram dessa maneira, basta considerar a forma por que fez a pergunta:

“Minha primeira pergunta ao Dr. Marx — declara — foi a seguinte:

Devem os sindicatos depender preferentemente de uma organização política, para serem viáveis?

Esse modo de apresentar a questão demonstra qual a resposta que Hammann queria obter. E isto nos permite afirmar ter ele próprio “retocada” a entrevista, dando-lhe assim a forma e o conteúdo desejado. Porém, é estranho que um partido bolchevista, como o Partido Comunista Alemão, incluisse esta entrevista num apêndice às edições populares dos trabalhos fundamentais de Marx, **sem acompanhá-la de comentários sérios, capazes de liquidar a questão.**

O camarada Stalin escreve:

“A teoria oportunista da ‘independência’ e da ‘neutralidade’ das organizações sem partido, que produz parlamentares **independentes** e publicistas **desligados do partido**, dirigentes sindicais de **estreita visão**, e cooperativistas **aburguesados**, é absolutamente incompatível com a teoria e a prática do Leninismo.”⁽¹⁰⁾

Esta é a posição do marxismo revolucionário com referência à “independência” do movimento sindical. Os reformistas e os partidários da independência sindical de todos os países agarram-se a textos adulterados, para impedir a penetração do bolchevismo nas massas dos proletários organizados e desorganizados.

Todos os práticos e teóricos do movimento sindical reformista e anarco-sindicalista, demonstram que, “segundo Marx”, devem ser independentes do socialismo, isto é, deixar-se ficar na dependência do capitalismo. Ao citar esta entrevista de Marx, Hermann Müller declara, vitoriosamente:

“Marx pronunciou-se pela rígida neutralidade dos sindicatos”⁽¹¹⁾. Basta esta identidade de opiniões entre os anarco-reformistas e todos os inimigos do marxismo revolucionário, para obrigar-nos a aguçar os ouvidos e verificar atentamente o que foi “retocado” nessa entrevista. Entretanto, o marxismo é demasiadamente sólido, para ser dividido com tais alterações.

Essa tentativa, como as demais sofreu completa derrota.

O que permite ver até onde esta afirmação adulterada foi tomada a sério, é o fato desse homem tão eminente como Daniel de León, invocando Marx, desenvolver sua teoria da supremacia da organização econômica sobre a organização política. De León diz que, dessas palavras de Marx, resulta:

“1) O verdadeiro partido político do proletariado deve introduzir, no campo político, os sãos princípios da organização econômica revolucionária, **da qual ele é uma emanção.**

2) O ato revolucionário do desmoronamento final do capitalismo e da implantação do socialismo, **é uma função destinada à organização econômica.**

3) A força física necessária para o ato revolucionário, depende da organização econômica.

4) O elemento de força não é a organização militar, nem outra que suponha violência, e sim **a estrutura da organização econômica.**

5) **A organização econômica** não é “provisória”, mas representa o embrião do governo provisório da república do trabalho...⁽¹²⁾

Daniel de León afirma que todas essas conclusões surgem da entrevista de Marx com Hamman. Mesmo no caso de Marx ter dito e escrito o que lhe atribui Hamman, não se poderia afirmar o que deduziu de León. O chefe mais revolucionário e eminente do socialismo americano do pré-guerra, Daniel de León, não conseguiu, apesar de todas as suas capacidades oratórias, literárias e políticas, formar partido e encabeçar o movimento de massas. Por quê? Porque ocupou uma posição não marxista, não obstante considerar-se verdadeiro marxista. Daniel de León viu claramente toda a corrupção e podridão da Federação Americana de Trabalho. Pertence-lhe a expressão “proletários oficiais da classe capitalista”. Foi ele quem declarou, já em 1896, que a “Federação Americana de Trabalho é um barco que jamais serviu para a navegação no mar, e atualmente se encontra encalhado num banco de areia, em mãos duma quadrilha de piratas”. Ele quem declarou, em fins do século XIX, que os líderes da F. A. T. não são a ala direita do movimento proletário, e sim a ala esquerda da burguesia. No entanto, ao lado das altas qualidades derevolucionário De León não deixou de ser o chefe duma seita.

A causa disso é a desfiguração do marxismo, apesar de subjetivamente querer aplicá-lo. É a falsa orientação na questão fundamental das relações entre o partido, os sindicatos e a classe.

Uma curiosa variedade de mistura do marxismo com o sindicalismo sectário é representada pelo **unionismo marxista** (Marxist Industrial Unions) da Inglaterra. Os “unionistas marxistas” consideravam as trade-unions condenadas a desaparecer, e o único caminho de salvação era a criação de um novo movimento sindical, sob a forma de uma grande União única, segundo o tipo dos Operários Industriais do Mundo, nos Estados Unidos. Durante a guerra e depois da Revolução de Outubro, apareceram também tendências semimarxistas e semi-sindicalistas, entre os trade-unionistas, que expressavam suas simpatias pelos bolchevistas; porém, consideravam, apesar de tudo, que “o essencial é a organização e a luta econômica”.

O unionismo marxista converteu-se em unionismo industrial, no seio do qual nasceram duas escolas. Uma delas acreditava que “a luta política é necessária para sacudir, (!) pouco a pouco, o regime capitalista”. Outro grupo considerava que “a classe proletária deve livrar-se completamente, da luta política e concentrar todas as forças no emprego exclusivo da luta econômica”. Ambas as escolas, declara-nos G. Coll, **erguem suas doutrinas sobre a teoria econômica de Marx, e, sobretudo, sobre a concepção materialista da História.**

Qual é, pois, o resultado da combinação do marxismo, assim mutilado, com o anarco-sindicalismo? Georges Coll afirma:

“O número de partidários conscientes de ambas as facções (do unionismo marxista e do socialismo) constituem unicamente uma ínfima minoria da massa geral dos proletários trade-unionistas.”⁽¹³⁾

Como as magnitudes infinitesimais são do domínio da matemática e não da história, não nos deteremos nesta variedade de “marxistas”.

Os tristes teóricos de todos os matizes quiseram utilizar Marx contra a I. C. e a I. S. V. “Reviam”, “depenavam”, diluíam o marxismo em água reformista e de metafísica anarquista; porém, em vão. O marxismo é refratário às misturas e ligas alheias à sua natureza.

Durante toda a vida de Marx, dezenas e centenas de homens procuraram refutá-lo e aniquilá-lo; porém, estes exercícios universitários viviam apenas o espaço de um dia. Após cada “refutação”, Marx e o marxismo elevavam-se mais ainda. Já se passaram mais de cinquenta anos, desde a morte de Marx, e nem um só ano se passou sem que alguém tentasse “refutá-lo”. Porém, Marx ergue-se como uma rocha inamovível, enquanto todos os seus negadores submergem-se no esquecimento.

A questão de saber quem é o verdadeiro continuador e herdeiro da grande causa de Marx, não se resolve com palavras, mas com fatos. Se tivéssemos acreditado nas palavras, teríamos de reconhecer como marxistas a todos os que substituíram a luta de classes — base fundamental dos ensinamentos de Marx — pela colaboração de classes. Deveríamos reconhecer como marxistas os senhores Kautski, Stein, Renner, Spier, Dan, Crispian, Kampfmeyer e demais consortes, porque publicaram uma antologia, “Marx pensador e lutador”, por ocasião do cinquentenário de sua morte. Esta antologia, que possui de marxista somente o título, é um magnífico exemplo de transformação do marxismo vivo, combativo, e sempre atual, em uma escolástica morta.

O marxismo não é um dogma, é um guia para a ação. Com ações revolucionárias contra o capital é que se determinam as tarefas e táticas dos sindicatos. Mas, se a luta de classes foi substituída pela colaboração de classes, se a democracia burguesa se contrapõe à ditadura do proletariado, se o fascismo “é um mal menor” do que o comunismo, os sindicatos terão suas tarefas correspondentes. Porém, se no vértice do ângulo é colocada a luta de classes, e a implantação da ditadura do proletariado, as tarefas dos sindicatos serão outras. Onde encontra o marxismo? Na Internacional de Amsterdam, cujos chefes conferenciam na Liga das Nações, ou na Internacional Sindical Vermelha, da qual milhares e milhares de membros gemem nos cárceres capitalistas? Quem é, enfim, o continuador da obra de Marx? É o reformismo internacional convertido em curandeiro do capitalismo, à procura dos meios para a salvação do regime capitalista moribundo, ou o comunismo perseguido, acossado, que, fatalmente, vencerá a todos? É por isso que temos o direito de dizer aos engraxates da burguesia e a todos os lacaios do capital monopolista: “Fora de Marx e do marxismo, vossas patas nojentas!”

Notas de rodapé:

(1) Lenine; “O Estado e a Revolução”.

(2) Ziegfried Nestripke: “O movimento sindical”, T. 1.

(3) Ver Nestripke, tomo I.

(4) Todas estas citações são tomadas do livro de F. David: “A bancarrota do reformismo”.

(5) Franz Mehring: A história da social-democracia alemã.

(6) G. Sorel: “A decomposição do marxismo”.

(7) “Solidariedad Obrera”, 2 de março de 1932. O autor do artigo, Orobón Fernández, é um dos dirigentes da Federação Anarquista

(8) “Solidariedad Obrera”, 16 de novembro de 1932.

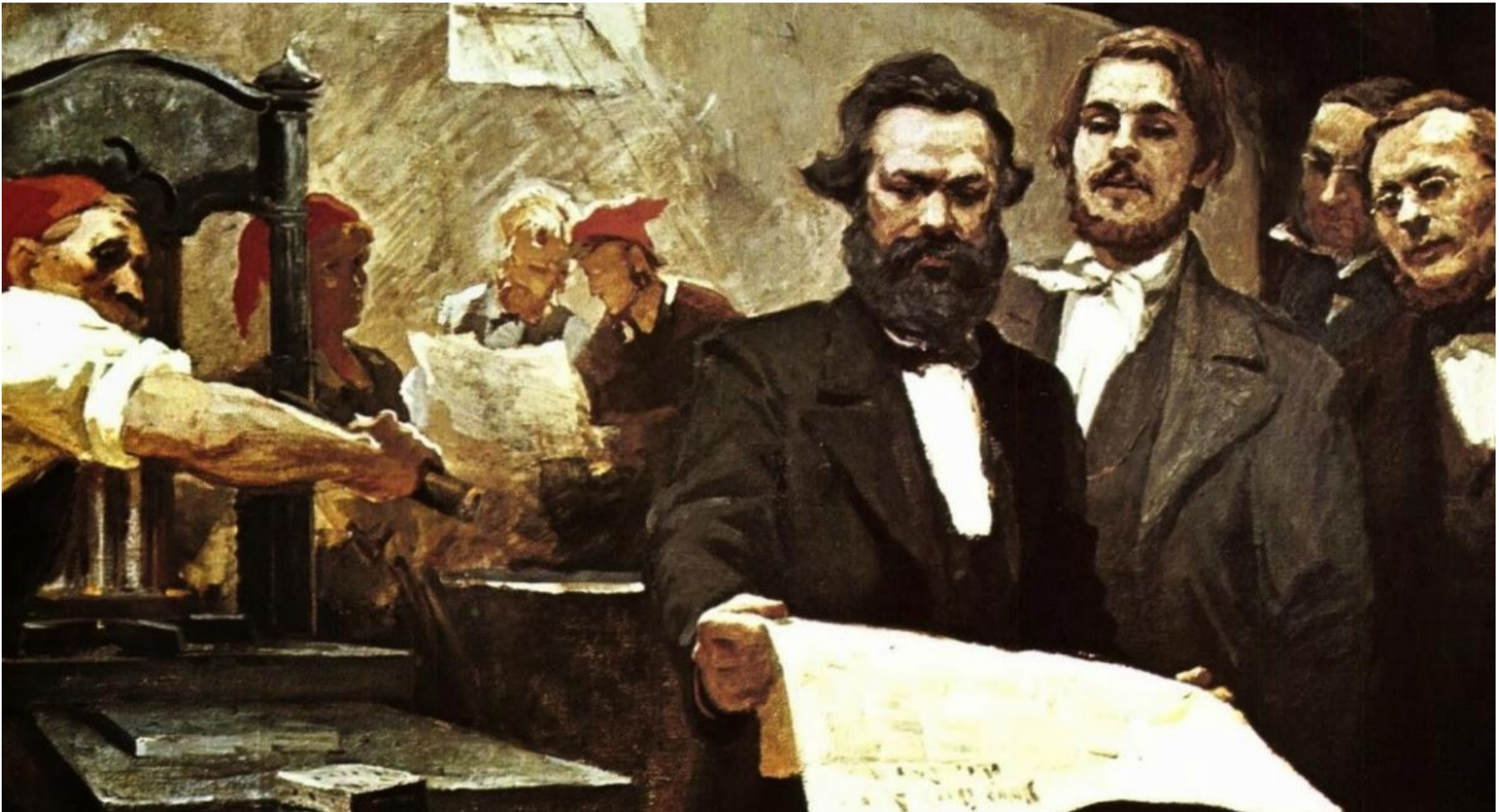
(9) “Salário, preço e benefício”.

(10) “Fundamentos do Leninismo”, Stalin.

(11) Herman Müller — K. Marx and Sewerkschaften, 1931, p. 73.

(12) Daniel de León: “Obras seletas”.

(13) G. Coll: “Introdução ao trade-unionismo”, ed. 1924, p. 140/2.



Capítulo X

Marx, Organizador da Classe Proletária

A ideia clássica acerca do homem de ciência era a de um ser colocado à margem da vida. Folheia livros, documentos históricos, procura inspiração em seu próprio espírito, dispõe de um modo estranho seus pensamentos, independentemente da vida prosaica, e cria sistemas, que corrigem os defeitos da natureza. Este alheamento da vida deveria demonstrar a imparcialidade e neutralidade de classe da ciência e de seus sacerdotes.

Com seu trabalho científico e político, Marx destruiu o conceito da imparcialidade de classe da ciência e dos sábios. Em primeiro lugar, Marx demonstrou que essas elevações do espírito, entrincheiradas em elevados termos científicos, não refletem apenas uma relação social determinada, mas também os interesses de determinada classe. Em segundo lugar, provou ser a renúncia à luta um jogo político, proveitoso para os opressores e desvantajoso para os oprimidos.

Marx foi um sábio no melhor e mais amplo sentido da palavra. Não escreveu uma só linha, sem meditar primeiramente, sem examinar dezenas de vezes o texto escrito. Porém, era de opinião que a ciência deve servir à luta, e não ser um instrumento para dela desviar as massas. Considerava que a ciência deve afastar os obstáculos ideológicos e políticos, que atravancam o caminho da emancipação da classe proletária. Marx compreendeu muito bem o significado histórico de seus trabalhos científicos; porém, era, sobretudo, um revolucionário". (Engels). Compreendia que a ciência, sem ação revolucionária, é um objeto morto. Ele que descobrira a missão histórica da classe proletária, que havia elevado a consciência e a fé desta classe em si mesma, considerou de imperiosa necessidade auxiliá-la concretamente, explicar-lhe a teoria, ajudá-la a organizar-se. Não desprezava, por isso, nenhum trabalho de organização, por menor, simples, pequeno e ordinário que fosse, quando se tratava de unificar as forças da classe proletária e servir aos interesses do socialismo.

Em 1846, Marx organiza um "comité de correspondência comunista", e dirige-se por cartas aos socialistas eminentes da época, convidando-os a participar do comité, na esperança de criar um centro unificador.

"O objetivo principal de nossa correspondência será, portanto, pôr em contato os socialistas alemães, franceses e ingleses; pôr os estrangeiros ao corrente dos movimentos socialistas da Alemanha, e informar aos alemães, em seu país, do progressos do socialismo na França e Inglaterra. Desta forma, as divergências de opinião poderão ser esclarecidas, e

chegar-se-á a um intercâmbio de ideias, a uma crítica imparcial. Eis um progresso do movimento socialista em sua expressão literária, a fim de desembaraçar-se dos limites da nacionalidade.”⁽¹⁾

Vemos que o Comitê tinha por fim o intercâmbio de informações; porém, de fato, tratava-se de algo mais importante. O intercâmbio de informações, no nível em que se encontrava o movimento socialista na primeira metade do século XIX, significava, também, determinada influência do socialismo avançado sobre o socialismo mais atrasado. A luta contra a mesquinhez nacional, era o propósito de Marx, era a significação política do “comitê de correspondência comunista”.

Em 1845-46, Marx realiza conferências para os proletários da Bélgica. Em 1847, põe-se à frente da Liga Comunista, e, encarregado por ela, redige com Engels o famoso “Manifesto Comunista”, que ainda hoje é a Carta Magna do comunismo internacional. A Liga Comunista cresceu e adquiriu influência rapidamente.

Porém, a derrota da revolução de 1849 debilitou-a sensivelmente. Marx dispendeu enormes esforços para conservar e reforçar a organização, e em uma série de documentos de ordem política e de organização, estabelece diretrizes a todas as organizações de base. A respeito, são muito importantes as cartas circulares do Comitê Central da Liga Comunista às suas organizações. Nelas, encontramos, não só uma apreciação da situação e das circunstâncias existentes, como também uma série de conselhos de organização e indicações táticas.

A primeira mensagem do Comitê Central à Liga Comunista, em março de 1850, comprova que “as antigas organizações da Liga tornaram-se mais débeis”. A mensagem, após comparar a situação entre o partido proletário e o partido democrático da pequena-burguesia, chega à conclusão de que “enquanto o partido da pequena-burguesia ampliava suas organizações, o partido proletário perdia o único apoio sólido”. Esta primeira mensagem determina também a posição do partido proletário, em face da democracia pequeno-burguesa.

“O partido proletário marcha com a democracia pequeno-burguesa, contra qualquer facção, cuja queda ambas almejam; o partido proletário coloca-se contra a democracia pequeno-burguesa, em todos os casos em que esta pretenda consolidar-se.”⁽²⁾

Esta negra tática, partindo das fronteiras da primeira metade do século XIX, determina, para um tempo assaz longo, a atitude do marxismo revolucionário em face dos partidos pequeno-burgueses. Essa tática se explica pelo seguinte:

“Enquanto os pequenos burgueses democráticos querem terminar quanto antes a revolução, nosso interesse e nossa missão é fazer com que a revolução seja permanente. Para nós, não se trata apenas da mudança da propriedade privada, mas de sua abolição. Não de dissimular as contradições de classe, e sim aniquilar as classes, não do melhoramento da sociedade existente e sim da criação de uma nova sociedade.”⁽³⁾

Que devem, pois, fazer os trabalhadores quando começar a revolução? Que reivindicações devem apresentar, e que medidas de organização adotar, com o fim de encaminhar os acontecimentos, de acordo com seus interesses?

Antes de tudo, os revolucionários “não se devem opor aos supostos excessos, às manifestações da vingança popular, e sim tomar-lhes a direção.” Ao lado das reivindicações da democracia burguesa, os proletários devem apresentar as próprias reivindicações. “Exigir garantias e obrigar os novos governantes a fazer todas as concessões e promessas, este é o meio mais simples de comprometê-los.”

“Ao lado dos novos governos oficiais — escreve Marx — devem criar seus próprios governos proletários revolucionários, sob a forma de órgãos diretores das comunas, conselhos comunais Ou sob a forma de clubes, ou comitês proletários. Deste modo, farão com que os governos burgueses-democráticos percam imediatamente o apoio dos trabalhadores, ficando desde o início sob a vigilância e ameaça de um poder postado atrás de si, a massa proletária. Em uma palavra, desde o primeiro momento da vitória, a desconfiança deve ser encaminhada, não contra o partido reacionário vencido, mas contra seus aliados, contra o partido que se aproveitar egoisticamente da vitória comum”. (Marx e Engels, T. VIII — pag. 485).

Esta brilhante definição da tática do Partido proletário na revolução, foi posta em prática e provada pela experiência da revolução russa, onde a dualidade do poder serviu de ponto de partida e de alavanca para a organização das massas, e para a derrocada do poder dos partidos burgueses e pequeno-burgueses.

Mais adiante, declara a mensagem que, se os acontecimentos revolucionários se desenvolvem, torna-se necessário empreender a criação da guarda proletária, a disposição de **conselhos revolucionários eleitos pelos trabalhadores**. É necessário prestar uma atenção especial à organização do proletariado agrícola. E, sobretudo, são necessárias “a posição e a organização independentes do partido do proletariado.”

Esses conselhos, que possuem oitenta anos, surpreendem por sua atualidade. Ensinam táticas organizadoras, e contêm, em germe, toda a tática posterior do bolchevismo, em três revoluções.

A segunda mensagem do Comité Central à Liga Comunista, em junho de 1850, informa da situação da Liga Comunista na Bélgica, Alemanha, França, Suíça, Inglaterra.

Ante as debilidades das organizações locais, apresenta novamente uma série de tarefas táticas e organizadoras, entre as quais a mais importante é o trabalho, nas organizações proletárias, dos jornaleiros agrícolas, dirigidas por adversários, com o fim de conquistar seus membros, para a luta revolucionária de classes. Nessa mensagem, Marx apresenta também a questão da criação de organizações auxiliares:

“Mediante uniões mais amplas, nossa influência pode ser desenvolvida, com mais solidez, especialmente junto às ligas camponesas e associações esportivas.”

Todas as indicações tendem para a mais rápida e profunda penetração nas massas.

Como desencadear a ação, quando há constantes perseguições? No possível, legalmente; e onde seja impossível, ilegalmente. São esses os conselhos repetidos de Marx a seus partidários.

Membro de um partido ilegal, Marx foi, ao mesmo tempo, um inimigo de complôs. Traçava uma linha rigorosa de separação entre uma e outra coisa. A respeito é muito eloquente seu comentário sobre o livro de Chenu: “Os conspiradores, as sociedades secretas, etc.”, e sobre o “Nascimento da República de fevereiro de 1848” de L. de la Hodde. Ambos os livros apareceram em 1850, em Paris. Marx atacou vivamente os “alquimistas da revolução”, que “fazem a revolução sob forma improvisada”, quando não há nenhuma premissa para ela. Estes alquimistas da revolução “desprezam profundamente a educação teórica dos proletários e o esclarecimento de seus interesses de classe”. O isolamento das massas faz com que “a distância entre o conspirador profissional e o agente provocador seja constantemente menor”.⁽⁴⁾

A definição dos alquimistas da revolução teve brilhante confirmação na experiência dos anarquistas maximalistas, socialistas revolucionários e todos os partidos e grupos russos, que procuraram substituir a ação das massas pela de grupinhos de conjurados.

Quando, depois da sufocação da revolução de 1848, a reação atacou furiosamente o movimento revolucionário de todos os países, Marx prosseguiu trabalhando denodadamente no “O Capital”, publicando na imprensa inglesa, americana e alemã, uma série de artigos políticos, consagrados às questões da política corrente, mantendo, ao mesmo tempo, a ligação com todos os companheiros de ideias, e esforçando-se por ajudá-los com palavras e atos. Desde o início do ressurgimento do movimento proletário. Marx não deixou de intervir, ao mesmo tempo que os trabalhadores dos diferentes países sentiam-se novamente atraídos pelas relações mútuas. A viagem dos operários franceses à Inglaterra, e a confraternização dos trabalhadores ingleses e franceses, foi a causa imediata do aparecimento, em 1864, da Associação Internacional Comunista.

Pedro Kropotkine, apóstolo do anarquismo e patriota durante a guerra mundial, escreve que “a Internacional foi fundada sem a participação de Marx”.⁽⁵⁾

Kropotkine invoca uma carta a Engels, em que Marx lhe comunica haver assistido, em 28 de setembro de 1864, a um meeting no Sebert-Hall, como simples espectador. Kropotkine deduz daí que Marx não influenciou na fundação da I Internacional, alterando, preconcebidamente, a história, pois ocultou a seus leitores o fato notório de que só graças aos largos anos de esforços de Marx antes e depois destes acontecimentos, pôde a Internacional surgir e transformar-se numa farsa séria.

Mais adiante, na mesma carta, Marx relata, detalhadamente, como participou na elaboração do documento fundamental da I Internacional, a Proclamação Inaugural, e de seus estatutos, conseguindo dar a esse manifesto e estatutos um impecável caráter teórico e político.

Em sua carta de 4 de novembro de 1864, Marx descreve detalhadamente a Engels, as condições em que nasceu a A. I. T. e explica porque foi assistir ao meeting em Sebert-Hall.

“Sabia que desta vez ali se encontravam as verdadeiras forças, tanto de Londres como de Paris: por isso, decidi-me a abandonar minha norma habitual de declinar todo convite nessas condições.”

Neste meeting, foi escolhido um comitê, o qual elegeu uma subcomissão para elaborar a declaração de princípios.

O major Wolf — escreve Marx — propôs às Associações aproveitar-se dos Estatutos das sociedades operárias italianas, que são claramente obra de Mazzini e de Weston. Este último redigiu um programa extraordinariamente confuso e infinitamente extenso.

Esses projetos foram corrigidos por Lubez, sendo convocada depois a reunião plenária do comitê.

“Prevenido por Eccarius — escreve Marx — cheguei e fiquei verdadeiramente horrorizado ao ouvir a introdução lida pelo bom De Lubez, terrivelmente empolada, mal redigida, insensata, e isso pretendem ser uma declaração de princípios! A todos os momentos transparecia o espírito de Mazzini, apenas encoberto pelos mais nebulosos fragmentos do socialismo francês. Além de ter incorporado grandes trechos dos estatutos italianos, além de todas as deficiências, propunham-se fins completamente irrealizáveis, como a criação de uma espécie de governo central, (bem entendido, com Mazzini à frente), da classe proletária da Europa. Comecei a fazer uma oposição suave, e, após longas conversações, foi aceita a proposta de Eccarius, mandando a subcomissão submeter o trabalho a uma segunda redação”. (Marx e Engels, XXVIII).

Marx tomou a firme decisão de não conservar uma só palavra destes projetos. Quando lhes entregaram para ler excluiu todo o antigo texto e escreveu um manifesto à classe proletária, “espécie de síntese dos destinos da classe proletária, desde 1854”. Reformou a introdução, suprimiu a declaração de princípios, e, em lugar dos 40 parágrafos dos Estatutos, colocou somente dez.

“Todas as minhas propostas — escreve Marx — foram aceitas pela subcomissão. Somente, fui obrigado a introduzir no prefácio dos estatutos duas frases sobre ‘direitos e deveres’, a moral e a equidade; foram usados, porém, tais termos, que não podem causar nenhum mal. Era preciso ser forte na ação e moderado na forma.” (Marx e Engels, T. XXIII, p. 210).

Esses fatos da origem dos primeiros **documentos fundamentais da I Internacional** não podem ser discutidos, nem mesmo pelos anarquistas.

Isto prova que, se Marx não houvesse intervindo no assunto, Tolew, Weston e outros teriam adotado uma declaração sem conteúdo de valor, e encaminhariam a Associação Internacional de Trabalhadores por outros caminhos. Além disso, Marx manifestou grandes capacidades técnicas e de organização, obrigando todos os confucionistas a renunciarem a suas nebulosas teses e programas.

Que devemos considerar como mais importante na fundação da Internacional?

Os solenes discursos no meeting, Ou a elaboração do documento básico, a ata da fundação da internacional? Até hoje sempre acreditamos que Marx, formalmente à margem, encarregou-se do assunto e fundou a Internacional. Resulta, porém, não ser assim, porque aos anarquistas só interessa a forma e não o fundo.

Seguindo-se a Kropotkine, pode-se chegar à conclusão de que Marx, em geral, não tem nada com a Internacional, visto não ter sido seu presidente, nem seu secretário. Absteve-se de participar de alguns congressos, por se achar inteiramente consagrado à sua obra fundamental. Em abril de 1860, Marx escreve a Bolte, que não comparecerá ao Congresso de Genebra por estar terminando “O Capital”. Também não assistiu a outros congressos. Apesar de tudo, porém, todos os documentos básicos e teses principais foram elaborados por ele. Segundo Marx, se um congresso aprovasse um documento escrito por ele (mesmo que alguns contivessem afirmações não marxistas), significava, sob o ponto de vista político, um fato infinitamente mais auspicioso, que dezenas de discursos altissonantes.

A crermos em Kropotkine e discípulos, Marx e Engels nada teriam produzido. Chekerov afirma e Kropotkine repete, que Marx e Engels copiaram, simplesmente, o “Manifesto Comunista” de Cousiderant. O mesmo Chekerov, cujas afirmações são tomadas de empréstimo por Kropotkine, chega a afirmar que a obra de Engels, “A situação da classe proletária na Inglaterra”, é plagiada de um publicista francês, Bruré. É esse o “objetivismo” dos historiadores anarquistas, caluniadores infelizes de Marx, homem que lutou encarniçadamente contra o revolucionário oco e o charlatanismo anarquista.

Mesmo ocupado em sua obra fundamental, Marx não abandona as observações diárias dos acontecimentos internacionais. Em sua correspondência com Engels, encontramos enorme quantidade de matéria, extraordinária pelo volume e importância, atestando o trabalho de Marx. Ele escreve prospectos, apelos, corrige erros de amigos, critica os aliados, ataca furiosamente os inimigos, dá conselhos para este ou aquele caso, de acordo com as circunstâncias, intervém francamente, ou por meio de carta, ou valendo-se de um terceiro. Batia-se constantemente, por uma ideia: estabelecer os fundamentos do partido do proletariado, dando-lhes um programa revolucionário, e livrar, ainda que somente a vanguarda, da confusão ideológica, cujas raízes se achavam plantadas no passado histórico, e que impedia o desenvolvimento da ação proletária. Porém, quando Marx não podia escrever, Engels intervinha frequentemente, em prol da ideia de Marx, seguindo seus conselhos, ou atuando por iniciativa própria. Diariamente, apresentavam-se a Marx e Engels, novos problemas. Hoje, uma greve na Bélgica, Inglaterra ou França; amanhã, perseguições contra os membros da Internacional na França; depois, campanha de calúnias contra a Internacional; por vezes, tentativas para criar sindicatos ilegais nos Estados Unidos, ou renúncia dos trade-unionistas ingleses à luta política; aqui; maquinações proudhonianas e bakuninistas, rompendo a unidade política e orgânica da Internacional; além, penetração de elementos alheios às organizações operárias; cá, oportunismo de direita, acolá, sectarismo de esquerdas, etc.

Desde o momento da fundação da I Internacional, começou o movimento proletário a crescer impetuosamente em todo o mundo. Tornava-se necessário firmar, não só princípios teóricos justos, mas também indicações políticas e conselhos de organização. A posição de Marx e Engels no crescente movimento proletário era tão importante, que, mesmo que se quisesse, não poderiam livrar-se dos problemas táticos e de organização. Mas, como Marx não tinha o mesmo desejo de fugir às suas responsabilidades, interveio, por iniciativa própria, em todas as questões de programa, de tática e de organização do movimento proletário internacional; por esse motivo seu trabalho nos oferece hoje um modelo admirável de aplicação prática da teoria revolucionária. Marx percebia à distância tudo o que havia de podre e de falso no movimento socialista e só descansava depois de combatidas essas excrescências. Em 19 de outubro de 1877, escreve a Sorge:

“Exala mau cheiro a podridão do nosso Partido da Alemanha, não tanto entre as massas, como entre os dirigentes.”
 (“Trabalhadores e homens das classes privilegiadas.”)

Marx perseguia impiedosamente essa podridão, no domínio da teoria, da política e da tática.

Em meados de abril de 1879, Marx e Engels escrevem uma carta circular a Bebel, Liebknecht, Bracke e outros chamando atenção para a “trindade de Zurique” — Hochberg, Berenstein e Schramm, — requisitório esmagador contra todas as faces do oportunismo.

“A trindade de Zurique” pregava prudência e delicadeza de atitude, frente à burguesia, propondo quê a social-democracia desencadeasse enérgica propaganda entre as camadas superiores da sociedade, etc....

Marx e Engels escrevem, a respeito dessas “revelações”:

“Notamos aqui representantes da pequena burguesia que, transpirando terror por todos os poros, declaram que o proletariado, impelido por sua situação revolucionária na sociedade, pode ir demasiado longe. Mas, em lugar de decidida oposição política, temos uma conciliação; em lugar de luta contra o governo e a burguesia, uma tentativa para convencê-la e conquistá-la; em lugar de resistência decidida às perseguições, uma humilde submissão e reconhecimento de que o castigo é justificado.”^[6]

Quem são esses derrotistas? Qual sua origem política? A circular responde:

“É a mesma gente, que, afetando muita ocupação, além de não agir, não faz outra coisa a não ser falar. São os mesmos que, em 1848 e 1849, paralisados pelo medo, inativos, embaraçavam o movimento a cada passo, e, em frequentes ocasiões lavaram-no à derrota. Sentem a reação, e surpreendem-se, quando se vêm encalhados em banco de areia, onde a resistência e a fuga são igualmente impossíveis. Pretendem introduzir à força a teoria dentro dos limites de seu horizonte filisteu; mas, acima deles, a história, sem notar presença tão mesquinha, segue seu caminho.”^[7]

Esta excelente definição dos oportunistas alemães é de tal atualidade, que dá a impressão de ter sido escrita para definir especialmente a social-democracia alemã, do período do 3.º Reich de Hitler. E a magnífica carta de Marx a Engels termina declarando que o Partido não deve tolerar em suas fileiras indivíduos dessa espécie:

“Há quarenta anos anos, vimos apontando a luta de classes, como força motriz imediata da história; e, sobretudo, a luta de classes entre a burguesia e o proletariado, poderoso estimulante da revolução social contemporânea. Não podemos, por isso, de modo algum, marchar ao lado de indivíduos que pretendem afastar do movimento a luta de classes. Ao fundar a Internacional, formulamos, com toda clareza, nosso grito de reunir: a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores. Repugna-nos, por conseguinte, marchar ao lado de indivíduos que declaram abertamente que os trabalhadores são demasiadamente ignorantes, para emanciparem-se por si mesmos, necessitando, por isso, desde o princípio, dos grandes e pequeno-burgueses filantropos!” (K. Marx: “Obras escolhidas”. T. II p. 493).

Era com ensinamentos desse gênero que os fundadores do comunismo científico orientavam os chefes do partido social-democrata alemão. A carta circular constitui hoje notável documento político e de organização do comunismo internacional, justamente porque Marx jamais expunha uma tese teórica sem tirar conclusões práticas. Essa carta mostra todo o gênio tático de Marx. Acompanha passo a passo as mazelas do oportunismo, diz como é preciso combatê-las, e deduz conclusões de organização. Marx, que escrevera com mão de mestre a Proclamação Inaugural da I Internacional, com o propósito de unificar os diversos elementos do movimento proletário, e, no momento da criação do partido operário francês, manifestou-se pela admissão de elementos não marxistas, reclama, energicamente, a separação, quando o momento é azado, quando adverte que a presença de tais indivíduos ameaça desviar a diretriz política.

“A unidade é qualquer coisa de magnífico — escreve Engels a Bebel em 28 de outubro de 1881 — enquanto pode manter-se. Porém, há coisa mais importante que a unidade.” (“Obras escolhidas”).

Marx condena o oportunismo, o espírito de adaptação, a subordinação dos interesses da classe proletária aos interesses dos partidos burgueses, ataca violentamente elementos alheios, infiltrados no socialismo, declarando-se ao mesmo tempo, não com menor violência e paixão, contra a frase de esquerda, que encobre o mesmo oportunismo. Quando os comunistas alemães dos Estados Unidos começaram, depois da desorganização da Internacional, a isolar-se em grupo estritamente sectário, considerando indigno trabalhar nas organizações reacionárias, Engels escreve uma carta a Wichnevetski, onde explica que o essencial é a luta contra o sectarismo; é indispensável integrar-se nas organizações proletárias de massas, e, isolar-se delas equivale a isolar-se da classe proletária.

“Considero — escreve Engels a Wichnevetski, em 28 de dezembro de 1866 — que ‘os cavaleiros do trabalho’ são um fator importante que não deve ser desprezado, nem posto à margem; ao contrário, seria necessário insuflar-lhes o espírito revolucionário desde já. Exigir que os americanos comecem pelo conhecimento completo da teoria elaborada nos velhos Estados industriais, é exigir o impossível. Não se deve aumentar a confusão, inevitável nas primeiras ações, obrigando as massas a assimilar questões, que, embora num futuro próximo lhes sejam compreensíveis, no momento atual não lhes parecem bem claras.”⁽⁸⁾

Algumas semanas depois, Engels volta à questão, e, em carta de 27 de janeiro de 1887, escreve a Wichnevetski:

“Toda a vossa atividade prática demonstra ser possível incorporar-se ao movimento geral da classe proletária, em qualquer ponto de seu percurso, sem necessidade de perder, ou ocultar a posição própria, nem a própria organização. Temo que nossos amigos americanos cometam um erro crasso, se em vez de seguirem este caminho, persistirem em outro.” (“Cartas”).

Estas indicações táticas de Engels não perderam a sua atualidade. São oportunas e vivas. **Quanto mais estudarmos a herança de Marx e Engels, encontraremos maior número de indicações táticas e de organização, aplicáveis ao movimento proletário atual.**

Marx esteve à frente do comunismo internacional, durante longas décadas. Era um inimigo mortal do capitalismo, e, portanto, foi o “homem mais odiado e mais caluniado” (Engels). Todavia, isto era o que menos o preocupava. Prosseguia seu caminho, certo de que era o caminho dos melhores elementos da classe proletária, de milhões de trabalhadores. Em 25 de outubro de 1881, Engels escreve a Berenstein:

“Com seus trabalhos teóricos e práticos, Marx conquistou uma situação tal, que os melhores homens do movimento proletário dos diferentes países, lhe dedicam inteira confiança. Nos momentos decisivos, dirigem-se a ele, solicitando conselhos, e comprovam habitualmente que seus conselhos são os melhores...”

Desse modo, vemos que não é Marx quem impõe aos outros sua opinião, e muito menos sua vontade. São os outros que se dirigem a ele. É precisamente, neste fato, que se estriba a influência particular de Marx, sumamente importante para o movimento.” (“Obras escolhidas”).

Marx não viveu, até o dia da vitória do marxismo, em uma sexta parte do globo; porém, tinha a certeza da vitória da classe proletária, e a preparava com afã, politicamente dando-lhe organização, para derrubar a burguesia. Produzem por isso impressão ridícula os esforços dos sociais-fascistas, para demonstrar que Marx, se ainda vivesse, estaria hoje a seu lado. De todas as tentativas, a mais cômica é o artigo de um dos teóricos do Partido Trabalhista Inglês, Woodburn, com o título: “Ingressaria Marx no Partido Trabalhista?”⁽⁹⁾. Miter Woodburn responde afirmativamente a essa interrogação, porque o “Manifesto Comunista” coincide com o programa atual do Partido Trabalhista. Marx trabalhista! Francamente, o cinismo social-fascista não tem limites!

Os inimigos do marxismo revolucionário, ambicionando minar a autoridade de Marx, entre as massas, assinalam, frequentemente com maligno regozijo, os erros de Marx e Engels na apreciação do grau de adiantamento do processo histórico. Já em 1907, porém, Lenine refutou a todos esses presumidos, escritores e profetas do passado:

“Sim, Marx e Engels equivocaram-se muito, e, frequentemente, na determinação da proximidade da revolução, e na esperança da vitória. Porém, estes erros dos colossos do pensamento revolucionário, que erguiam e erguem o proletariado acima do nível das preocupações quotidianas e imediatas, são mil vezes mais nobres, majestosos e **historicamente mais valiosos e verdadeiros** que a mesquinha sabedoria do liberalismo oficial, que pondera, proclama, bufa e tagarela a propósito da esterilidade da ação revolucionária, e das belezas das divagações contrarrevolucionárias “constitucionais.”⁽¹⁰⁾

Essas linhas só podiam ser escritas por um homem familiarizado com o espírito, com a essência da doutrina de Marx. Essa linguagem só podia ser de Lenine, que, muito antes de outubro, pressentia a aproximação da vitória do marxismo. E, se depois da bancarrota dos marxistas oportunistas, o marxismo ressurgiu com mais vigor; se o marxismo domina a sexta parte do globo terrestre e faz estremecer,

atualmente, todo o mundo capitalista; se o espírito de Marx anima as greves, os choques armados, as lutas dos desempregados e os movimentos de massas dos trabalhadores dos países capitalistas; se a bandeira rubra do marxismo flameja na China soviética, nas sublevações das massas oprimidas e deserdadas da Indochina, da Índia e do continente negro; se tudo isso acontece é porque **Marx aliava a teoria à prática revolucionária.**

Marx sabia que, “sem teoria revolucionária, não pode haver movimento revolucionário” (Lenine). Foi ele quem anexou ao tesouro do comunismo internacional a ideia de que “a teoria é um peso morto se não se liga à prática revolucionária; e a prática torna-se cega, se não ilumina seu caminho com a teoria revolucionária”. (Stalin).

Por isso, Marx entrou na história do movimento proletário mundial, não só como um grande teórico, mas também como um chefe e organizador genial da classe proletária. Por isso, podemos afirmar com toda a razão, que, **sem a teoria marxista e a prática revolucionária, não há, nem pode haver, movimento sindical revolucionário.**

Notas de rodapé:

(1) Internacional Comunista — Maio de 1933.

(2) Karl Marx: “Obras escolhidas”. T. VIII, pgs. 481-2.

(3) Karl Marx: “Obras escolhidas”. T. VIII, pgs. 481-2.

(4) Karl Marx: “Obras escolhidas”. T. VIII, pgs. 300-301.

(5) Ver “A Ciência Contemporânea e a Anarquia” — Moscou, 1921, pg. 66.

(6) Karl Marx: “Obras escolhidas”. T. II p. 492.

(7) Karl Marx: “Obras escolhidas”. T. II p. 492.

(8) Cartas de Marx e Engels a Sorge e outros, pág. 273-4.

(9) Vorwärts — 3 de setembro de 1932.

(10) Lenine: T. II. Ed. 3ª, p. 178.



Capítulo XI

Pelo Marxismo-Leninismo no Movimento Sindical

O marxismo é monolítico, como seu criador. O socialista inglês Hyndman relata em suas memórias:

Lembro-me de ter dito, a Marx, certa vez, que à medida que ia envelhecendo, parecia mais tolerante. Mais tolerante? — replicou ele — **Mais tolerante?!..** Era evidente que ele nunca seria mais tolerante.⁽¹⁾

Este pequeno-burguês, mais tarde adepto do imperialismo inglês, viu perfeitamente o traço essencial de Marx, que é também do marxismo. O marxismo revolucionário não se transforma, “com o passar dos anos”, numa ideia mais tolerante com os inimigos de ideias e de política. A força do marxismo revolucionário reside, precisamente, em sua intransigência. Esta intolerância ideológica e política do marxismo foi posta como base do partido bolchevista, sendo fio condutor da atividade teórica e política de Lenine, o genial discípulo de Marx.

Marx lançou as bases da doutrina sindical. Determinou a posição dos sindicatos no Estado capitalista. Estabeleceu a justa correlação entre a luta econômica e política. Demonstrou a proeminência da luta política sobre a luta econômica. Assinalou os limites da atividade dos sindicatos, elaborando a tática sindical sob a base da luta revolucionária de classe, ligando, organicamente, a luta pelas reivindicações imediatas à luta pelo objetivo final.

Segundo demonstrou Marx, os sindicatos que não lutam contra a burguesia transformam-se, nas mãos desta em arma contra os interesses do proletariado. **Marx definiu o passado, presente e futuro dos sindicatos, nos países capitalistas.** Porém, não podia definir o papel dos sindicatos, depois da conquista do poder pela classe proletária, nem o lugar que ocupariam, no sistema da ditadura do proletariado. Isto foi feito pelo grande discípulo e continuador de Marx, o fundador e organizador do Partido Comunista bolchevista russo, Lenine. Este assim fez, partindo da teoria de Marx. Baseado na experiência do movimento proletário mundial, e de uma série de revoluções, Lenine enriqueceu e desenvolveu o marxismo. E isto nos faz dizer que “o leninismo é o marxismo da época do imperialismo e da revolução proletária,” ou, com mais propriedade, “o leninismo é a teoria e a tática da revolução proletária em geral, e a teoria é a tática da ditadura do proletariado em particular”. (Stalin).

Lenine elaborou teórica e praticamente todos os problemas da ditadura do proletariado, e não pôde, portanto, deixar de ocupar-se com os sindicatos, que representam um apoio importantíssimo à ditadura proletária.

Qual, pois, a ideia orientadora de Lenine, na questão dos sindicatos? Era a ideia já formulada por Marx: os sindicatos são a escola do comunismo. Esta fórmula, apesar de lacônica, é um rico manancial de ideias. Com efeito, apoiam-se nela algumas ideias diretrizes:

1. os sindicatos são organizações que devem englobar toda a classe;

2. os sindicatos conduzem politicamente as massas ao espírito do comunismo, elevando sua consciência até atingir o reconhecimento das missões do partido com as massas, isto é, da vanguarda com a classe;
3. os sindicatos mantêm a luta contra o capital, sob a direção do partido revolucionário do proletariado.

Existem “teóricos” que não conseguem ocultar sua surpresa, ante a fórmula “os sindicatos são escolas de comunismo”, porque entendem a palavra “escola” em seu sentido estrito e gramatical. A diferença entre uma escola comum e os sindicatos consiste no fato destes serem escola de classe, reunindo trabalhadores dispersos, realizando um trabalho prévio de transformação destes trabalhadores em classe, não **mediante instrução livresca**, mas graças à educação que se aprende no combate de classe. Nos países capitalistas esta educação se adquire nas lutas contra o capital, (greves, paradas, revoltas e todas as demais formas de luta).

Na União Soviética, adquire-se na participação positiva dos **sindicatos**, na construção do socialismo, na participação na administração, na economia nacional, na emulação socialista, no trabalho de adaptação, na disciplina do trabalho, na elaboração do nível material e cultural das massas, etc.

Tanto em um como em outro caso, trata-se de uma escola de tipo **especial**, e os que imaginam os sindicatos como escola ordinária, são apenas neófitos nas questões do marxismo-leninismo. Poder-se-ia crer certamente, que a fórmula “os sindicatos são a escola do comunismo” é clara, especialmente para os membros do Partido Comunista da U. R. S. S. Porém, com um exame minucioso em nossa literatura sindical, observaremos a conclusão reinante entre alguns teóricos. Vejamos, por exemplo, o que escreve o companheiro V. Yarotski, erigido em “teórico”, nos tempos do companheiro Towski:

“A fórmula ‘escola de comunismo’ não é completa. Uma definição científica deve separar, com previsão, um fenômeno determinado da cadeia de fenômenos afins. A fórmula deve ser redigida de maneira a conter somente o fenômeno dado. E é isto que falta, precisamente, à fórmula ‘os sindicatos são a escola do comunismo’. O Partido Comunista não é, por acaso, uma escola de comunismo? Não preenche, qualquer clube operário, na realidade, o papel de escola de comunismo? Os métodos de ação pedagógica sobre seus membros são diferentes em cada organização. A composição de seus membros é também diversa. **Porém, todas elas são escolas de comunismo, na mesma proporção em que o é uma cooperativa proletária.** Desta maneira, a fórmula “os sindicatos são a escola do comunismo” enfeixa, em uma determinada escola de desenvolvimento da classe proletária, todas as organizações da mesma.

Aliás, é evidente que esta fórmula, definindo as funções dos sindicatos, não permite traçar linhas divisórias precisas e distintas em medida determinada, entre os sindicatos profissionais e as demais organizações proletárias. Evidentemente, esta fórmula é insuficiente”.⁽²⁾

A fórmula “os sindicatos são a escola do comunismo”, diz nosso candidato a teórico, é incompleta e insuficiente. O próprio Yarotski cita, ao explicar essa fórmula, as palavras de Lenine:

“Os sindicatos são uma escola, escola de unificação, escola de solidariedade, de defesa dos interesses proletários, escola de direção e administração.”

Resulta, sem dúvida, que estas explicações não satisfazem ao severo “crítico”. A fórmula de Lenine “é incompleta e insuficiente”. Por quê? Porque o Partido, um clube operário, a cooperativa, são também escolas de comunismo. E nós não suspeitávamos de que o Partido fosse uma escola! Nós, com Lenine e a I. C., considerávamos até agora o P. C. da U. R. S. S. como a vanguarda da classe proletária.

Estes arrazoados antileninistas têm sua raiz na completa incompreensão do que é o Partido. Ouçamos a respeito o II Congresso da Internacional Comunista, na resolução elaborada e adotada, com a direta participação de Lenine:

“O Partido Comunista é uma parte da classe proletária; porém, é claro, a mais avançada, a mais consciente, e, portanto, a mais revolucionária. O Partido Comunista é formado pela seleção dos melhores trabalhadores, dos mais conscientes, dos mais abnegados e inteligentes. Os interesses do Partido Comunista são os interesses da classe proletária. O Partido Comunista distingue-se da massa dos trabalhadores, quando, ao assinalar seu caminho histórico, esforça-se por defender em todas as suas curvas, não os interesses de grupos isolados, de profissões, mas os da classe proletária em geral. O Partido Comunista é o alicerce político e da organização, sobre o qual se eleva a parte mais avançada da classe proletária, que conduz por caminho certo toda a massa do proletariado e do semiproletariado.”⁽³⁾

Como essas palavras se parecem pouco com os vagidos infantis do professor Yarotski, ao afirmar que o Partido Comunista é, também, escola de comunismo! Yarotski, como os outros “críticos” do marxismo, embarafusta-se e desorienta-se na questão fundamental do marxismo-leninismo; Partido — sindicato — classe.

V. Yarotski, após escorregar na fórmula “o sindicato é a escola do comunismo”, tenta em outras páginas dar uma definição melhor e mais completa dos sindicatos. Fracassa, certamente, em sua tentativa, porque seu ponto de vista é falso. Eis o que nos propõe Yarotski, em lugar da fórmula, de Marx e Lenine:

“A organização sindical, como tal, é sempre (?), em todos os tempos (?) e em todos os países (?), o agrupamento proletário mais adequado ao nível oscilante e cada vez mais elevado da consciência de classe.”⁽⁴⁾

Esta é a fórmula “universal”, “completa”, para todos os tempos(!), para todos os povos e países, se considerarmos somente o valor das palavras, indubitavelmente teremos uma fórmula mais completa; porém, sob o ponto de vista da significação, é um modelo de verborragia descontrolada, quanto ao fundo, e “científica”, quanto à forma.

Yarotski deseja que renunciemos à “incompleta” e “insuficiente” fórmula do marxismo-leninismo, para a substituímos por seu embrulhado palavrório. Com efeito, não se pode acusá-lo de modéstia exagerada... Não; preferimos ficar com a fórmula incompleta e insuficiente” de Marx-Lenine, do que com a “completa”.... porém, cheia de tolices e pretensões (para todos os tempos, todos os povos, todos os países e todos os sindicatos) de Yarotski, professor... de confusão...

Como se sabe, foi também da questão sindical que Trotski iniciou sua marcha para trás, até alcançar a social-democracia. A discussão sindical provou que não compreendia, e era incapaz de compreender, o significado da fórmula “os sindicatos são escola de comunismo”. E chegou a alterar tão monstruosamente as ideias de Marx e Lenine, sobre o papel dos sindicatos, que foi combatido impiedosamente por Lenine, Stalin e todo o Partido. No VI volume dos trabalhos de Lenine, foi publicado o folheto de Trotski, “O papel e os objetivos dos sindicatos”, com as observações de Lenine. Este acompanha os comentários de Trotski, com observações como estas: “É falso”, “absurdo”, “sindicalista”, “que confusão”, “que palavreado”! etc...

O palavrório e os problemas, partido-sindicato-classe, conduziram Trotski ao campo da contrarrevolução.

Marx e Lenine, ao definir os sindicatos, não consideravam todos os sindicatos, em todos os tempos e em todos os países, como a escola do comunismo. Referiam-se unicamente aos sindicatos, que mantêm, sob a direção do Partido, luta de classe contra os capitalistas e o sistema capitalista. Marx e Lenine odiavam os dissimuladores, que ocultavam sua impotência e ignorância teórica, com razões “científicas”.

Assiste-nos o direito de fazer esta pergunta: o movimento sindical da revolução vitoriosa, o movimento sindical que se alastrou, baseado nos ensinamentos de Marx, e sob a direção de Lenine, tinha, por acaso, necessidade, nos tempos de Trotski, de “teoria” e de “teóricos” desta espécie?

A doutrina sindical de Lenine é a aplicação e o desenvolvimento, dentro das novas condições, dos conceitos fundamentais de Marx. Extremamente aplicado à questão dos sindicatos, Lenine conseguiu compreender, melhor e mais profundamente do que outro qualquer, a essência do marxismo e o método de Marx. Lenine não só prosseguiu na elaboração da teoria do movimento sindical (trataremos disso num livro especial), como estabeleceu e definiu a estratégia e a tática antes, durante e após a revolução proletária. Em que consiste a estratégia e a tática do leninismo?

“A estratégia e a tática do leninismo — escreve o companheiro Stalin — é a ciência da direção da luta revolucionária do proletariado.”⁽⁵⁾

Portanto, a luta revolucionária é a missão principal dos sindicatos. Conseguindo dominar com perfeição o método de Marx, Lenine tornou-se o maior estrategista da luta de classes. Citarei somente um dos inúmeros exemplos. Em artigo destinado ao dicionário de Granat, que devia ser submetido à censura czarista, Lenine declara, a propósito da tática proletária, tal como a concebia Marx:

“Para Marx, a finalidade fundamental da tática do proletariado consistia na concordância rigorosa da mesma com todas as premissas de sua concepção materialista dialética. Só a consideração objetiva de todo o conjunto de relações recíprocas, existentes, sem exceção, entre todas as classes da sociedade, e, portanto, a consideração do grau objetivo de evolução da dita sociedade, e, também, das relações recíprocas com outras sociedades, pode servir de base a uma tática justa da classe avançada. Além disso, todas as classes e todos os países são considerados, não em seu aspecto estático, mas em seu aspecto dinâmico, isto é, não no estado de imobilidade, mas em movimento, (cujas leis derivam das condições econômicas de existência, de cada classe). O movimento, por sua vez é considerado, não só sob o ponto de vista do passado, mas também sob o ponto de vista do futuro. Não só é considerado segundo a concepção vulgar dos “evolucionistas”, que só vêm as pequenas modificações, mas também dialeticamente.

Vinte anos são iguais a um dia nos acontecimentos históricos — escreve Marx a Engels — embora ulteriormente possamos ver dias, que, em cada um, concentrem vinte anos.

Em cada fase da evolução, em cada momento, a tática do proletariado deve ter em conta a inevitável dialética objetiva da história humana.

De um lado, deve ser utilizada para o desenvolvimento da consciência, das forças e da capacidade de combate da classe avançada, às épocas de paralisação política ou de evolução “passo de tartaruga”, “de evolução pacífica”. E, por outra parte, orientando todo esse trabalho de utilização para o “objetivo final do movimento” da classe, e para a criação na mesma de uma aptidão para resolver praticamente as grandes tarefas, nos grandes dias que “concentram em si vinte anos cada um.”⁽⁶⁾

Só o maior discípulo de Marx, o grande mestre da revolução proletária, podia definir assim a tática do proletariado.

Lenine demonstrou **na ação** como se deve atuar quando chegam “as grandes jornadas, em que cada uma concentra vinte anos”.

Porém, Lenine, como Marx, não pôde prever tudo. Lenine não deu nem pôde dar uma solução ao problema do papel e das tarefas dos sindicatos no período da reconstrução. Essa questão foi elaborada e resolvida pelo melhor discípulo de Marx e de Lenine, o camarada Stalin. Isso mais uma vez demonstra que o marxismo não é um dogma, nem uma doutrina fixa, eternamente imutável. A metafísica jamais tomou parte nos ensinamentos e no método de Marx. O marxismo é uma lição revolucionária que nos faz compreender a sociedade onde vivemos, e nos permite transformá-la. É “a teoria e o programa dos proletários de todos os países” (Lenine). O marxismo é inimigo acérrimo da teoria e da prática “da harmonia das classes”; “não tem nada a ver com o oportunismo, que representa a aliança de parte dos proletários com a burguesia, contra os interesses das massas do proletariado.” (Lenine).

Conclui-se daí, que só os sindicatos, partidários da luta de classe contra a burguesia e seus apologistas ideologistas auxiliares e aliados políticos, têm o direito de erguer a grande bandeira do marxismo — leninismo.

★ ★ ★

A Associação Internacional de Trabalhadores reuniu de vez os partidos políticos e os sindicatos. Os inimigos de Marx atacavam-no então pelos dois flancos. Uns eram de opinião que a Internacional devia agrupar somente os sindicatos; outros, que a Internacional só se devia compor de partidos políticos. Porém, estes críticos não compreendiam toda a significação de princípio, da estrutura da Associação Internacional de Trabalhadores..

A I Internacional, tanto por sua estrutura, como por sua teoria e tática, foi, graças a Marx, muito superior a suas partes integrantes.

A I Internacional desagregou-se devido às irreconciliáveis divergências ideológicas e políticas, e pelo esmagamento da “Comuna”. O historiador da II Internacional, G. Seidel, pensa de outra maneira. Afirmar que “a disputa teórica entre Marx e Bakunin, especialmente nas questões de **organização** (sublinhado por Seidel), serviu de causa imediata à cisão e conseqüente dissolução da I Internacional.”⁽⁷⁾

Isso é falso. As divergências de organização eram conseqüência das divergências **políticas**, portanto, as divergências de organização jamais foram a **causa**, mas o pretexto para a cisão. A queda da “Comuna” de Paris foi um golpe irreparável na I Internacional, que não pôde continuar existindo nessa primeira forma histórica.⁽⁸⁾

Esta observação de Marx sobre a influência das guerras e revoluções nos destinos das agrupações internacionais, foi ratificada pela história. A queda da “Comuna” de Paris conduziu à dissolução da I Internacional. A guerra de 1914-1918 conduziu à bancarrota ideológico-política da Internacional socialista e da Internacional Sindical. A Revolução de outubro de 1917 serviu de ponto de partida para a criação da Internacional Comunista e da Internacional Sindical Vermelha. A I Internacional se desmembrou, apesar de haver adotado uma conduta irrepreensível em face da guerra e da revolução. A II Internacional desmembrou-se, por colocar-se do ponto de vista da colaboração de classes, o que não deixou de provocar a sua queda, no início da guerra. A Internacional Comunista surgiu e converteu-se em grande potência mundial, graças à continuação da linha revolucionária de Marx, em novas circunstâncias, numa época de guerras e revoluções sociais.

A I Internacional desagregou-se porque suas partes integrantes (bakuninistas, blanquistas, proudhonianos e trade-marxistas) eram socialistas pequeno-burgueses, que arrastavam a Internacional à política pequeno-burguesa, desviando-a da política proletária.

Apesar da incessante luta política de organização, travada no seio da Internacional, esta firmou de vez a questão sobre a possibilidade dos sindicatos serem membros da A. I. T.. Naquela ocasião, era uma premissa indispensável, para ressaltar a significação política dos sindicatos, e a necessidade de sua unificação internacional. O IV Congresso da I Internacional, celebrado em 1859, em Basileia, decidiu:

“Considerando que o caráter internacional do trabalho e do capital exige a organização internacional dos sindicatos, o Congresso encarrega o Conselho Geral de criar uma unificação internacional dos sindicatos.”

A I Internacional não teve tempo de realizar essa decisão. Ao ser criada a II Internacional (1889), os sindicatos participaram de seus congressos, e, somente muito tempo depois (1901), foi criado o secretariado sindical internacional, que passou a ter a forma de uma organização, com iguais direitos, demonstrando assim a dualidade política do movimento proletário social-democrata internacional. Esta dualidade aparente, ao lado da unidade política interior, facilitava aos oportunistas a tarefa de impelir os trabalhadores não social-democratas, atrás da burguesia. Chamavam a isto, conduzir os proletários “à bandeira da mentalidade e independência.”

A Internacional Comunista seguiu nesta questão, desde os primórdios, o caminho da Associação Internacional de Trabalhadores.

No II Congresso da Internacional Comunista, tomaram parte também representantes dos sindicatos revolucionários, e, em particular, da C.N.T. anarco-sindicalista da Espanha. O regulamento adotado pelo II Congresso da Internacional Comunista, diz:

“Os sindicatos que se colocam no terreno do comunismo, e que formam grupos internacionais sob o controle do Comité Executivo da I.C., constituem uma Seção Sindical da Internacional Comunista. Os sindicatos comunistas enviam um representante ao Comité Executivo da I. C., com direito a voz e voto. O Comité Executivo da I. C. tem o direito de enviar à Seção Sindical da I.C., seu representante, com direito a voz e voto.”

Esse ponto de vista da Internacional Comunista exposto em uma série de documentos, antes já do II Congresso, serviu de ponto de partida para a diferenciação política nos sindicatos revolucionários. Os sindicatos, solidamente conquistados pelos comunistas, empreenderam a cristalização orgânica da orientação recebida. Assim, o III Congresso dos Sindicatos da Federação de Repúblicas Socialistas Soviéticas Russas (março de 1920), adotou a seguinte resolução, sobre o movimento sindical internacional:

“A luta do proletariado internacional realiza-se, não para a reforma do capitalismo, mas para a sua abolição. No transcorrer da luta revolucionária, todos os elementos revolucionários conscientes unem-se, em maior quantidade e com mais decisão dia a dia, nas fileiras da III Internacional, como organização que encarna a revolução proletária mundial. Os sindicatos russos, que participaram ao lado do Partido Comunista, na luta contra o capitalismo na Rússia, não podem permanecer fora da III Internacional; por isso, o III Congresso dos Sindicatos resolve:

Ingressar na III Internacional Comunista, convocando os sindicatos revolucionários de todos os países a seguir o exemplo proletariado russo organizado.”⁽⁹⁾

Só o movimento sindical mais avançado, dirigido pelo Partido Bolchevista, pôde adotar tal decisão. Entre os sindicatos revolucionários dos países capitalistas, que apenas começavam a cristalizar-se no seio do movimento reformista e anarquista, a Resolução do III Congresso foi interpretada como uma limitação do papel dos sindicatos. Os anarco-sindicalistas, que, naquele período, estavam inclinados a unir-se conosco, começaram a experimentar dificuldades, ante os ataques dos anarquistas, que interpretavam as decisões da Internacional Comunista, como expressão da independência orgânica dos sindicatos, etc.

Era evidente que esta resolução, justa em princípio, e de conformidade com as tradições da Internacional, era prematura e podia retardar o desenvolvimento do movimento sindical revolucionário nos países capitalistas, a caminho da Internacional Comunista. Quando a C.G.T.U. francesa apresentou, em 1922, como condição de ingresso à I.S.V., a representação recíproca dos Executivos da Internacional Comunista e da I.S.V., aceitamos, seguindo o conselho de Lenine, e assinalamos, em nossa declaração, que continuaríamos reconhecendo o papel dirigente da Internacional Comunista em relação à Internacional Sindical Vermelha. A experiência demonstrou ser melhor aplicar nossa política, por meio da facção comunista, do que por meio de uma representação recíproca estatutária. Porém, a questão de princípio, apresentada pela Associação Internacional de Trabalhadores, por sua estrutura e princípios, continua subsistindo. Entrarão algum dia os sindicatos revolucionários na Internacional Comunista ou seu ingresso é inadmissível, sob o ponto de vista de princípios? Esta pergunta só pode ter uma resposta: sob o ponto de vista de princípios, é provável e politicamente admissível.

O tipo de estrutura da Internacional revolucionária não significa a fusão do Partido com os sindicatos, nem a dissolução do Partido nos sindicatos; é, simplesmente, a síntese das duas formas do movimento proletário, em uma Internacional única. Sublinhei: de duas, e não de todas as formas do movimento proletário, porque, depois da vitória da Revolução de outubro, a antiga divisão clássica do movimento proletário em três formas, — partido, sindicatos e cooperativas — caducou.

A revolução proletária na Rússia destacou os Soviets como forma fundamental da ditadura do proletariado. Num futuro próximo, será estabelecida a seguinte divisão:

1. Partido,
2. Soviets,
3. Sindicatos por indústria.⁽¹⁰⁾

A vitória da revolução proletária não resolveu o velho problema: partido — sindicato — classe. Apresenta-o, porém, sob nova forma. Se os sindicatos devem reunir “de modo absoluto, todo proletariado” (Lenine), o Partido agrupa em si, durante o período de transição, somente a vanguarda, que constitui a parte mais avançada, mais consciente. Cogitar, durante o período de transição, do problema da fusão do Partido com os sindicatos, significa cogitar da fusão do Partido com a classe, isto é, a dissolução do Partido na classe, o desaparecimento do Partido, coisa absolutamente inconcebível sem a abolição das classes e sem a implantação do comunismo, no mundo inteiro.

A respeito, a mesma resolução do II Congresso da Internacional Comunista, corrigida e completada por Lenine, dá a seguinte resposta:

“A necessidade de um partido político do proletariado só desaparece, quando deixarem de existir as classes sociais. Em sua marcha para a vitória definitiva do comunismo, é possível que o peso específico das três organizações proletárias fundamentais da atualidade (partido, Soviets e sindicatos de indústrias) mude, **e que se vá cristalizando, gradualmente, em um tipo único de organização proletária.** Mas, o Partido Comunista só se dissolverá no seio da classe proletária, **quando o Comunismo deixar de ser um objetivo de luta e toda a classe proletária converter-se a ele.” (II Congresso da I.C.).**

Por isso, não se pode nem se deve cogitar atualmente da fusão do Partido com os sindicatos. Não resta dúvida porém, que, quando atingirmos uma etapa determinada, poder-se-á empreender a criação de uma Internacional única.

A Internacional Comunista cresceu, paralelamente à U.R.S.S., e ao desenvolvimento do movimento proletário internacional. À proporção que a Internacional Comunista e a Internacional Sindical Vermelha conquistem as massas do reformismo internacional, e se produza a concentração das forças do proletariado mundial sob a bandeira do comunismo, aumentará e se robustecerá a ligação entre a Internacional Comunista e o movimento sindical revolucionário mundial. Destarte serão criadas as condições para a existência de uma **Internacional única de combate.** Assim uma vez alcançada uma etapa determinada da luta, a Internacional Sindical Vermelha poderá ser também, organicamente, parte da Internacional Comunista.

Estas perspectivas não são inventadas.

Baseiam-se no inventário das tendências do desenvolvimento da política, da economia e do movimento proletário mundial. Alicerçam-se em massa firme e inabalável convicção científica de que a vitória do marxismo-leninismo no mundo inteiro é definitiva e segura.

Em toda a nossa política, estratégia e tática, guiamo-nos por esta máxima de Lenine: **“A doutrina de Marx é toda-poderosa, porque é verdadeira.”**

Notas de rodapé:

(1) Lenine: “Hyndmann sobre Marx”.

(2) V. Yarotski: “A história, a teoria e a prática do movimento sindical”. — I.a parte: “A essência do movimento sindical”, Ed. da C. G. T. Soviética, p. 31-32.

(3) II Congresso da I. C. Relatório Taquigráfico.

(4) Yarotski: “A história, teórica e prática do movimento sindical”.

(5) Stalin: “Fundamentos do Leninismo”.

(6) Lenine. T. XX — 1.º ponto. p. 493.

(7) G. Seidel: “Ensaio sobre a história da II Internacional”.

(8) K. Marx: Crítica do Programa de Gotha.

(9) Resoluções e decisões do III Congresso Sindical.

(10) Sobre o papel do Partido Comunista na revolução proletária, ver versão taquigráfica do II Congresso da I. C., pg. 512.